



**REI NEGRO**  
Coelho Neto





# REI NEGRO

## Coelho Neto

Prefácio: Cláudio Murilo Leal





Os Correios, reconhecidos por prestar serviços postais com qualidade e excelência aos brasileiros, também investem em ações que tenham a cultura como instrumento de inclusão social, por meio da concessão de patrocínios. A atuação da empresa visa, cada vez mais, contribuir para a valorização da memória cultural brasileira, a democratização do acesso à cultura e o fortalecimento da cidadania.

É nesse sentido que os Correios, presentes em todo o território nacional, apoiam, com grande satisfação, projetos da natureza desta Biblioteca Básica Brasileira e ratificam seu compromisso em aproximar os brasileiros das diversas linguagens artísticas e experiências culturais que nascem nas mais diferentes regiões do país.

A empresa incentiva o hábito de ler, que é de fundamental importância para a formação do ser humano. A leitura possibilita enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim, os Correios se orgulham em disponibilizar à sociedade o acesso a livros indispensáveis para o conhecimento do Brasil.

*Correios*



O livro, essa tecnologia conquistada, já demonstrou ter a maior longevidade entre os produtos culturais. No entanto, mais que os suportes físicos, as ideias já demonstraram sobreviver ainda melhor aos anos. Esse é o caso da Biblioteca Básica Brasileira.

Esse projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro teve suas sementes lançadas em 1963, quando foram publicados os primeiros dez volumes de uma coleção essencial para o conhecimento do país. São títulos como *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala*, *A formação econômica do Brasil*, *Os sertões* e *Memórias de um sargento de milícias*.

Esse ideal foi retomado com a viabilização da primeira fase da coleção com 50 títulos. Ao todo, 360 mil exemplares serão distribuídos entre as unidades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, contribuindo para a formação de acervo e para o acesso público e gratuito em cerca de 6.000 bibliotecas. Trata-se de uma iniciativa ousada à qual a Petrobras vem juntar suas forças, colaborando para a compreensão da formação do país, de seu imaginário e de seus ideais, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional.

*Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A.*





## SUMÁRIO

Apresentação	xi
Prefácio – Cláudio Murilo Leal	xiii
Capítulo – I	3
Capítulo – II	16
Capítulo – III	35
Capítulo – IV	50
Capítulo – V	77
Capítulo – VI	98
Capítulo – VII	114
Capítulo – VIII	126
Capítulo – IX	142
Capítulo – X	168



A Fundação Darcy Ribeiro realiza, depois de 50 anos, o sonho sonhado pelo professor Darcy Ribeiro, de publicar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira – a **BBB**.

A **BBB** foi formulada em 1962, quando Darcy tornou-se o primeiro reitor da Universidade de Brasília – UnB. Foi concebida com o objetivo de proporcionar aos brasileiros um conhecimento mais profundo de sua história e cultura.

Darcy reuniu um brilhante grupo de intelectuais e professores para, juntos, criarem o que seria a universidade do futuro. Era o sonho de uma geração que confiava em si, que reivindicava – como Darcy fez ao longo da vida – o direito de tomar o destino em suas mãos. Dessa entrega generosa nasceu a Universidade de Brasília e, com ela, muitos outros sonhos e projetos, como a **BBB**.

Em 1963, quando ministro da Educação, Darcy Ribeiro viabilizou a publicação dos primeiros 10 volumes da **BBB**, com tiragem de 15.000 coleções, ou seja, 150 mil livros.

A proposta previa a publicação de 9 outras edições com 10 volumes cada, pois a Biblioteca Básica Brasileira seria composta por 100 títulos. A continuidade do programa de edições pela UnB foi inviabilizada devido à truculência política do regime militar.

Com a missão de manter vivos o pensamento e a obra de seu instituidor e, sobretudo, comprometida em dar prosseguimento às suas lutas, a Fundação Darcy Ribeiro retomou a proposta e a atualizou, configurando, assim, uma nova **BBB**.

Aliada aos parceiros Fundação Biblioteca Nacional e Editora UnB, a Fundação Darcy Ribeiro constituiu um comitê editorial que redesenhou o projeto. Com a inclusão de 50 novos títulos,

a Coleção atualmente apresenta 150 obras, totalizando 18 mil coleções, o que perfaz um total de 2.700.000 exemplares, cuja distribuição será gratuita para todas as bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocorrerá ao longo de três anos.

A **BBB** tem como base os temas gerais definidos por Darcy Ribeiro: O Brasil e os brasileiros; Os cronistas da edificação; Cultura popular e cultura erudita; Estudos brasileiros e Criação literária.

Impulsionados pelas utopias do professor Darcy, apresentamos ao Brasil e aos brasileiros, com o apoio dos Correios e da Petrobras, no âmbito da Lei Rouanet, um valioso trabalho de pesquisa, com o desejo de que nos reconheçamos como a Nova Roma, porém melhor, porque lavada em sangue negro, sangue índio, tropical. A Nação Mestiça que se revela ao mundo como uma civilização vocacionada para a alegria, a tolerância e a solidariedade.

*Paulo de F. Ribeiro*  
Presidente  
Fundação Darcy Ribeiro

## Amor e morte em um drama da negritude

Em seu *Anedotário da Academia Brasileira* Josué Montello registra a confissão de Coelho Neto a um jornal do Rio de Janeiro ao afirmar que, entre seus romances, novelas, contos e crônicas ele já publicara 580 títulos. Esta dedicação à literatura, e principalmente a qualidade de sua obra, tornaram-no um de nossos mais importantes ficcionistas em atividade entre o final do século XIX e os inícios do XX. Eleito Príncipe dos Prosadores Brasileiros, Coelho Neto conheceu um período de glória literária mas, com o advento do Modernismo, transformou-se em verdadeiro mártir da república das letras. O irreverente Oswald de Andrade injustamente rotulou Olavo Bilac (também eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros) e Coelho Neto como “duas remotas alimárias.” A Semana de Arte Moderna rompeu com tudo o que Coelho Neto representava: respeito à tradição, exagero na utilização da língua culta, caracterizada por uma retórica pontilhada de riquíssimo e estonteante vocabulário. Em conversa com Humberto de Campos, revela Coelho Neto que cada vez mais se apaixonava pelo estudo da língua e, especialmente, da língua castiça de Camilo Castelo Branco. O vocabulário do escritor português caracterizava-se, segundo o historiador literário Joaquim Ferreira, por uma “florescentíssima abundância, parecendo inesgotável o número de suas locuções vernáculas e populares”.

Nesta mesma linhagem, cambiada no tempo, é vista a obra barroca e neorregionalista de Guimarães Rosa, autor que escreveu,

anos mais tarde, esta preciosidade, ao reconhecer o vigor do estilo do autor do *Rei negro*: “Coelho Neto amoroso pastor da turbamulta das palavras.”

A imaginação de Coelho Neto era fértil e aproveitava os mais variados temas para a urdidura de seus romances e contos. Mas o grande diferencial do escritor foi, sem dúvida, a sua linguagem, que transitava com igual desenvoltura entre o resgate das construções coloquiais e as formas eruditas, matizando as suas frases do registro oral ao *sermo nobilis*. O colorido e a eficácia artística de sua prosa, como a de Euclides da Cunha, representa, ainda hoje, uma garantia de perpetuação da nossa língua e da nossa cultura, elementos considerados fortemente identitários de um povo.

A presente publicação de *Rei negro* resgata um dos mais bem estruturados e importantes romances de Coelho Neto. Tendo como cenário rural os trágicos acontecimentos ocorridos em uma fazenda na época escravagista, o romancista elege para cerne do seu drama rural a dicotomia entre amor e morte, inserida nas questões da negritude, do orgulho étnico, do desenraizamento cultural e geográfico, da escravatura africana, males advindos da histórica dominação branca.

A trama narrativa segue o roteiro tradicional que já inspirara Joaquim Manuel de Macedo em *As vítimas-algozes* e Bernardo Guimarães em *A escrava Isaura*.

Em o *Rei Negro*, Julinho, o filho do senhor, abusa de uma escrava que, depois, casa-se com o capataz da fazenda, o negro Macambira. Durante uma viagem de Macambira, a sua mulher dá a luz a um filho branco, morrendo no parto a mãe e o bebê. Sabedor da triste ocorrência, mergulhado numa demência ambulatória, Macambira prepara uma cilada, mata Julinho e foge, patrocinando uma cena final de intenso dramatismo.

Já no início do romance, o clima de violência e o divórcio nas relações entre brancos e escravos são sublinhadas pelas descrições da senzala, retratada através de um realismo degradante. Estas relações

não recebem o olhar compreensivo da interpretação sociológica de um Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*. Ao contrário, a senzala é descrita por Coelho Neto “como um pátio de presídio, com o reforçado portão de tranca cadeiada e o quadrado da escravatura tresandava a espurcícia.”

Quanto ao arrevesado da linguagem, em apenas uma página o leitor se depara com as insólitas palavras *espurcícia*, *galravam*, *estravo*, *socalcos*, *andito*, *putrilagem*, *tolhiços*. As frases de Coelho Neto parecem ser fabricadas em laboratório, onde é recriado um vocabulário tão miscigenado como o povo brasileiro. A voz do escritor na descrição das cenas ou na narração das ações denota uma proveniência castiça, com leve sotaque lusitano; mas em alguns momentos, a língua dos escravos se arrasta em uma arenga contaminada pelos substratos africanos, fala captada *in natura* e transcrita para o papel na sua estropiada oralidade.

Este aproveitamento das entonações da fala revela a origem popular e negróide, lembrando os versos de Manuel Bandeira no poema “Evocação do Recife”

*Vinha da boca do povo na língua errada do povo  
Língua certa do povo*

A transcrição *ipsis verbis* da língua “errada” dos negros ganhou status de poesia com Oswald de Andrade:

*Vi a saída da lua  
Tive um gosto singulá  
.....  
São vortas que o mundo dá*

Esse jogo de vozes que contribuiu para o enriquecimento da poesia e da prosa modernistas já era orquestrado, com anterioridade, na

vertente realista e culta de *Rei negro*, mostrando Coelho Neto empenhado em reproduzir a fala dos escravos: “– Vancê foi falá na vista di nhô Julinho não tarda nada i tá na boca di tudu mundo.” Na literatura de ficção, a linguagem culta funciona muitas vezes paralelamente à linguagem deturpada de negros, índios, imigrantes italianos, criando um colorido especial, fruto da nossa diversidade de dicções e de nível cultural. Novas musicalidades e ritmos enriquecem a língua “brasileira” em formação no período da passagem do século XIX para o XX. Este anseio de reforçar o nosso sentimento de brasilidade se dá claramente com a ruptura modernista. Coelho Neto, no entanto, por sua anterioridade histórica, utilizando uma técnica ainda passadista, para diferenciar, por exemplo, a linguagem culta da estropiada linguagem do povo, costuma limitar esta última, graficamente, entre travessões, para que não contamine a tradição da escrita.

– Cala a boca fedentina. Ocê num cria vergonha nessa cara? – E, frenética, roufenha, arremetendo: – Ocê num toma pagode cumigo, não; oia, lá! Eu já ti dei confiança, pixilim? Toma sintido bruaca. Dipois, dipois... – E gingava, viro-virava, a alisar os braços másculos como em desafio.

Já Oswald de Andrade estava interessado a explorar poeticamente os “vícios da fala”:

*Para dizerem milho dizem mio*

*Para melhor dizem mió*

*Para pior pió*

*Para telha dizem teia*

*para telhado dizem teiado*

*E vão fazendo telhados*



O legado literário de Coelho Neto ainda está sob julgamento. Lúcia Miguel-Pereira, em *Prosa de ficção*, escreve que ele foi considerado o maior dos prosadores brasileiros e que os críticos costumavam elogiá-lo, qualificando-o de virtuoso. Alfredo Bosi em sua *História concisa da literatura brasileira* escreve que “Coelho Neto sobressai como a grande presença literária entre o crepúsculo do Naturalismo e a Semana de 22.” Otávio de Faria opina que Coelho Neto pode ser considerado um escritor dos mais completos, devendo a sua obra ser colocada entre a dos melhores autores. Escreveu, também, Machado de Assis: “Ele [Coelho Neto] é dos nossos primeiros romancistas”. E Humberto de Campos foi ainda mais enfático ao considerar Coelho Neto “o mais fecundo prosador da língua portuguesa, em todos os tempos”, como escreveu, em 1928, no seu livro *Crítica I*.

O leitor de hoje, no entanto, para ler Coelho Neto, deve, preventivamente, munir-se de um bom dicionário, mas sem interromper a leitura a cada instante para consultá-lo. Ele, leitor, correria o risco de perder o caudaloso fio das narrativas de Coelho Neto.

**CLÁUDIO MURILO LEAL** É POETA E PROFESSOR DA UFRJ –  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. DOUTOR EM  
LETRAS PELA MESMA UNIVERSIDADE.



**REI NEGRO** —————  
Coelho Neto



A casa, antiga e vasta, acaçapada no planalto, com um largo alpendre sobre atarracados pilares, abria-se em inúmeras portas e janelas, recebendo pelos fundos o ar da mata que lhe ficava à encosta, tão perto que, a lufadas mais rijas, revoos de folhas acamavam-se-lhe no telhado denegrido e hirsuto de ervas.

À frente, no lançante do morro, o jardim verdejava escalonado em taludes, florido e copado de arvoredos alegres. Bastas roseiras embrenhavam-se umas achaparradas, outras híspidas, expluindo em viço agreste, estirando varas que se emaranhavam nas árvores, cingiam-nas, insinuavam-se-lhes nas franças entremeando-as de rosas.

O chão, em volta dos jasmineiros, era uma alcatifa aromal mosqueada de abelhas. Papoulas plumejavam, cravos abriam-se em sangue, em borlas de neve; bogaris branqueavam em flocos, e a grama dos tabuleiros, muito verde entre as áleas sinuosas, dava aos olhos uma impressão macia de úmida frescura.

Larga alameda de bambus, oscilando flexuosamente com estralejado sussurro, abobadava um caminho sereno, alfombrado de folhas. Na transparência do ar azulado cruzavam-se, de contínuo, libélulas e borboletas, e sempre, docemente, soava um esvaído e trêmulo murmúrio d'água. Sebes de cedros, tosadas à altura do homem, muravam as trilhas, formavam tapigo à orla das rampas.

Caramanchéis em cúpulas ou à feição de cabanas ofereciam, nas horas cálidas, agasalho e frescura, e, embaixo, rente com os espinheiros, desgrenhadas casuarinas desferiam gemidos eólicos.

Um veio límpido descia da mata em fio serpentino, cascalhando, borbulhando nas pedras até gorgolejar num tanque ourelado de avencas e samambaias em volta do qual ererês domésticos galravam.

De manhãzinha e à tarde era um soturno, merencório arrulhar de pombos, e, não raro, garças imóveis, como de mármore, refletiam-se n'água alvoroçando-se com o ladrar arremetido dos cães e partindo tumultuosamente, com estrondoso ruflor de asas, em largo voo branco em direção aos banhados.

Da varanda alpendrada a vista abrangia um raio amplo e exuberante de terras lavradas: chãs e relevos, desde a porteira, no alto da estrada íngreme e esbarrondada, entre barrancas, até a serra longínqua, esbatida em névoa, no azul.

O rio recortava a planície em sulco luminoso – a trechos desaparecia, rebrilhava adiante, sumia de novo em densa massa de bosque, fulgia além, mais largo e ofuscante, e perdia-se.

Vizinhas da casa, como uma póvoa feudal, espalhavam-se as construções agrárias: paióis e tulhas, o moinho, o engenho d'água, chiqueiros, o aprisco e, ao alto, o curral murado de taipa cuja terra, revolta e vermelha de estravo, parecia encharcada de sangue. Claros cinéreos de queimadas, repontados de tocos, abriam cicatrizes entre as balsas. Palhoças, ranchinhos apareciam em maciços de árvores, com a roça de cana ou de milho a transbordar das cercas de pau a pique. Os terreiros de tijolo sobrepunham-se em socalcos e, amplo como um pátio de presídio, com o reforçado portão de tranca cadeiada, o quadrado da escravatura tresandava a espurcícia.

Portas apenas desabafavam as moradias. Era imundo e lôbre-go. O ândito de terra escura ressumava umidade. As paredes

escalavradas mostravam as ripas. Molambos trapejavam em cordas tendidas de muro a muro; tinas guardavam barrelas escuras, e empoçada em regos entupidos de lodo, onde fermentavam fezes, uma água pastosa tinha arrepios de vermina.

Pelos cantos cães morrinheiros dormitavam enrodilhados, galinhas arrufadas cacarejavam passeando ninhadas; leitões grunhiam fossando a putrilagem, e crioulinhos tolhiços, avergoados de magreza, iam e vinham banzeiros, coçando perebas; pequeninos, nus, engatinhavam lambuzados, com o ranho a escorrer-lhes das ventas, ou em bolo, sevandijados, refocilavam, patejavam na estrumeira borrifados de lama sob o voo zoante das moscas.

No tempo das águas o pátio alagava-se em atascadeiro, e os negrinhos refestelavam no enxurdo espojando-se, trambolhando, patinhando no lameiro nauseante.

Cedo, antes do sol luzir, com a bruma ainda solta, a sineta soava a despertar. Abriam-se as senzalas lufando do interior fuliginoso e morno o acre fortum e a fumaraça espessa dos brasidos que ardião à noite fazendo um ambiente de estufa onde, em promiscuidade sórdida, rolavam corpos seminus, lustrosos de suor, adultos e crianças e, por perto, cães cainhando baixinho com o pruir da lepra, galinhas acochadas no choco, sem falar nas enormes ratazanas que chiavam famintas, passando de uma casa a outra pela buraqueira dos muros.

Ao toque de matinas a negrada saía para a forma arremangada, estremunhando, com bocejos de bruma fétida. O feitor passava a revista, e o bando trasmalhava grazinando – ia ao café aguado, sorvia-o gulosamente, e, ainda esmoendo restos de broa ou mandioca, cada qual tomava a enxada ou o cesto e lá iam à carpa ou à colheita humílimos, submissos como animais.

E começava o labor na fazenda. A grande roda do moinho rinha rolando no vão sombrio e limoso onde o ribeiro escachoava engasgado; chiavam os carros. No curral os bezerros berravam



abarcados com o muro, farejando o cheiro de leite ordenhado. Enchia-se a escura e espaçosa cozinha, onde as negras borborinhavam, e de todos os recantos saíam animais ao cibo: varas de porcos, aves, sujos carneiros em lotes e grandes bois de carro, de olhos piscos, morosos, ruminando, jungidos à canga para o serviço.

E Manuel Gandra, de brim, botas de couro cru, chapéu de palha de largas abas, descia vagorosamente as escadeiras do jardim, com olhares de dono, detendo-se aqui, alhures, a examinar uma rosa mais repolhuda, a escutar, enlevado, o gorjeio de um pássaro, ou, chamando negros, mandava varrer as aleias, tosar a grama eriçada, podar um arbusto, fincar um esteio, atar um amarelo. E assim, distraído, saboreava o café levado por asseada muçama, em bandeja de prata sortida de guloseimas, desde os sequilhos, em forma de amêndoas, até os gordos abananados bolos de mandioca-puba.

E ali ficava até a hora do almoço, interessado nas flores, abençoando velhos negros que passavam arrastando os pés inchados e esponjosos ou moleques que lhe saíam à frente com ar idiota, maltrapilhos e sujos, ramelentos, estendendo a mão magra em gesto simiesco, com o corpo negro gizado de arranhaduras, como manipaços de basalto lanhados a buril.

A lavoura não lhe dava cuidado – sentia-a medrar nos outeiros encarapinhados pelos cafezais, nas chãs de milho e cana, nos aclives que o mandiocal alastrava, nas grotas onde os inhames, de largas folhas brônzeas, escondiam aguaçais, nos pastos verdejando macios, a perder de vista.

A terra, a água e o sol lá estavam cercando de fecundidade as raízes, e os negros auxiliavam a natureza capinando as roças, lançando fogo aos maninhos, derrubando os capoeirões para aproveitar o terreno em sementeiras prósperas, ou, com um canto triste, guaiado, raspavam os ramos lustrosos dos cafeeiros, enchendo as peneiras de bagas vermelhas, desenterravam a mandioca,







cortavam a cana, quebravam o milho; e os carros desciam com um chiado crispante e os terreiros cobriam-se de café para a seca ou os paioís atestavam-se de cana ou de milho para a moagem, para a debulha.

Terminada a faina do beneficiamento, era só reunir a tropa, jungir os bois à canga e partir. E começava o desfile.

De madrugada, ainda com a névoa enflocada em rolos espumosos, tiniam campainhas, estalavam relhos. Tropeiros girogiravam aforçurados reunindo a récu; montavam e, com alegre alarido, punha-se o comboio em marcha com rumoroso sacolejo de cargueiros, seguindo, ora em trilha rasa, ora por veredas tesas, ao sol ou pela sombra fria e múrmura das matas, saindo em andurriais, galgando as grimpas ásperas, cascalhando em seixos, resvalando em lajes, metendo-se à água ou vencendo areais, balofos e quentes como rescaldos.

Pousavam em ranchos – a gente estirava-se pelo chão, em couros, com um fogo alumando, a animalada, peiada, ia e vinha na macega, tinindo chocalhos.

De manhãzinha, antes da luz, partiam. E caminhavam dias, ao sol, à chuva ou, mais agradavelmente, pelo clarão do luar, ao fresco fragrante, com uma toada a que se juntavam, em compasso, o estropear das mulas e o som rítmico das campainhas.

À vista das primeiras turmas dos trabalhadores, que andavam construindo a Estrada, dobravam-se os cuidados. Os tropeiros desviavam-se da linha, dos cortes, guardando, com mais atenção, os animais que, ao silvo dos trens de lastro, esbarravam assustados, de orelhas fitas, refugando, ou disparavam desaperadamente mato dentro, quando não se precipitavam, de rebolão, pelos barrocais.

E era um trabalho insano para conter os medrosos, reunir os prófugos, consertar arreios e cangalhas de sorte que, ao avistarem as primeiras casas da cidade, ainda de sapé, nos matos ou entre



laranjais e hortas, respiravam e, dando graças a Deus, entravam na Corte comentando a viagem, os trabalhos, as aventuras e calculando o tempo que ainda levariam a chegar os carros que haviam ficado longe, nas ladeiras escavadas em caldeirões, com as rodas entaladas no lamaçal, com os carreiros desesperados aguilhoando inutilmente os fatigados bois até que, exaustos, atiravam-se na macega, enquanto os animais esfalfados, a língua pendente, babavam arquejantes atolados no lodo.

Na cidade, a negrada tomava um fartão de pagode admirando as novidades, a vida tumultuária.

Aviadas as encomendas do senhor, carregavam os animais com as compras e partiam, com muita tropa folgada, revezando os cargueiros ao longo do caminho.

O regresso era fácil, alegre, sem risco, a não ser nos socavões da serra onde bandidos e quilombolas tocaíavam tropeiros acometendo-os de improviso, desbaratando-os a tiro, perseguindo-os, matando os mais intrépidos e tocando a récua para os valhacoutos alcantilados. Mas com os trabalhos que andavam na serra os ladrões rareavam. Citavam-se os assaltos, e as vítimas eram sempre viajantes imprudentes que se afoitavam, à noite e sós, em tais paragens.

Mas a tropa da Cachoeira, com Macambira à frente, ganhara fama desde que, numa garganta, recolhendo à fazenda com avultado carregamento, atacada por uma quadrilha, rechaçara os bandidos, matando-lhes o chefe.

• • •

Manuel Gandra, Senhor da Cachoeira, uma das fazendas mais ricas do vale do Paraíba, chegara ao Brasil em uma leva de colonos.

Moço e robusto, airosamente aprumado, com sangue a recumar-se em cores nas faces, uma alegria vívida nos olhos garços, destro ao jogo do pau e lânguido à guitarra, impunha-se aos

homens pela valentia, e as mulheres adoravam-no, pedindo-lhe tonadilhas e fados tristes.

Aventuroso como os da sua raça, longe de deixar-se enredar nas seduções da cidade, meteu-se atrevidamente ao sertão e, chegando à Cachoeira, que era um maninho, engajou-se como administrador fazendo-se valer pela audácia e pelo pulso.

Camilo Feitosa, o fazendeiro, obeso e lerdo, de uma obtusidade granítica, passava os dias lambiscando lambarices, a arrastar as chinelas pela casa, com o ventre enorme a espocar do cós das calças de enfiar, ou dormitando, aos roncos, à sombra das árvores, com a cainçalha em volta. À noite reboitava em libidinagem pelas tarimbas das negras.

Viúvo, vivia com dois filhos – um rapaz e uma menina: Honório e Clara.

Eram dois selvagens criados à lei da natureza, medrando à bruta na calaçaria da roça e das senzalas.

Debalde Feitosa tentara instruí-los. Tomou professor, um velho alemão paciente, muito amigo de plantas e de insetos. De manhã, quando o bom homem procurava os alunos, as negras chasqueavam-no. O sábio sorria adiando a lição para o dia seguinte e, com o cachimbo, o herbário e um saco de talagarça, metia-se pelos matos.

Os dois irmãos madrugavam ao ar livre: o rapaz com a espingarda, a menina num rol de negrinhas ganhando veredas cerradas – um à caça, outra aos ninhos, às frutas, à vagabundagem na espessura. Só apareciam à noitinha cansados, escalavrados, com enfiadas de caça e samburás de frutas.

Às vezes encontravam o alemão e desciam juntos, e Feitosa, vendo-os entrar, ria, sacolejando-se nos refegos de banha, achando graça na estroinice dos pequenos e louvando a paciência do professor.

Honório acabou desastradamente no rio, querendo atravessá-lo a nado no mais grosso e revolto de uma enchente.

Clara, deitando corpo, continuou na bruteza, passando os dias entre as negras, aos palavrões e à bordoada com as mucamas, informando-se de amores obscenos, rindo do que lhe contavam, com um sem-vergonhismo crasso ou errando nos matos, à cata de frutas, banhando-se nos córregos, trepando nas árvores com os crioulos, apedrejando-os com frutas verdes ou descendo estabanaadamente com um despejo de injúrias torpes para esmurrá-los, se os surpreendia agachados, espreitando-a por entre os ramos.

Às vezes, antes do banho, sentada no barranco, com a camisa úmida colada ao corpo, chapinhando com os pés n'água, ouvia estralejo de ramos. Voltava-se de golpe e, descobrindo negros, moleques acorados nos matos, apedrejava-os, perseguia-os às palavras até longe, correndo, com a camisa tufada ao vento, as pernas nuas, os cabelos soltos prendendo-se, deixando fios nas ramagens.

Sentindo-se só, espapava-se na erva com volúpia animal, espojando-se, a enfumar a camisa, gozando o sol no corpo como a carícia de um macho.

Manuel Gandra, assumindo a direção da fazenda, teve jeitos de insinuar-se no coração da virgem agreste, e o velho, inerte e pigro, ainda que os visse sempre juntos, só se apercebeu da perda da filha quando, uma noite, no silêncio da residência, os gritos de Clara repercutiram lancinantemente.

Então, sem revolta, recebendo o neto, chamou Manuel Gandra e, comovido, quase em súplica, fê-lo aceitar a filha e, com ela, toda a vasta riqueza daquelas terras fartas.

Celebrou-se o casamento à capucha, e meses depois, tendo Camilo, após abundante almoço, descido pesadamente para a rede, onde costumava dormir à sesta, ali ficou o dia todo, e à tarde acharam-no morto, com o carão balofo mascarrado de placas

denegridas, a boca escancarada, retorcida em ricto, com a baba vitrificada aos cantos.

E a fazenda, energeticamente administrada por Manuel Gandra, prosperou, desenvolvendo-se prodigiosamente. Entraram escravos novos, construíram-se casas cobertas de telha, touros de raça berravam nas várzeas, e era um encanto ver, à tarde, no caminho em aclave, o denso rebanho descer, tão apinhado que parecia a própria terra esbarrondada que resvalava, ladeira abaixo.

A residência, que ameaçava ruir, fendida em brechas, foi reformada e alargada, lançando-se-lhe à frente o alpendre, limpando-se-lhe o terreno em volta, escalonando-se o jardim em anfiteatro.

Quando os vizinhos viram as grandes benfeitorias da propriedade, dantes tapera, puseram-se a murmurar pelas vendas dos caminhos, pelos negócios da vila: “que o galego passava notas falsas”.

Alguns, dando-se por informados, explicavam “que o dinheiro vinha do Reino em canudos de lata metidos em pipas de vinho ou em barris de manteiga”. Por isso ou por aquilo, Cachoeira tornou-se a mais bela fazenda da região.

Gandra tinha gosto e, conhecendo, por experiência, a utilidade das florestas, não consentia que tocassem em árvore das que faziam sombra à casa. “Não faltavam capoeirões, fossem lenhar alhures.” Gozava sentindo o cheiro acre e sadio das resinas, ouvindo os pássaros livres, e à noite, do seu dormitório, que era um salão cercado de persianas, escutava, com enlevo, o frondejar da mata.

A mulher, alcunhada de “Capivara”, à medida que reconchava em ádipe, amolecia em inércia, apassivando-se preguiçosa e balorda.

Era uma massa de chorume, obesa e flácida, rebolando aos ofegos, derreando-se nas cadeiras onde ficava esparrimada, arquejante, a cochilar vadia.

As negras esbeaçavam muxoxos desprezíveis passando por ela, respondiam-lhe de repelão, afrontando-a com olhares enviados, e ela temia-as, sempre a suspeitá-las de bruxarias, desconfiando de tudo, num invencível, estarecido temor da morte.

Se, na ausência do senhor, alguma, mais atrevida, boquejava ameaças, regelava de medo, recusando a comida, fazia promessas aos santos ou mandava chamar Egídio, velho cabinda, pai de quimbande, que conjurava os mais violentos feitiços fazendo passes com um galho de arruda ou queimando na palma da mão crustácea uma pitada de pólvora, sobre cujo resíduo sussurrava palavras mágicas, soprando-o depois e com ele expelindo o mandado funesto.

As mucamas, quando a viam carrancuda, de trombas, cantavam para irritá-la, riam-lhe em rosto despejadamente, trocavam ditérios e, se a mísera revoltava-se ameaçando queixar-se ao marido, plantavam-se-lhe na frente e, enclavinando os dedos, arrebentando o beijo em momo sarcástico, perguntavam-lhe “se queria um carrinho para ir mais depressa”.

Ela engasgava apoplética, roxa de cólera, com os bócios a papajarem, e as raparigas dobravam-se às cachinadas e, rebolando as nalgas, arrastando achincalhadamente as chinelas, lá iam, muito anchas, impando descaso, numa ostentação cínica da rascoagem em que viviam com o senhor.

O filho, Julinho, crescia robusto e solto naquele meio dissoluto, entre mulatinhas zabaneiras, precocemente devassas, e moleques sornas com os quais andava aos ninhos ou farandolava nos córregos, e, à proporção que se desenvolvia reforçando-se, acendia-se-lhe no sangue uma sensualidade suína que o levava a fariscar as mulatas roçando-se por elas aos reboleios, agarrando-as, apalpando-as onde as encontrava, num furor de árdega lascívia.

Pedia-lhes, lamuriando, que lhe mostrassem nudezes, “queria ver, só ver”. As mais depravadas cediam “por pagode”. E o rapazelho

derrubava-as, rasgava-as frenético, fossando-as, mordendo-as, e elas, rindo, a princípio, defendiam-se encolhidas, súbito, porém, excitadas, embarcavam-no, subjugavam-no brutalizando-o alucinadamente.

Velhas negras resmungavam quando o viam de tocaia nos caminhos ou encostado à porta dos quartos espiando as mucamas em camisa, chamando-as e cainhando como cão ao cio.

“Isso, ahn! Isso vai sê pió qu’o pai! Oia só... Criança d’outro dia...” Espocavam muxoxos. Algumas paravam a rir interessando-se na mangalaxa e açulavam-no: “Entra... Mecê tá perdendo tempo. Pontaria demorada espanta a caça.” Outras esconjuravam-no: “Credo! que assanhamento...”

Manuel Gandra destinava-o à medicina, queria-o formado, fazendo curas prodigiosas, elogiado nos jornais, batendo a cidade a carro, com o consultório apinhado, até a fama elevá-lo a médico do Paço, grande da Corte, célebre no mundo. Um sonho?

E o rapazola arisco, arredio dos livros, corria à méquia ou, com um vergalho, alanhava os moleques, perseguia os animais, aviltava os velhos negros, ultrajava as mulheres diante dos maridos, as filhas na presença dos pais, chasqueando-as com alusões obscenas.

Os pequenitos abriam choro medroso quando lhe ouviam a voz, arrastavam-se, fugiam de gatinhas para onde as mães. Se o não podiam evitar, encolhiam-se papeando humildades e, de olhos apavorados, a mão estendida à bênção, tremendo, engoliam lágrimas na expectativa dolorosa dos pontapés e dos beliscões que lhes seviciavam o corpo.

Negros formidáveis, de bíceps hercúleos, se o viam de relho em punho, cosiam-se covardemente com as paredes, confundiam-se com as árvores agachando-se nos matos.

Ele, às vezes, chamava-os, interpelava-os arrogante e, ordenando que se ajoelhassem, esbofeteava-os ignominiosamente.

O pai, que era generoso, repreendia-o com severidade, mas o rapaz resmungava amarrado “que não aturava desaforo dos negros”. E, para justificar-se, mentia, caluniava.

Como os mulatinhos eram os que mais sofriam, as negras afirmavam, com ódio, que ele era açoitado pela mãe. “A Capivara faz por vingança porque sabe que os coitadinhos são filhos do senhor.” E eram juras rancorosas, pragas de arrepiarem.

Quando Julinho completou treze anos, talado e esperto, Manuel Gandra, apesar da choradeira da mulher, desceu com ele à Corte e internou-o em um colégio de fama, de onde só saía nas férias, quando Macambira ia buscá-lo.

Na fazenda o pequeno desferrava-se à ufa do apertado regime do internato, galopando à rédea solta, banhando-se, às parapemadas, no córrego, devastando os ninhos a bodoque, armando mundéus e arapucas e atraindo com sainetes, senão com os próprios olhos, que eram negros e grandes, de mórbido langor, as mulatinhas púberes.

E a mãe, esparrimada em enxúndia, se alguma negra, por bajulação, cochichava-lhe aos ouvidos as proezas do rapaz, babando-se de júbilo vaidoso por sabê-lo já homem, pedia pormenores vergonhosos e rindo, com um gelatinoso tremer dos refolhos do papo, aprovava os estupros, aplaudia as violências, seguindo, em mente, as ignomínias do filho pelos matos, nas cevas sensuais das balsas floridas.

“Faz muito bem. Está na idade. Se há de ser um negro, que seja ele. Está no que é seu.”

Se alguma rapariga, sabendo da desgraça da filha, ousava lamentar-se, D. Clara irrompia assomada:

– Já viram só!? Pois não é que a descarada vem fazer queixa do menino! Burra! Em vez de ficar orgulhosa por meu filho dar confiança à lambuzona da negrinha, o diabo estica as trombas



como uma grande coisa. Ah! vergalho! – E meneava com a cabeça rilhando os dentes podres.

Para D. Clara tanto direito tinha o filho sobre a vida e a honra dos escravos como sobre o fruto das árvores e sobre a caça dos matos. Não podia compreender que as negras se revoltassem contra a violação das filhas ou que os negros se sentissem do aviltamento das mulheres que o senhor moço apetecia. Habitara-se, desde menina, a ver os escravos jungidos aos rebolos da erva, grunhindo, agatafunhando-se no furor do cio. Ria, atirava-lhes pedras, bradava enxotando-os, e eles fugiam como cães acossados, metendo-se na espessura onde, de novo, engalfinhavam-se mais árdegos. Eram como animais que não conhecem o pudor e, fariscando a fêmea, rastreiam-na, afuroam-na, empolgam-na, abocanham-na, subjagam-na saciando-se instintivamente com a mesma descuidada, natural simplicidade com que espostejam a carniça ou se desalteram numa poça d'água.

E Julinho, fiado no prestígio materno e na passiva timidez das negras, estuprava crianças ainda impúberes, forçava mucamas, aforciava casadas sem temer represálias, gabando-se, muito enfiado, a descrever as suas possuídas, elogiando-as ou com carmunhas, cuspilhando de nojo, arrependido de se haver atolado em imundícies.

Só um negro ousava afrontar-se com ele quando o surpreendia em contubérnio nos matos ou nalgum desvão das tulhas ou dos paióis – era Macambira. Estacava severo, gritava à fêmea, fosse quem fosse: “Sai, negra! Vai-te embora!” e, de costas para o senhor, expulsava a rapariga, acompanhava-a com o olhar até longe e, sem dizer palavra, carrancudo, lentamente afastava-se.

**M**acambira era um belo tipo de raça. Trinta anos sadios, alto, entroncado, ereto como uma coluna, tinha, no porte esbelto, desembaraçado, a elegância viril e airosa de um atleta.

A cor retinta luzia-lhe no rosto como um verniz lustroso. Pouca barba, dois laivos em cada face. A boca forte cerrava-se-lhe em lábios grossos, os olhos grandes, severos, de um brilho fixo, explodiam domínio.

A austeridade das maneiras, o ar taciturno e altivo impunham-no aos companheiros, que o respeitavam e temiam, conhecendo-lhe a bravura desabrida, provada em recontros na serra e numa tocaia que lhe armaram negros de uma fazenda vizinha.

Eram quatro latagões de fama. Macambira levava o cavalo a passo pela sombra fresca quando, no cotovelo do caminho, subitamente o assaltaram. Foices luziram, tiniram; vozes surdas injuriaram-no.

Relanceando um olhar rápido, reconheceu a matula e, sem perturbar-se, picou o animal de esporas, levantou-o nas rédeas e, atirando-o sobre o grupo, atropelou dois negros, derrubando o terceiro morto, com uma brecha na frente por onde os miolos espocaram. O último afundou no mato espavorido.

E Macambira serviu-se apenas do cabo do relho, sem valer-se da garrucha que levava à cinta. Ganhou fama.



Filho de minas, falava correntemente a língua e praticava em segredo a religião dos seus maiores, confundindo no mesmo culto Jesus, a Virgem, os santos e um ídolo monstruoso falquejado num toro.

Entre os da sua raça era tido por “mujiqe”, e todos saudavam-no, reverentemente, zumbridos em vassalagem, vendo nele o príncipe, herdeiro de herói que sucumbira humilhado nas terras dos brancos.

Balbina, velha negra havida por mandingueira, sempre andrajosa e suja, com a grenha refoufinhada em tufos, tresandando a pocilga e a suarda, era a sua única intimidade. Encarregada do chiqueiro, vivia atolada na lama entre os lerdos cevados, enchendo os cochos de inhame ou metida com os carneiros sórdidos no aprisco. Mal se lhe viam os olhos radiados de sangue, sempre de rojo, espreitando com desconfiança, e, se alguém lhe falava, encolhia os ombros resmungando, a varrer o chão com o olhar variado, gesticulando repulsas, e seguia rinchavelhando um risinho de escárnio ou esganiçando cantarolas zombeteiras.

Os moleques, se a apanhavam longe da casa, juntavam-se para enfezá-la. Agachados nos matos, gritavam-lhe injúrias, apedrejavam-na.

A negra parava no caminho bramindo maldições, fazendo esconjuros, e enquanto as pedras zuniam daqui, dali, de joelhos, com as pelancas das mamas a badalhocarem, esticava retesamente os braços na direção da floresta. De ímpeto, em arranque, encolhia-os ao peito espalmando as mãos. Duramente aduncava os dedos e, com esforço, arremessando o busto, remoendo com as mandíbulas aperradas, repuxava, atraía um quer que fosse que a sua visão sobrenatural parecia lobrigar e, de golpe, infletindo para o lado de onde partiam as pedras, atirava as mãos e ficava um momento hirta, retraindo, arreganhando os dedos como se aspergisse fluidos.





Às vezes, sentando-se num soalco, ensanguentada, quedava ao sol resmungando, cuspidando a mascagem grossa e escura, e esquecia-se, indiferente às pedras que lhe caíam perto, levantando poeira, farfalhando nas folhas. De repente assanhava-se e, furiosa, brandindo um pau, investia tronando obscenidades.

Essa era a confidente de Macambira.

Distraía-o lembrando, com saudade, os palmares copados da sua aringa.

Fora da cabilda do Rei Munza, guerreiro temido desde as terras altas até as dunas da costa, e dizia a Macambira, tocando-lhe o corpo:

– Ocê é zêri memu; é zêri túru, ocê. Quem oia ocê vê Munza, rê di nós...

E referia, com entusiasmo épico, episódios de guerras, cenas festivas e religiosas, caçadas nas florestas densas a azagaia ou fimbo, idílios nos palmeirais, e quase sempre, em meio da narrativa, erguia-se como inspirada, punha-se a cantar baixinho, aos pinchos, bambaleando o corpo ossudo em coleios reboídos.

E lágrimas rolavam-lhe dos olhos, a quatro e quatro, pelo rosto esquelético, em contraste com os ganidos do canto bárbaro, com as caramunhas, com os ademanos com que acompanhava o tripúdio.

E Macambira, enlevado naquele batuque, repetia, a meia-voz, a toada lúgubre, sonhando com a terra que não conhecera por haver nascido, de estirpe de reis, no exílio da escravidão.

Triste, concentrado, mal terminava o serviço, recebendo as ordens do senhor, recolhia vagarosamente à sua cabana solitária, apadrinhada com o monte, num verde laranjal, e ali recebia preito e homenagem da gente da sua raça, e Balbina que, todas as noites, pisando, de leve, as folhas, sorradeira como a onça, atravessava os matos, ia vê-lo, falar-lhe da pátria perdida, dos reis mortos e dos deuses vingativos.



Ficavam os dois horas e horas à luz fumarenta da candeia ou à porta, diante do terreiro onde os bacuraus piavam, resmoneando, cantando soturnamente, quando não em silêncio pensativo: ela a mascar, ele puxando lentas baforadas do cachimbo.

A negra tinha sempre um caso novo, uma recordação trazida do fundo da memória triste, e, ouvindo-a, Macambira devaneava, de olhos muito abertos, fitos na extensão rasa das várzeas abrumadas, onde lhe parecia ver estendido o grande, invencível reino das malocas, e, formigando, com relumbros de armas, um povo numeroso e forte, o seu povo negro, a gente heroica e temida da sua nação guerreira.

O que mais impressionava em Macambira era a sua irredutível antipatia a mulher.

Não se lhe conhecia um apego amoroso.

Na vasta e tenebrosa cozinha tisonada de felugem, com sane-fas de picumã panejando nos caibros, no quadrado, na roça ou à beira do córrego onde batiam roupa, as negras comentavam, com despeitada malícia, aquela aversão, atribuindo-a a bruxarias de Balbina.

Em verdade o negro, sempre casmurro, evitava as raparigas tratando-as do alto, a distância, como enojado.

Se encontrava alguma no caminho, fechava a cara, respondendo com um resmungo mal-humorado à saudação ou à pergunta que lhe fizesse.

No seu coração impermeável pruía, por vezes, um remorso fugaz, principalmente quando margeava o córrego, na volta sombria do bambual. É que só ele conhecia o romance triste de uma crioula que dali se deitara a afogar, bradando o seu nome num arranque supremo de paixão.

O caso foi explicado de vários modos, qual mais trágico: ataque, quando a pobrezinha se banhava; maldade de algum perverso que abusara da desgraçada matando-a, em seguida, para que o

não denunciasses; cobra mandada que a mordera por vingança de alguém... Quanta coisa! E a verdade jazia no segredo do negro.

Lina era uma bonita rapariga de vinte anos, sempre amolecida em dengue voluptuoso. Pele fina, cor de azeitona, olhos negros, grandes e pestanudos, cabelos assedados, boca carnuda e vermelha, desabotoada sobre dentes brancos e miudinhos, postos com a perfeição de pérolas em joia.

Alegre e trêfega como um passarinho, rindo de tudo e a todos, uma flor nos cabelos, no corpo ondulante o cheiro agreste da erva-de-são-joão com que perfumava a roupa, outra não havia na fazenda tão engraçada para contar casos nem tão graciosa no reboleio elétrico, nas empinadas upas, no sapateado lépido do samba.

Rondavam-na, enlevados na sua leda mocidade, rapazes da fazenda e muitos das vizinhanças. Ela olhava-os de viés, retraindo o lábio em momo desprezível e, aos muxoxos, dando um jeito de través ao corpo, passava com pouco caso, batendo morosamente as chinelas de bico.

Mas o coração abriu-se-lhe como flor ao sol, e Macambira entrou nele para matá-la.

De viva que era e buliçosa tornou-se macambúzia, evitando as companheiras, e isolando-se, com a almofada de crivo ao colo, jogando maquinalmente os bilros, cantarolava baixinho, com tristeza, entrecortando o canto de suspiros, ou parava e iam-se-lhe aguando os olhos, tomavam-na soluços e, debruçando-se sobre a almofada, ficava a chorar dorida.

Fora vista diversas vezes, à noite, nas proximidades da cabana do negro, e rapazes, curiosos ou ciumentos, seguindo-lhe o passo esquivo, contavam que ela ficava horas acocorada entre as laranjeiras a espreitar a habitação do apaixonado ou, indo e vindo, trepe trepe, sarapantada, arisca, cavando aqui ali ao longo da trilha que levava à cabana.



Um molecote, para descobrir o segredo, empoleirou-se em uma árvore, de onde acompanhou todos os movimentos da crioula, e, ao vê-la partir, saltou ao chão, recavou o terreno nos pontos que ela revolvera, achando feixinhos de ervas, mechas de cabelos, um saquitel de feitiço, amavio africano em que se juntavam, em mixórdia, raízes, búzios, bagas partidas, um trapo sanguinolento envolvendo um pedacinho de zuarte, tudo enterrado com intenção manifesta de prender pelos passos o indiferente.

Descorçoada dos sortilégios, Lina decidiu tentá-lo, vencê-lo com a própria carne.

Sabendo, uma noite, no serão, que ele devia ir à Barra na manhã seguinte, mal dormiu e, de madrugada, saiu de casa, indo postar-se à beira do córrego, na volta do bambual, de onde partiam, em esgalho, dois caminhos – um direito ao monte, outro para a vila, costeando a barranca, e, metendo-se entre os bambus, despiu-se.

O frio picava, pondo-lhe arrepios na carne luzidia. Amontoou a roupa nas pedras e, encolhendo-se no verde recheço, ficou à espera, num antegosto voluptuoso.

Arrulhos de pombas, cantos de sabiás entristeciam o retiro. Ouvindo passos, estremeceu e, atenta, o olhar em riste, reluzindo febril, esperou arfando.

Para ficar em evidência, subiu a uma pedra em torno da qual a água, já precipitosa, rolando para a cachoeira, borbulhava, es-cachoava em espuma, e nua, pôs-se firme, ereta, à espreita, numa traição lasciva, remordendo os beijos, com os peitos rijos a prumo, o ventre redondo aflando em estuo.

Os ramos farfalharam, rolas voaram com estrépito e Macambira apareceu.

Para excitá-lo mais, a crioula fingiu-se surpreendida e, com um gritinho de susto, denunciou-se, aninhando dengosamente os peitos entre os braços roliços, cerrando as coxas, baixando a





cabeça, e ficou imóvel, estatelada, em atitude escultural de pudor que a faria ainda mais apetecida a outro que não o negro.

Macambira relanceou um olhar soberbo e, rindo escarminho, sem de leve vibrar à sedução formidável, prosseguiu impassível.

A rapariga estonteou atordoada, sacudiu os braços e, saltando da pedra sobre as folhas úmidas, correu, arranhando-se nos espinhos, e ainda viu o negro longe, no cotovelo da trilha que o sol começava a dourar.

Remordeu-se de raiva, mas, num desespero de inflamada volúpia, meteu-se-lhe na peugada, lançando, em voz lancinante, um apelo de ódio e ânsia: “Macambira!” O negro nem voltou a cabeça. Rosnou uma insolência e foi-se.

Dias depois o cadáver de Lina apareceu boiando no açude, túmido, roído dos peixes, em nudez desconforme e asquerosa.

As próprias mucamas, mulatas claras, quase brancas, essas mesmas, apesar das faceirices, dos requebros ondulados dos quadris, dos suspirinhos trêmulos lançados entrecortadamente, não logravam dobrar a inflexibilidade do crioulo.

Se alguma, cruzando com ele nos corredores ou nas imediações da casa, olhava-o de esguardo, provocando-o, ele sorria desdenhoso ou amarrava a cara, investindo irado: “Deixa de sê ofricida, rapariga. Tem vergonha na cara. Mais respeito com quem não ti dá cunfiança. Eu não gosto di dirritimento cumigo.”

Solidário com a gente negra, sempre e em tudo por ela, só não lhe sofria as imundícies da luxúria. Revoltava-se contra a raivação danada que a bestializava, vituperando, com ódio frenético, quantos apanhava em contubérnios ou conchavos concupiscentes. Se surpreendia casais esgueirando-se pelos matos, à sorrelfa, tomava-lhes a frente e apartava-os.

Ouvindo assobios no macegal, seguia pelo som como caçador matreiro guiando-se pelo pio da ave, e, topando moleques em rabissaca, aos reclamos a negrinhas, corria-os a pontapés e a pedra.





À beira do córrego, no bando impudente das lavadeiras, de saias colhidas entre as pernas, não continha o furor e desbocava impropérios, provocando represálias coléricas, descomposturas e alusões obscenas.

Uma cabrocha, Donária, de alcunha “Vaca-Brava”, antipática, atrevida e rixenta, virago no todo e nos vícios, desmazelada até a sordícia, sempre rota, esbagachada, mascando talos de tamarindo, a cuspirhar, em pincho, por entre os dentes podres, certo dia, tomando a si um palavrão do negro, para afrontá-lo subiu a uma pedra, levantou a saia de repelão e, despudorada, pôs-se a bater palmadas no ventre flácido, dobrando em refegos, oferecendo-o:

– Oia, muxiba! Oia, já qu’ocê não cunhece. Tá vendo? É carne, muxiba.

Foi uma cascalhada de troça ao longo da margem. Macambira sentiu o sangue subir-lhe à cabeça, a vista turvou-se-lhe, um tremor crispante fê-lo vibrar em choque. E a cabrocha, para desfeiteá-lo, agachou-se e, num gesto torpe, como se arrancasse alguma coisa de si, fez menção de atirar-lhe em rosto:

– Toma, muxiba?

O negro arremeteu fulo, punhos cerrados, rangendo os dentes. Espavoridas, as negras meteram-se tumultuosamente n’água. A cabrocha esperou-o impávida, de olhos chamejantes, o nariz franzido, fungando, de raiva, aos sorvos. Quando o viu perto, lançou-se de investida, com as mãos em garras, ameaçando agatafunhá-lo. Antes, porém, que lhe chegasse, uma bofetada desequilibrou-a.

Tonta, cambaleando, escorregou na pedra, afocinhou, e caindo de borco, o negro pisou-a, atirando-lhe pontapés ao peito, aos flancos, rugindo num furor de loucura. Vaca-Brava, espumando, com um regougo de fera, debatia-se procurando lançar-lhe as mãos e rebolcava-se aos bufos, mas resvalou de um lajedo e foi n’água em mergulho. Lesta, porém, agarrando-se às ervas, surgiu com a carapinha encharcada e pôs-se a atirar mancheias de lama,

soprando a água que lhe escorria da grenha ao longo da caraça hedionda, a injuriá-lo em voz rouca, esfalfada:

– Negro perrengue! Não tem valia pra nada. Vai criá pinto, capão.

Ele deu-lhe as costas e meteu pela trilha, deixando a negrada em alvoroço, a açular a cabrocha que vociferava, jurando que no dia em que o apanhasse a jeito – só se Deus não quisesse! – havia de tirar uma desforra direita:

– Oia, pamonha... – E, como Macambira se voltasse, cerrando os dentes, ela fez com a mão esquerda um esforçado gesto de torção e com a direita em lâmina talhou o ar num golpe rápido, concluindo: – Assim, muxiba... pros porcos? – E atirou um aceno desprezível.

E à beira d'água, no meio do córrego toldado de espuma, entre os matos, estrondou a gargalhada das negras.

Macambira sentia-se melindrado com a bruteza libidinosa daquele cio infrene. Era a sua gente, os da sua raça que se depravam em lascívia rolando, rebolcando-se em todos os cantos com o cinismo alvar de cães. Via-os a cada passo em conluíus libertinos; no estalar da folhagem adivinhava conúbios torpes e batia o mato, aos berros injuriosos, enxotando casais que se atropelavam em fuga.

Eram os negros da roça que, iludindo a vigilância do feitor, esgueiravam-se agachadamente para lugares escusos, numa ardência lúbrica que os tornava ferozes; eram mucamas que desciam disfarçadamente indo ao encontro de amantes nos socavões das tulhas; era à beira do córrego, na umidade das ervas; era nos pedregais, nos grotões, nos pastos, entre os animais, entre os toros de lenha. Mas o que o enfurecia sobretudo era ver negrinhas metidas nos baixos do engenho, à risota, desnudando o corpo esquelético à cúpida sensualidade dos moleques, aos rebolos com eles, inconscientes do mal, brincando com a infâmia com a mesma travessa

indiferença com que se penduravam dos ramos altos, vergados sobre o abismo, arriscando-se à morte por um ninho vazio ou por um fruto verde.

• • •

A intimidade com que Manuel Gandra tratava Macambira – recebendo-o no escritório, conversando com ele, confiando-lhe todos os seus negócios: pagamentos, cobranças, ouvindo-o sobre assuntos da fazenda, tornava-o suspeito aos negros, que não cessavam de rosnar contra a empáfia do “empreado”, augurando-lhe “a vez de sentir o peso da escravidão”. “Tá muito inchado... Caminhando é qu’a genti vê: raio di roda tá im cima i desce. Dexe tá, Deus é grande!”

Quando, por falta grave, algum escravo era castigado, toda a gentilha assanhava-se atribuindo a pena a Macambira: “Quem havia di sê sinão ele?!” E rogavam-lhe pragas, amaldiçoavam-no, jurando vingança.

O boquejo não o incomodava, mas se algum negro, mais atrevido, passando por ele, mirava-o de esguelha, parava altivo em atitude de desafio e, encarando-o, fazia-o baixar os olhos, seguir humilde. Então ameaçava em voz surda:

– Porquera! Mexe cumigo i dipois t’arrepente. Calado, calado até u sangue fervê, dipois... ahn?

Com a vida de trabalho e de economia ajuntara um pecúlio nas mãos de certo negociante da Barra, conhecido como receptor de furtos de café e amigo dos quilombolas, aos quais trazia sempre ao corrente dos planos dos senhores, prevenindo-os das batidas projetadas, das ofertas aos “capitães de mato” ou das diligências policiais requeridas pelos fazendeiros. Os negros exageravam as posses de Macambira orçando-as em muitos contos de réis.

A notícia dessa vaga fortuna começou a preocupar Manuel Gandra com o receio de que o negro lhe falasse em liberdade, propondo-lhe o resgate. Firme no propósito de recusar, pensava,

entretanto, nas consequências: a fuga ou a intervenção da justiça, como acontecera no caso do pajem de um fazendeiro vizinho que tomara advogado, ganhara a causa e saíra livre por uma bagatela e rindo.

Foi para evitar um de tais desenlaces que, depois de muito pensar, decidiu-se astuciosamente pelo casamento do negro, prendendo-o pelo coração. Ainda que lhe conhecesse o gênio retraído, avesso a amores, desconfiava da sua inclinação por uma das mucamas, Lúcia, por havê-los, mais de uma vez, surpreendido em conversa no jardim – ela, dengosa; ele, de boa sombra. Rapariga de estimação, criada recatadamente à beira da senhora, quase como filha, era de natural tímido e meigo. Esmerada no alinhio das vestes, muito composta nas maneiras, calada e modesta, afigurava-se a Macambira um ser de exceção, destacando-se limpidamente, em realce gentil, da horda que fervilhava no imenso enxurdeiro.

Alta, fina e airosa, pele cetínea, cor de jambo, corada nas faces em rosas de saúde, olhos grandes, pestanudos, de um verde líquido, longos cabelos lisos tirando ao castanho, com reflexos de ouro ao sol, falando em voz submissa, de uma quebreira dolente, Lúcia impressionava pela doçura e pela originalidade do tipo.

Filha de uma mulata com um alemão que trabalhara nas obras do engenho, crescera sempre mimosa, instruindo-se com uma senhora portuguesa, viúva, que se aboletara na fazenda pagando o agasalho com ensinar às mucamas. Lúcia, desde logo, revelou-se a mais inteligente e aplicada, tornando-se a preferida da mestra, que não se fartava de a louvar lastimando-lhe o destino:

– Há por aí muita filha de fazendeiro que daria uma perna ao diabo se tivesse aqueles olhos, aqueles cabelos e aquelas mãos de fada. Só não faz o que não quer. – E a pequena apurava-se com a idade.

Lia e escrevia com desembaraço e era exímia em trabalhos de agulha. Lavradeira perita, bordava a branco, a matiz e a ouro;



talhava e cosia os seus e os vestidos da senhora, e, quando trabalhava na varanda, à sombra dos ramos pendidos do jasmineiro, era um encanto ouvi-la cantar modinhas.

Macambira não descia à Corte com o comboio sem procurá-la e pedir ordens e os olhos acendiam-se-lhe em lume alegre quando Lúcia lhe apresentava a nota das suas encomendas numa letrinha miúda e fina.

Dobrava-a carinhosamente e guardava-a na bolsa com o mesmo venerado respeito com que guardaria uma oração de virtude provada contra males e inimigos.

No regresso, entregando-lhe as compras que fizera, recusava o dinheiro e ainda ajuntava um mimo delicado da sua lembrança: vidro de cheiro, caixa de sabonetes, colar ou enfeite para o cabelo, oferecendo com vexame, trêmulo, de olhos baixos, logo fugindo para forrar-se ao agradecimento. Se ela, porém, insistia em fazê-lo aceitar o dinheiro, recusava-se ressentido:

– Qu'ê isso, Lúcia? Pois eu vou recebê pagamento da sua mão? Deixa de história. Uma coisa à toa...

– Então... muito obrigada. – E, com um riso vexado: – Mas olhe que eu assim não encomendo mais nada.

E olhavam-se um momento enleados. Encardiam-se mais as rosas nas faces da morena, e Macambira, com o coração aos esbarros, sentindo o rosto em fogo, tartamudeava afastando-se para que ela não lhe notasse a perturbação comprometedora.

Mas o prazer de sentir, passando por ela, o aroma da essência que lhe dera ou de ver, ornando-lhe os cabelos, o enfeite que lhe ofertara era tão intenso que ele parava e ficava sorrindo a respirar o perfume ou olhando embevecidamente a cabecinha airosa onde refulgia, entre o brilho dourado das madeixas, o grampo de plaquê. Nos serões era Lúcia quem lia para os senhores.

As mucamas, sentadas em roda, costurando, ouviam-lhe a doce voz dizendo as aventuras dos romances ou os casos maravilhosos dos contos orientais.



•

Não raro, no silêncio atento e comovido, arquejava um soluço, lágrimas rolavam nas finas cambraias quando, no desenlace de um capítulo, fuzilava um punhal cravando-se em peito frágil ou um recém-nascido, arrebatado de recâmara fidalga, e levado às ocultas, em noite áspera de inverno, por pinheirais lugentes, era abandonado à neve para que, com ele, desaparecesse o vestígio ultrajante de um crime de amor.

De uma feita Manuel Gandra, retirando-se da sala em meio da leitura, deu com Macambira no corredor, imóvel, colado à porta, à escuta.

– Que fazes aí, rapaz? Se queres ouvir, entra. – Mas o negro recusou-se vexado e foi-se, levando na alma o som da voz suave, que não era interesse pela narrativa o que ali o prendia, mas o encanto da voz de Lúcia, sempre harmoniosa, variando entre a doçura nas descrições poéticas e a plangência nos lances sentimentais.

•

Uma tarde, nos princípios de março, Manuel Gandra repousava no escritório ouvindo a parolagem do filho, então em férias do 3º ano do curso médico, que lhe descrevia, com arrevesados termos, a carnagem anatômica no anfiteatro, quando Macambira, de volta da vila, onde fora a cobrança, pediu licença à porta.

– Entra – disse o fazendeiro refestelado na rede.

O escravo entrou respeitoso, pediu a bênção e, abrindo a bolsa de couro, passou ao senhor um maço de notas. Depois de estalar o queixo num bocejo largo, Manuel Gandra perguntou:

– Contaste?

– Sim, meu sinhô; mas é bom vancê cunfiri.

Gandra remirou o dinheiro sem, ao menos, desatar o nastro que o apertava e, atafulhando-o no bolso, pôs-se de recovo, fitando no escravo um demorado olhar.

– Que diabo tens tu, rapaz? Andas triste. Sentes alguma coisa?

– Nada não, sinhô, graças a Deus.

– Não, tu não estás em ti... Também, com a vida que levas... Queres ser santo? – O negro sorriu, e Gandra perguntou de improviso: – Homem, por que não te casas?

Macambira aprumou a cabeça sobressaltado com a intempestiva pergunta e, de sobrolho carregado, como se houvesse recebido uma afronta, tartamudeou encarado no senhor:

– Uai! meu sinhô... – Os dentes alvos reluziram em sorriso instantâneo, logo se lhe fechou severamente o rosto.

– Macambira tem medo de mulher – chasqueou Julinho. O negro voltou vagarosa e arrogantemente a cabeça e demorou o olhar atrevido no estudante. O rosto tremia-lhe em frêmitos, um ricto rasgou-lhe a boca franzindo-a em comissuras de ira. O fazendeiro insistiu:

– Pois não, os molengas andam por aí presos a rabos de saias, e tu, um rapaz novo, forte... Não, senhor! Não está direito. Precisamos ver isso. Nem os bichos do mato vivem desse modo, eles lá se arranjam. Tens casa, uma roça regular, dinheiro junto. – O negro ia contestar, mas o fazendeiro atalhou-o: – Não negues. Essas coisas sabem-se. – E aprovou: – Fazes bem: quem ajunta encontra quando precisa. Mas arranja uma rapariga, coisa que sirva, que dê com o teu gênio e casa-te.

Macambira baixou os olhos e murmurou:

– Casá pra quê, meu sinhô?

– Ora, é boa! pra quê! Para teres família, o teu cantinho alegre, pois então?

– A gente vive bem sozinho. – E, sorrindo tristemente: – Onde vai leva tudo que é seu, não deixa o pensamento em roda da casa, nem anda com o ciúme no coração. Iscravo é iscravo. Casamento é pra quem pode, pra quem si governa.

– E tu não tens liberdade? Que te falta? – O negro fez lentamente um aceno negativo, recusando a proposta. – Que te falta?

– Eu sei, meu sinhô!? – Depois de meditado silêncio, ponderou: – Escravo não casa. Branco oia, iscoie, tira o que o coração pede; negro, não: casa cumu trabaia – onde o sinhô manda. – E, de novo, meneou com a cabeça negativamente, concluindo em voz baixa: – Quero vivê nu meu sussego, cumu até aqui.

– Sossego! – irrompeu o fazendeiro; – o teu sossego bem sei eu qual é. – Atirou as pernas, sentou-se na rede e, espalmando as mãos nos joelhos, de olhos fitos no escravo, afirmou com segurança: – É Lúcia! Com ela casas, hein? que dizes? – Julinho, que baquetava na secretária com uma espátula de osso, pôs-se vivamente de pé, surpreso. O negro ficou atônito, piscando airadamente os olhos, num aturdimento de estuporado. – Acertei, hein? Com ela é negócio feito, hein? – E sorria. – Anda lá que não tens mau gosto.

– Eu sou tolo, meu sinhô! Penso lá em Lúcia, uma rapariga quase branca...

– Branca! E que fosse! Brancos são os dentes e ninguém os tem mais alvos do que tu. – Julinho franziu a boca irônica, levantou-se assobiando e saiu para o jardim bambaleando o corpo. Macambira, que não lhe perdera os movimentos, arfava, remordia os beiços, estrincava os dedos e, relanceando à porta um olhar desconfiado, disse ao senhor, entre repreensivo e tímido:

– Vancê foi falá isso na vista di nhô Julinho não tarda nada i tá na boca di tudu mundo. Vancê vai vê a caçoada qui vão fazê.

– Caçoada? Por quê?

– Vancê vai vê.

– Qual! Eles sabem com quem se metem e conhecem-me. – E tornou ao assunto. – Por ser clara? Que tem isso? Quantas há por aí, até estrangeiras. E eu não vou forçá-la, ela há de ir por sua vontade, e contente.

– Lúcia!?

– Pois então? Pensas que não sei o que se passa aqui? Sei tudo, e ela não esconde, nem ela nem tu. Pois se hás de andar aos cochichos



pelos cantos, é melhor tratar disso quanto antes. Entendo-me com o vigário e arranjamos a coisa na primeira missa de abril. Estamos em começo de março, tens tempo de sobra para arranjar tudo. É andar.

O negro sentia a garganta ressecada, o peito aperrava-se-lhe em constrição de angústia, uma zoeira estrondava-lhe aos ouvidos. Espalmou a mão à borda da secretária e pôs-se a tamborilar com os dedos, nervoso. Por fim sussurrou em voz estrangulada: – Não sei... há por aí muito moço branco que gosta dela. Contra a vontade, não; isso não. Vem o arrependimento mais tarde... e depois... Eu gosto dela, gosto, digo a verdade, mas não é por ela ser branca. Gosto porque ela é boa, tem propósito, não anda por aí desmandada cum'as outras. Mas a gente deve pensar muito antes di dá um passo ansim. É a vida inteira, meu sinhô sabe.

– Qual pensar! Pensar quando não se conhece a mulher. Lúcia é uma rapariga direita. Que marido melhor do que tu pode ela querer? Bonifrates não faltam, mas isso...

Macambira ficou cabisbaixo, com o rosto a arrepiar-se em crispações fulgurantes. Por fim levantou a cabeça e pediu com submissão:

– E meu sinhô fala co'ela?

– Falo, falo. – Pondo-se, então, de pé, Gandra caminhou lentamente até a porta, esteve um momento a olhar o céu sob a doçura da tarde triste; e disse: – Falo hoje mesmo. – Voltou-se. O negro mantinha a mesma atitude estatelada.

– Vai. E, olha: vê se mandas limpar, amanhã cedo, aquele rego lá em cima que a água está com um gosto de lodo que não se pode. – Mas o negro parecia de pedra, imóvel, com o rosto a enrugarse em ricto como se suportasse dores lancinantes. O fazendeiro insistiu: – Vai. – Então moveu-se, resfolegou desafogado e saiu em passo vagaroso.

– Bênção?

– Adeus. – Atravessou o jardim como um sonâmbulo, desceu ao terreiro onde os cães, em atropelada corrida brincalhona, abocanhavam-se rolando aos rebolos.

A tarde declinava suave, estrídula de cigarras. Diluíam-se as últimas cores do sol e a sombra enevoadada começava a arminhar a paisagem. O ar cheirava. Bois mugiam a espaços, longamente, e a voz eterna das águas, escachoando no “inferno” do moinho, rolava merencória e profunda.

Macambira sentou-se à borda do terreiro, acendeu um cigarro e, descaindo o busto, inclinando a cabeça, pôs-se a estalar as unhas, alheio a tudo, no enlevo de um pensamento feliz, sem sentir a noite que o envolvia, cheia de estrelas no céu, misteriosamente múrmura de rumores que subiam da terra em vários tons acordes na melancolia.

Súbito, levantou-se de ímpeto, firmou-se em entono arrogante, cabeça alta, olhos fitos. Cruzou os braços e impondo-se em atitude augusta, logo, porém, em frenesi, metendo as mãos à gaforinha e avançando um passo, estacou encarado numa visão heroica e de amor que lhe corria ante os olhos maravilhados: as suas núpcias de rei na aringa pátria.

As descrições que Balbina lhe fizera do reino perdido, sem omitir uma árvore à paisagem, um objeto de uso, o nome de um ídolo ou de um herói, um verso aos cantos de guerra ou de amor, tão fundo se lhe gravaram no espírito que, por vezes, se lhe representavam objetivamente.

Sentia-se como transportado à cabilda e, num instante fugaz, era o rei moço.

Naquele momento, com a imaginação excitada, uma nuvem escureceu-lhe a vista, amoucaram-se-lhes os ouvidos aos rumores da realidade – logo, porém, estendeu-se-lhe ante os olhos, numa transfiguração, o espetáculo maravilhoso do pensamento evocado.



Viu-se em África e rei, entre a sua gente: os sobas gineteando, cercados de lanças que se emaranhavam nos meneios em que eram destros os guerreiros robustos, vistosos sob os mantos de peles e os cocares de plumas; os feiticeiros sarapintados, brandindo punhais em torno de manipanços; músicos aos pinchos cascavelando chocalhos, tangendo atabales, soprando possantes tubas ou flautas finas de cana, mulheres desnalgando-se em saracoteios lúbricos, com um guizalhar estrepitoso de búzios e seixos que formavam tangas e ornavam-lhes o peito e, entre virgens seminuas, que empunhavam flores de haste longa, balouçando-as ao ritmo do passo lânguido, Lúcia, numas andas de ramos floridos, sob flabelos e palmas, levada aos ombros de chefes, aclamada por milhares de vozes estrondosas.

Mas as estrelas reabriram-se à cintilação, subiram, de novo, no silêncio, as vozes várias da terra, e a visão desvaneceu-se.

Os sapos gargarejavam alto. “Eta!” explodiu o negro num arranque. “Fosse lá! Minha terra!...”

Sacudiu nervosamente a cabeça e, em passo moroso, foi-se, morro acima, direito à cabana, sem ver os bacuraus que esvoaçavam em surtos breves e, na escuridão dos matos, faiscando, os piscos vaga-lumes.

E nessa noite Balbina encontrou a cabana fechada e apagada.

Rondou-a, bateu à porta, forçou a janela; por fim sentou-se no tronco que formava degrau à porta, mascando, de olhos perdidos no luar, à espera do seu rei moço.

Macambira, contando com ela, mas querendo estar só, tranca-se e, sem acender a candeia, deitara-se no catre, quieto, antegozando o inesperado bem que lhe fora prometido, e, no enlevo de amor, fantasiava.

Um clarão de luar, que alumiava a parede de reboco, pareceu-lhe um vestido de noivado, e logo a imaginação pôs nele o corpo da morena com a sua graça ingênua.



Era ela, ali estava, já dele! Alta, esbelta, flexível, com a pele fina e dourada, os lindos cabelos lisos, os olhos grandes, verdes como algas, o doce sorriso, toda ela, dele e para o sempre?

O clarão escorria da parede, lento; já uma parte alumiaava o chão, chegava-se timidamente ao catre com feminino pudor, e ele esperava-o sorrindo como se nele, em verdade, fosse o corpo amado.

Quebrado de fadiga, tentava resistir ao sono embevecido no idílio imaginário.

Fora havia rumores iterativos, folhas estralejavam. Por vezes a porta trepidava de encontro à tranca, a janela rangia e a voz de Balbina rosnava impaciente.

Por fim ficou o silêncio – só as folhas das árvores sussurrando punham na quietude um frêmito de vida.

O negro bocejou largamente, com estrépito das mandíbulas, distendeu os braços, dobrou-os por baixo da cabeça e, estirado, imóvel, de olhos ardidos, com o espírito já abrumado, mas ainda girando em torno da ideia fixa, ouvia os vagos murmúrios noturnos, a mais e mais sutis e longínquos até que se lhe fecharam as pálpebras e mergulhou no sono.

E o clarão do luar, subindo ao catre, deitou-se com o escravo, cobriu-o como um lençol diáfano e só o deixou quando os galos começaram a amiudar nos poleiros, nas árvores, como sentinelas em postos anunciando o dia que vinha através da névoa apagando as estrelas, despertando os ninhos.

**N**a fulgurante e tórrida estiagem que fendia a terra em lanhos, desentaliscava os calangos e assanhava as moscas silvestres, que ziniam relumbrando em cores ao clarão fulvo do sol, com a barafunda e o babaréu das negras, o aceitoso sítio regadio aparentava o tumultuoso aspecto de uma aringa.

O córrego dividia-o em duas bandas díspares.

À esquerda, era um areinho sáfaro, pedrento, espetado de áspero silvedo, com um ou outro arbusto esmarrido.

À claridade vívida, que faiscava na terra aridamente calva ou espinhada em híspida macega, incrustada, em pontos, de lascas de malacacheta que expluíam centelhas, reluziam, aqui, ali, espelhentas poças d'água. Coqueiros, de palmas arrepeladas, derreavam-se como em delíquio farfalhando molemente a sopros mornos.

Ao longo da margem, em estendal de um branco ofuscante, a roupa corava ao sol.

Contínuas, em chirriada monótona, por vezes como chiar de carros, as cigarras mantinham o rechino enfadonho e tórpido do estio e, a espaços, de um e de outro ponto, saltavam gafanhotos com um crepitar metálico de élitros.

Nas barrancas amarelas, sulcadas em lesins e oureladas de mato intonso, lagartos papejavam abochornados. A imobilidade dizia com o silêncio, e os raros ruídos do vento soavam frouxos,

sinistros como lufadas de incêndio. E, para agravar o escaldo, encandeando a vista, a pedreira, escalavrada em laivo escandecido, destacava-se branca, reticulada de veios, como a nuca de um gigante encovado no areal cuja cabeça fosse a colina redonda, coberta de silvas, como encarapinhada em grenha hirsuta. O azul, alto e translúcido, tinha diafaneidades de cristal e branduras macias de cetim.

Na banda direita, em contraste, tudo era viço e frescura, desde a relva, muito verde e úmida, até as franças das árvores copadas que abriam largas sombras mosqueadas de soalhas e estrias de sol.

O córrego sonolento,ilhado de espumas vitrificadas em bolhas rútilas, descia vagaroso sob o voo irrequieto das libélulas, rebalsando frocos ao longo das margens ou condensando-os em torno das lavadeiras, brancos, rendados como folhos da camisa que lhes houvesse escorrido dos ombros amontoando-se-lhes em volta da cintura.

Eram em bando, tipos vários, negras, cabrochas e mulatas.

Rapariguinhas franzinas, ainda impúberes, mulheraças fornidas e desenvoltas, velhas macilentas, saias sungadas, enrodilhadas à cinta, em camisa ou com uma simples tanga; peitos ainda em botão, mamas fartas bamboando gelatinosas ou chatas, flácidas, dependuradas em línguas moles.

Às upas de ancas, no esforço arrancado de esfregarem a roupa, algazarravam ou guinchavam cantigas em falsete.

Negrinhos nus, em alarido alegre, chapinhavam no lodo, rebolcavam-se, trambolhavam nas peças de roupa suja, espadanavam às pernadas n'água mergulhando, surgindo aos bufidos nos borbulhões de espuma com a carapinha como polvilhada. E pequenos engatinhavam choramingando, agarravam-se aos ramos, amparavam-se às pedras tentando passos, equilibrando-se; outros, papo para o ar, pernas abertas, dormiam em trapos ao abrigo das moitas.

Às vezes, ao choro de um, uma negra saía d'água com as saias apegas ao corpo, esfregando os braços enluvados de espuma, sentava-se na relva, tomava o filho ao colo e, chegando-lhe o peito à boca, ficava distraída, numa felicidade doce, vendo-o sugar gol-fadas cheias aos goles lentos e gorgolejantes.

Bem-te-vis, das grimpas dos coqueiros, respondiam chocarreiramente, à surriada dos sanhaços. Anuns voejavam nos ramos baixos e, de pausa em pausa, com a regularidade rítmica de um pêndulo, soturno gemido de ave partia da capoeira, lúgubre.

O ar abafado, impregnado da urente evaporação da terra, cheirava a coivara. Os matos ressequidos estralejavam. Refegas de vento revolviam folhas, bojavam roupas suspensas dos ramos, levantavam terebrantes torvelins de poeira, salteando aos repi-quetes, ora num chão vazio, suflando a terra solta, ora ondulando os capins esturricados ou agitando as franças que reboliam com farfalhoso barulho.

As roças de milho, secas, com as folhas encoscoradas ou rotas em fiapagens, sujas, pareciam cobertas de cinzas.

A quando e quando, no árdego silêncio, vibrava metálico o canto marcial de um galo. Mas a quietação recaía lassa, modorrenta, aborrida. Longe, nas montanhas de um azul esfumado, a luz parecia pulverizada e as várzeas, retalhadas em caminhos tortuosos, tremiam num arpejo lúcido e contínuo como se as refletisse um espelho vibratório. Abafava-se.

As próprias negras seminuas, metidas n'água ou patinhando no lameiro, suspendiam, a intervalos, a labuta, ofegando exaustas.

– Ufa! Nossa Senhora! Parece fogo! Isso é trovoada que vem aí.

E o clarão acendia-se mais, de um amarelo lívido, cintilando nas folhas, crestando a terra, resplandecendo afogueadamente no azul imaculado.

• • •

O lavadouro atroava no auge da balbúrdia quando Vaca-Brava apareceu arremangada, suada, com os molambos esvoaçando.

Viam-se-lhe, pelos rasgões da saia, trapos da camisa sórdida e negros da carne magra.

– Uai! Donária... ocê pur aqui. – O mourejo cessou de golpe com a presença da cabrocha.

As negras aproveitaram o incidente para um repouso garrulo. Umas, subindo à margem, acenderam o cachimbo, outras meteram na boca um naco de fumo mascarando saboridamente. Tal espapou-se de borco, fincando os cotovelos na erva úmida, com o rosto enforquilhado nas mãos; qual refestelou-se ressupina, braços abertos, arfando.

– Ocê aqui é. I a modi qu'ocê andô rolando nu barro.

– Qui cara injuada, iche! Cara di quem cumeu i não gostô. Pois oia, s'é bom manda pra cá, qu'ocê memu já não aguenta báqui di marruá. – A gargalhada explodiu. A cabrocha voltou carrancuda, mediu do alto a mulata que a tropeçara, uma fula, esquelética, braços muito compridos, cara ossuda, picada de bexigas.

– Cala a boca, fedentina. Ocê não cria vergonha nessa cara? – E, frenética, roufenha, arremetendo: – Ocê não toma pagode cumigo, não; oia, lá! Eu já ti dei cunfiança, pixilim? Toma sintido, bruaca. Dipois, dipois... – E gingava, viro-virava, a alisar os braços másculos como em desafio.

A mulata embatucou ante a fúria da cabrocha e ria vexada, esfuracando a terra com um graveto. Mas como as injúrias continuassem levantou-se, e de repelão, sungando a saia encharcada:

– Ah! tamém... a gente não pode brincá. Ocê tem dirêto di dizê tudo i os otro... Quem sabi?! tão bom cumu tão bom.

Meteu-se n'água e, atafulhando as saias entre as pernas, pôs-se a lavar resmungando. Donária, olhando-a de esguelha, escarrou alto e cuspiu com asco e, sem lhe dar mais atenção, acenou a uma das negras.

– Oia aqui, Damiana.

– Eu?



– Ocê memu. Escuta aí uma cosa.

Esfregando os braços roliços a nomeada saiu do córrego com a saia colada ao corpo, modelando-lhe as coxas gordas, o ventre ancho e redondo.

Era uma negra moça, atarracada, retinta, com a gaforinha trançada rente, em malhas imbricadas, parecendo mais uma calote de retrós. Plantando-se diante de Vaca-Brava, mãos nos quadris, com as formas anafadas muito em relevo, indagou:

– Qui é? – a cabrocha rosnou.

– Bamo saí daqui. Tá tudo d’oio im cima di nós.

Afastaram-se. As lavadeiras, vendo-as ir muito juntas, cochichando, davam de cabeça, espichando o beijo maliciosamente.

– Patifaria...

– Uhm! – As duas entraram no balseado, sentaram-se à sombra das pitangueiras, e Donária, encolhendo as pernas, com os cotovelos nos joelhos, o busto descaído, disse em tom de mistério, encarada na companheira:

– Ocê já sabi?

– U quê?

– Casamentu di Lúcia cum Macambira...?

– Huê, gente! – exclamou Damiana em sobressalto. E depois de um silêncio de pasmo: – História... – contestou abotoando os beijos em momo de incredulidade.

– Ora! s’eu tô dizendo... Mercedes soube di nhô Julinho.

Damiana escancelava a boca, os olhos espocavam-lhe das órbitas. Cruzou os braços premindo os peitos, que rebojaram transbordando.

– Mas qu’ê qu’ocê tá dizendo, criatura...!?

– É procê vê. Casamentu ficou cumbinado onte. Foi sinhô memu qui falô cum Lúcia.

– Ocê qué vê qui véio já passô rodo nela i agora qué remendá u má??

– Sinhô? Quá! U qu’ele qué é prendê u muxiba i botá muié nele.  
– Mas Lúcia...! – pasmou Damiana, enclavinando as mãos, olhos em alvo, abobada.

– É procê vê. Aquela songamonga. Ocê s’ispanta... Eu é qui nunca m’inganei c’aquilo. Mulata di cabelu ruivo, oio nela. A mim ela nunca inganô. Muito luxu, muita fidúcia pra s’istrepá nu muxiba. Porquera?

– Ambição. Foi só modi dinheiro. Macambira tem gimbo, sinhô faz tudu qu’ele qué. – E cuspinhou: – Mandiguero safado! Dexa ela, Barbina tá lá im cima.

E falaram do negro e da mulata com maledicências torpes, rindo escarninhas.

Vaca-Brava, atirando um murro à coxa, jurou que Macambira havia de pagar-lhe, e rouca, com expressão feroz:

– Só s’eu não cunhici a mãe daquela bicha, mais rasa du que bassora. Aquilu, mais hoje, mais amenhã injoa a catanga du tio i vai co’ primero qu’aparecê, cumu cachorra d’istrada. Ocê há di vê.

A outra, com um rebrilho de dentes claros:

– Eu só quiria fica nu quartu dele na noiti du casamentu modi vê o pagode – e riu esganiçadamente.

Donária atirou um muxoxo.

– Pois sim...! Qu’é qu’ocê pensa? Trambecando memu ele há di lá. Mulata tem fogo, há d’arranjá jeito.

– Sem-vergonha! Este mundo... uhm! – Levantaram-se. – Té logo! Roupa tá í. – Donária enveredou mato a dentro e, já longe, oculta pelas árvores:

– Oia, amenhã tem zorô lá im casa. Ocê querendu levá boca...

– Brigada. – Damiana tornou ao córrego, e instantes depois a farandola, sabedora do caso, rinchavelhava às escâncaras, comentando impudentemente a sem-vergonhice da mulata. E uma negra cantou de improviso:

*Eu quero vê pra contá  
Eu quero vê modi crê  
Fogu pegá dentru d'áua  
I u muxiba cum muié.*

O compadrio delirou com a trova, repetindo-a por entre risadas cascalhantes. Negras mais desabridas sambaram ao som das vozes, corcoveando aos reboleios. À noite, na cozinha, as velhas negras cachimbando, mascando acamaradadas, gozaram as micagens das mucamas e dos crioulos.

Um deles, macaqueando Macambira, empinado em recacho pimpão, abarcando a cinta de uma cafuza, que fingia de Lúcia, deu volta à cozinha, através do riso e dos ditérios canalhas da assistência. Súbito, atracando-se com a rapariga, forcejando por derrubá-la, a farejar-lhe o colo, pôs-se a fungar em cio, fossando grunhindo. As velhas dobraram-se em guinchadeira largada, aos empurrões umas às outras; e uma cantou, batendo as palmas:

*Eu quero vê pra contá  
Eu quero vê modi crê...*

E o crioulo e a mucama tripudiavam desconjuntando-se num rebolir obsceno, agachando-se peneiramente; mas de ímpeto, a um grito, pondo-se os dois a prumo, chocaram-se em umbigada. E foi um reboição alegre e estrondoso de aplausos.

E o quadrado, ainda depois do toque de silêncio, com os negros sentados no limiar das portas, muito tempo rumorejou sarcástico com o zumbido da cantarola zombeteira:

*Eu quero vê pra contá  
Eu quero vê modi crê*

Foi no escritório, à tarde, que os noivos tiveram o primeiro encontro. Macambira dava conta do serviço que fizera na mata com três negros, limpando a fonte e o rego de onde desalagara todo o balseiro de folhas e ervas mortas, amotando as margens para canalizar a água, quando Lúcia apareceu à porta, parando no limiar.

– Senhor me chamou?

– Entra! – ordenou o fazendeiro. O negro perturbou-se. Fez uma atordoada volta olhando airadamente em torno, a remexer nos bolsos. Tirou o lenço, limpou o rosto e, atarantado, ia pondo o chapéu quando deu com o olhar em Manuel Gandra. Retraiu-se vexado, como surpreendido em falta.

O fazendeiro continha, a custo, o riso ante o ar canhestro dos dois. Mirou-os tranquilamente e disse, em tom de galhofa:

– Homem, vocês parecem crianças. Que diabo! – Lúcia encostara-se ao umbral e retorcia, acanhada, a ponta do casaco. – Entra de uma vez, rapariga. Que estás fazendo aí fora?

A mulata adiantou-se tímida. Gandra sentou-se na rede, acendeu um charuto e, vagarosamente, como se desse uma ordem de serviço:

– Vocês já sabem do que se trata, não é? Pois entendam-se lá, marquem o dia e avenham-se. Eu estou por tudo. – E pôs-se a balançar-se fumando.

Macambira sentia-se como colhido em cilada, sem ver saída, e abafava; ouvia-se-lhe a respiração angustiada. Relanceando olhares rápidos a Lúcia, via-lhe o colo alto arfar opresso. Acenou um gesto vago, sem significação, manteve um momento o olhar fito, mas não via – era como se estivesse muito longe, isolado numa prisão de altos muros, sem ar, sem luz, a morrer.

Ante o silêncio obstinado, Gandra exclamou nervoso:

– Então que é isto? Vocês perderam a fala? E tu, rapariga...?

A mulata deu de ombros molemente, com um sorriso contrafeito.

– Eu sei... O que o meu senhor fizer está benfeito. Meu senhor manda.

O negro atesou-se hostil, punhos cerrados, mandíbulas apertadas, o olhar fulmíneo. Gandra acenou de cabeça em negativa e falou vagarosamente, como se ditasse as palavras.

– Não, senhora: eu não mando. Aqui não há senhor. O caso é entre vocês dois. Não disseste que querias? – Lúcia, retorcendo-se, boleando o corpo, revirando a cabeça, sorria, tornava ao sério numa indecisão envergonhada. Gandra insistiu com serenidade: – Fala: queres ou não? Se queres, muito bem; se não...

– É... – confirmou Macambira em voz cava. De novo o silêncio cobriu a cena. O negro aprumava-se tanto que parecia crescer, dilatar-se como uma sombra. E ficou silencioso, hirto, encostado à parede, o olhar morto. A mulata fez menção de falar, não se atreveu, retraindo-se com um encolher de ombros; por fim decidiu-se:

– Então só eu é que hei de falar? O que eu tinha a dizer já disse, meu senhor sabe.

– Sim, eu sei; mas Macambira quer ouvir de ti, da tua boca. – Lúcia encostou-se à secretária, de olhos baixos, resmungando em tom dengoso. – Fala! – tornou o fazendeiro. – Ela levou o braço ao rosto escondendo os olhos, como se chorasse. – Fala, rapariga. Pareces boba.

– Então a gente não tem vergonha? Assim também não...

– Vergonha de quê?

O negro olhava casmurro. De improviso, desmanchando-se em gestos desengonçados, gago, com o olhar desvairado, rompeu:

– Oê não qué, diz; é mió. Ninguém tá forçando oê, não é, sinhô? Ninguém tá forçando. Não qué, fala duma vez. Pra que a gente há de ficá ansim um diante do outro perdendo tempo? Não qué, diz. Ninguém ubriga.

A mulata, surpreendida com a rebentina do negro, encarou-o pasmada. Gandra fechou a cara, atirou fora o charuto e, levantando-se da rede, bradou:

– Qual não quer?

– Mas eu disse alguma coisa, gente?! – choramingou a mulata. Remordeu o lábio e, de cabeça baixa, pôs-se a bater nervosamente com o pé calçado em chinela de bico. Gandra voltou-se para Macambira. O negro era uma estátua. Lúcia deu de ombros, resignada. Suspirou sorrindo e, caminhando para o negro de olhar fito, estendeu-lhe a mão, inclinando a cabeça num jeito de graciosa humildade:

– Tá í – sussurrou infantilmente. Macambira, alvoroçado, respondeu ao gesto e, em voz branda, com uma desusada ternura a atravessar-lhe a aspereza das maneiras, como um límpido fio d'água jorrando dentre pedras, interrogou docemente:

– Mas é do seu gosto, Lúcia?

– Huê! Então?

– Oia lá! Pensa bem! Casamento é cum'a morte, Lúcia – e os dentes reluziram-lhe num sorriso estranho.

A mulata abotoou os lábios em muxoxo e, envolvendo o negro na languidez de um olhar adormecido, redarguiu sorridente:

– Pensar o quê? O que eu tinha de pensar já pensei. – E animada, encarando-o: – Mas por que é que você fala em morte?

Ele embatucou arvoado, com um largo sorriso alvar no rosto luzidio, a errar com os olhos muito abertos:

– Uai! porque sim. Casamento e morte é uma vez só – e, insensivelmente, apertava-lhe a mão, triturando-a. Ela trincava o lábio, encolhia-se com uma expressão meiga de sofrimento, olhando-o de olhos semicerrados no gozo dorido daquela tortura de amor. Gandra interrompeu o colóquio:

– Bem, estamos entendidos. Agora é tratarem disso quanto antes. Casamento e jantar não se deixam esfriar.

E foram assim os esponsais de Macambira e Lúcia.

Uma manhã, como de costume, Gandra passeava no jardim e parara junto do viveiro das avencas, na umidade sombria de

uma gruta de pedras limosas por onde e donde a água corria em filetes, pingava em lentejo estagnando no tanque cheio de algas, quando ouviu passos crepitarem na areia. Voltou-se e viu Macambira.

– Olá! – O negro sorriu canhestro. – Queres falar comigo?

– Sim, sinhô. Queria dizê uma cosa, meu sinhô não leve a má...

– Que é? – Então o negro, vexado, propôs tomar a jornal alguns parceiros, oficiais de obra, para fazer um puxado, rebocar umas paredes no seu rancho. Gandra encarou-o sobrecenho, como ofendido, mas logo, desanuviando o rosto, disse em tom pausado:

– Guarda o teu dinheiro, rapaz. – Pôs-se a alisar a barba, meditando; repuxando o lábio em dois dedos, esteve um momento de olhos altos, semicerrados, como a calcular. Por fim perguntou: – O Félix já acabou o que estava fazendo no engenho?

– Cabô sim, sinhô.

– Para vocês uma casa com dois quartos, sala, cozinha é quanto basta...?

– Uai?

– Pois eu falo com o Félix. Há aí tudo: telha, madeira, tijolos. Que mais? Umhas ferragens, cal, um pouco de tinta, isso custa-te uma ninharia. Nada de remendos. Vida nova, casa nova. – E voltou-se para o tanque a olhar as algas. – Pois é: o que há em casa eu dou; o resto compras. Não é assim?

O negro sorriu agradecido.

– Três ou quatro homens arranjam-te isso em dois tempos e ficas com uma moradia decente.

O negro, ainda que o conhecesse como homem de rasgos, generoso, mãos rotas, coração grande, ficou sem termos para agradecer. Retorcia o chapéu nas mãos sorrindo abertamente.

Despediu-se contente e, como tinha de ir à Barra, desceu ao pasto a apanhar um animal; e assobiava radiante à ideia de ter, lá

em cima, em vez da cabana palhiça, esburacada e enegrecida de fuligem, uma casinha de telha, caiada, com um alpendre, que era o seu sonho.

E, três dias depois, começaram alegremente as obras.

Conhecendo o gênio franco de Macambira, os parceiros atraíram-se de boa cara ao trabalho.

Eram cinco rapagões destorcidos, três pedreiros e dois carapiñas e Félix, o mestre, gordalhufo, alma alegre, um pagodista de marca, sempre de cara n'água, vozeirando ordens, às pernadas por cima das pilhas de sarrafos, pelos montes de tijolos, pelas rimas de telhas côncavas. Moleques cruzavam-se no carreiro, uns subindo com materiais, outros descendo, a correr, em tropelias, labutando por gosto.

No amassadouro eram eles que revolviam o barro, eram eles que o levavam no cocho aos pedreiros. Marinhavam pelas escadas com telhas, subiam a ladeira com tábuas que estalavam matraqueando umas nas outras.

E, no recanto agreste, dantes tristonho, silencioso, era um bulício alegre desde o amanhecer até a tardinha: marteladas, rascar de serra, troar de vigotes atirados, vozes, gritos, cantigas, assobios. Nas paredes ia entrando o emboço, e Félix impava orgulhoso atafulhando-se nas maravalhas ou levantando poeira do chão pronto para receber soalho nos aposentos da frente – quarto e sala, que os outros, um quartinho para despensa e depósito e a cozinha ficavam bem ladrilhados a tijolos e de telha vã.

À frente da casa um alpendrezinho sobre vigas de cedro oferecia o agradável repouso de um poial.

Macambira tratava os operários com largueza – era o café com bolacha, o gole de cana, o fumo e, aos domingos, uns dois mil-réis a cada um.

O levantamento da cumieira foi pretexto para um rega-bofe de feijoada e caninha, à sombra das laranjeiras.



Pronta a casa, alvejando entre as árvores, com o telhado vermelho, as portadas verdes e, lá para o fundo, no lançante do monte, o galinheiro de ripas, o chiqueiro de tábuas, uma moenda nova, Macambira abraçou os rapazes, gratificando-os generosamente. Félix teve maior maquia.

Quando o negro comunicou que a casa estava pronta, Manuel Gandra quis vê-la e lá foi a cavalo.

Andou por ela examinando tudo minuciosamente, abrindo e fechando portas e janelas; correu o terreiro, o pomar e achou que aquilo “estava digno de um lorde”. Uma casa de gosto. O negro sorria desvanecido.

– Pois olha, ficou melhor do que eu esperava. Estás muito bem. Lúcia vai gostar. Agora é conservá-la. E a tua roça está viçosa. Podes levá-la pelo monte até a beira da mata; ali em cima a mandioca deve dar bem. Para milho e cana tens a baixada, de boa rega. Estás muito bem. E que vista! É um paraíso. Bom... Deus te ajude.  
– Montou e partiu.

Nas clareiras parava o animal olhando do alto o seu vasto senhorio, terras de sementeira e mata, campo e monte, tudo farto por ali fora a perder de vista.

Um carro de bois subiu da Barra carregado: mobília nova e louça, trem de cozinha, fazendas, de um tudo.

Era noite alta quando passou a porteira sem ruído, com muita graxa nos eixos, e, apesar do ladrar dos cães, ninguém acordou na fazenda. Macambira, Balbina e os carreiros transportaram a carga para a casa nova e o carro regressou antes de amanhecer.

O terreno foi todo capinado em volta da casa e o caminho alisado tão a capricho que não ficou pedra em ressaltado nem depressão sensível. E era um gosto aquilo lá em cima, tudo lustroso, cheirando a verniz, louça de passarinho no armário, quatro cadeiras, cama francesa de casal, cômoda de vinhático, boa mesa, sem

contar a mala que Macambira comprara na Corte, o relógio, uma cantoneira com uma figura de gesso.

E o negro, armando na sala a rede do Norte, de varandas largas, em franjas, tomou a atitude orgulhosa de um ras que contemplasse soberanamente os seus domínios vastos.

Então resolveu convidar Lúcia para ir um domingo lá em cima, ver se estava a seu gosto.

Balbina arranjou o interior com tão apurado esmero que até flores havia em vasos de barro e em copos, sobre a mesa, na cômoda, nas prateleiras forradas a papel de cores.

Nas paredes alvas figuravam ilustrações de revistas, cromos, registros, um feixe de palhas secas benzidas e uma oleografia representando a Ceia. Na porta, por dentro, havia um signo-salão que o Félix pintara a capricho.

No terreiro, muito varrido, choviam as flores de ouro de uma acácia. Pássaros faziam giros largos, iam ao fundo escabroso das grotas, tornavam aos ramos, de novo partiam de arremetida, aos trilos. Da mata saíam revoadas com um chilreio de riso.

Por vezes um grasnido rascante talhava o ar – todas as asas colhiam-se, o espaço esvaziava-se e, alto, solitário, um lento caracará batia o voo perscrutando, súbito infletindo ríspido, direito a um ponto, à preá.

Em volta de caixões, que Macambira suspendera sob a aba do telhado, zumbiam enxames. Galinhas ciscavam cacarejando aos pintos, galos cucuritavam nos matos; uma porca, entre baco-rinhos, grunhia fossando o lodo, e, preso a uma árvore, o cão ladrava, gania aos arrancos à corrente.

Da velha choupana não havia vestígio, só as árvores que a cercavam dantes mantinham-se de pé, mais vivas e airosas, como se houvessem remoçado, dando sombra mais larga e aroma mais doce.

E Macambira, ainda só, mas sabendo-se amado, contava os dias, muito perto da felicidade, como se fosse pelas extremas de denso bosque e já avistasse, através das abertas, ao longe, azul de céu e alvuras da cidade feliz onde devia habitar agasalhado e para o sempre no puro amor do seu sonho.

**P**ronto desde cedo – porque de madrugada, antes das cores abrirem-se, fora ao banho na cachoeirinha do grotão –, vestido de ponto em branco, gravata, botinas de couro cru, Macambira aforçurava-se nos arranjos da casa, empenhado em agradar à noiva.

Tudo varrido, espanado, portas e janelas abertas, estendeu a toalha na mesa, pôs o boião de compota, a lata de biscoitos, uma garrafa de vinho fino. E cantarolava indo e vindo, com estrepitoso rinchar das botinas, a reparar, a corrigir, removendo objetos, compondo melhor um ramo, ora na sala, ora no quarto ou saindo ao terreiro, tão exigente no asseio que até apanhava do chão as flores murchas, as folhas secas e ia lançá-las à grotá.

Era outro – alegre, expandido, fisionomia aberta, sem a espinhenta desconfiança, a irritadiça suscetibilidade que o tornava ferrenho e antipático.

Quanto mais corria o tempo, mais se lhe abrandava em ternura o coração empedernido. Vendo, porém, as franças do arvoredado reluzirem ao sol, impacientou-se.

Foi ao pequenino relógio de madeira recortada que, sobre a cômoda, batia um tique-taque lesto. Oito e meia! E ela que prometera ir cedo, de manhãzinha...?

E entrou a conjecturar: “Uhm...!” Dava-a por arrependida. Talvez vergonha das mucamas que a traziam num cortado, sempre com

indiretas, rindo-lhe na cara ou cantarolando a toada da cantiga impudente. Ou seria medo de que ele, apanhando-a sozinha lá em cima, tentasse violentá-la??

Tal ideia assomou-o, acendeu-lhe na alma uma cólera frenética, e, revoltado como diante do fato real, prorrompeu em impropérios, repelindo, em voz surda, a afrontosa, imaginária suspeita: “Eu!? Oê tá inganada! Eu não sou da laia desses qu’ocê conhece. Oê tá inganada! Quem sabe!” E media a sala a passos largos, arrependendo-se, gesticulando desabridamente.

Arrugou-se-lhe a fronte em catadura feroz, os olhos, adoidados, lampejavam áscuas, retorcia as mãos, dobrava-as enclavinhasdas estrincando os dedos. Súbito, atirando uma patada ao soalho, expluiu fremente: “Diabo!” Os beijos tremiam-lhe, o peito ia-se-lhe constringendo em angústia. Sorveu ar.

Fora, no esplendor da manhã radiosa, era um sonoro guizalhar de cigarras. Caminhou até a cozinha, saiu, deu volta, foi ter ao pomar, e um tumulto de ideias revolvía-se-lhe no pensamento. Avistando-o, o cão pôs-se a ganir agachado, a arrastar-se humilde, batendo a cauda; vendo-o passar indiferente, arremeteu num salto e, um momento de pé, sustido pela corrente, ladrou, rosnou, voltando, por fim, a enroscar-se na palha.

O negro raspava a fronte a unhas, refranzia o rosto. Tornou à casa.

Foi, de novo, ao relógio: “Nove horas...” Sorriu sardônico, resmungando injúrias.

Mas estatelou-se à escuta, agarrado aos punhos da rede, a olhar atento. Era, sim. Era a voz de Lúcia, perto, no caminho. Saiu à porta e, abrindo os braços entre os umbrais, esperou. Era ela, sim. Era ela e dizia:

– Benfeito! Quem te mandou? Eu não disse que não viesses pelo mato? Tu não tomas emenda... – E apareceu entre as árvores, de branco. Uma negrinha seguia-a manquejando.



Macambira sentia-se como à beira de um brasido: intenso calor afogueava-lhe o rosto, urticava-lhe os olhos, dando-lhe sensação igual à que sofria nas queimadas de agosto quando, em lu-fada adusta, o vento passava rolando bulções de fumo. O coração pulsava aos ímpetos solapando-lhe o peito; corriam-lhe arrepios pelo rosto. Parecia medo o que sentia vendo vir a mucama, passo a passo, meio curvada, sacudindo o lenço, a espantar as abelhas.

Custou a arrancar-se de onde estava, descer o patamar para recebê-la.

Sentia-se atraído, num feroso desejo de precipitar-se, a correr, tomá-la nos braços, mas conteve-se disfarçando a emoção na compostura grave com que a esperou junto à acácia, que pingava flores.

Dando por ele, a mucama, com as cores muito vivas nas faces, exclamou risonha e ofegando:

– Hum! Parece que não é nada e estou aqui botando a alma pela boca.

– Quem não tá costumado cansa. – Estendeu-lhe a mão e ficaram um momento encarados, sorrindo.

– E como isto está de flores! – Embelezada de tudo, não se fartava de olhar, elogiando: – Muito bonito! E eu que nunca tinha vindo aqui! Não, minto: vim, uma vez, em pequena, com mamãe, no tempo de ti Pedro. Mas não vê que era assim...! Tudo mato e ali, bem na beira do barranco, um ranchinho à toa. Agora sim.

E iam-lhe os olhos a tudo: à mata, muito densa, pintalgada de flores, rolando em verdes vários pela encosta do monte, num ou noutro ponto escaldado – pedra a reluzir úmida ou costão de barranca escavacada; ao pomar, onde já as laranjeiras tinham os frutos amarelos; à acácia toda em flor – “Como está linda! Parece de ouro!” não se conteve que não dissesse; à casa muito branca, já com um laivo de sol à frente e pombos no telhado: “Como é fresco! E que bom cheiro!”





Um som d'água adormentava, e a chilreada dos pássaros ia bem na alegria daquele sol, no viço daquele verdor lustroso.

Lá em baixo, longe, até as montanhas, a várzea ora plana, ora ondulando em coles suaves, cortada pelo rio sereno, sombreado de árvores ou faiscando ao sol; roças, convales ainda abrumados de névoas ralas. E choupanas à beira das trilhas, com o terreiro à frente, claro, liso como assoalho; outras que se adivinham pelos rolos de fumo ondulando entre as árvores; e aveludadas colinas de um verde fresco, tosadas, sem sombra de árvore. Para os lados da lavoura grande os cafezais a eito nos outeiros. Altas no céu fugiam nuvenzinhas brancas.

Lúcia voltava-se para um lado e outro, olhando enternecida.

– Bonito! – E depois de um silêncio: – Mas à noite deve ser muito triste...

– Quando há lua nem dá vontade da gente drumi. Tudo isso fica alumando e lá embaixo parece o mar. – Ela mirou-o maravilhada. E os dois, no mesmo enlevo, ficaram olhando os horizontes fundos, empoeirados de ouro. A criulinha sentara-se na soleira da porta examinando a perna escoriada.

– Tá doendo? Esfrega um bocado de cachaça.

– Qual! – contrariou Lúcia.

A pequena contrafez um sorriso, repuxou a saia curta de zuarte, escondendo a perna escanifrada.

– Bamo entrá? – convidou Macambira.

E Lúcia, muito mimosa, sacudindo a barra do vestido:

– Vamos. – Na sala, diante da mesa servida, a mulata exagerou a surpresa: – Nossa Senhora! mas que é isto!? – E riram. Relanceando os olhos, ia vendo tudo com ar satisfeito. Ao dar com a Ceia, mudou-se-lhe a expressão do rosto numa serenidade beata. Recolheu-se contrita, como se rezasse, e o negro contemplava-a em êxtase, adorando-a com um olhar que a envolvia à maneira de um clarão no qual, em surtos, relumbrava a flama do desejo.



Ela suspirou docemente, persignou-se e, olhando-o:

– Vamos?

A casa ainda cheirava a tinta, e Macambira recomendou: que não se encostasse nas portas. Ela colheu o vestido, retraindo-se. Entraram no quarto.

Três janelas arejavam-no – uma à frente, outra ao lado olhando o costão do barranco e a terceira ao fundo, sobre o monte, ensombrada por uma magnólia de tronco rugoso e negro, como tostado, mas florida e alegre de voos e de chilreio de aves.

Macambira deixou-se estar à porta enquanto Lúcia examinava o aposento e os móveis: a cama, o lavatório de ferro, com bacia, jarro e saboneteira de louça, a cômoda, uma canastra encourada e um cabide de parede.

As gavetas aperravam rangendo, e um cheiro de madeira nova enchia o quarto agradavelmente.

Na cama, o colchão alto, estalejando à pressão, travesseiros sem fronhas, uma esteira enrolada aos pés.

– Está a seu gosto?

– Que pergunta! – Saíram encaminhando-se vagarosamente para os fundos e, diante do quartinho, Macambira explicou:

– Isto é um achegozinho pra guardá uma coisa e outra.

– Pois então? Serve bem. – Foram à cozinha. Lá estava Balbina encorujada junto ao fogão de tijolo, toda de novo: saia e casaco de riscado, lenço vermelho à cabeça. A alegria de Lúcia, até então contida em vexame, explodiu ruidosa:

– Tia Balbina aqui... tão caladinha! E toda bonita?

A negra encarquilhou um sorriso, resmungando:

– Caçua, caçua... Casa ta í. Boa vida vai cabá.

– Boa vida!... – disse a mulata superciliando. – Pois sim...?

Ficou um momento alheada, de olhos vagos, como perdidos num pensamento. A negra ruminava engrolando o fumo que lhe rolava na boca.



Lúcia acompanhava com o olhar triste uma andorinha que entrara pelo vão do telhado e saltava nas vigas, trissando. Um raio de sol polvilhado de átomos descia em diagonal sobre o fogão.

Macambira mandou servir o café. Passaram à sala.

Lúcia mal debicou um caju de compota e só a muita instância do noivo aceitou um biscoito. Cabisbaixa, mexia distraidamente o café quando Macambira percebeu que ela chorava. Surpreso, perguntou:

– Ocê tá chorando? – Balbina, que ficara à porta, amouu aborrecida.

– Não é nada. – Levantou a cabeça sorrindo, com as lágrimas em fio pelo rosto. De repente, afastando a cadeira, saiu da mesa, foi ficar à porta limpando os olhos. A pequena, alheia a tudo, empanzinava-se gulosamente. Reentrado na desconfiança, Macambira encostou-se à cômoda enrolando infindavelmente um cigarro.

Lúcia tornou à sala e, vendo-o casmurro, perguntou muito meiga:

– Está zangado? Não se zangue, não. Eu sou assim esquisita. Às vezes choro sem saber por quê. Uma nuvem de tristeza, um aperto de coração. Passa logo.

Balbina interveio enfezada:

– Ocês parece criança: chora à toa, zanga à toa... Ah?

– É gênio, tia Balbina. Sou triste mesmo, que hei de fazer? – e espreitava o negro timidamente, buscando-lhe os olhos com o olhar lavado em ternura. Sentou-se na rede balançando-se de leve. Balbina, para deixá-los à vontade, passou à cozinha chamando a pequena:

– Rosa?

– Nora?

– Vai trazendo esses prato...

• • •

No silêncio da sala, ferido apenas pelo crispante e rítmico ranger da rede, os dois sentiram-se muito sós, como abandonados, e esquivavam-se evitando olhar-se, num vexame pudico que os atarantava e tolhia. Lúcia ia dando mais impulso ao balanço até que roçou na cômoda. Logo pôs os pés de rasto, em trava, e parou buscando, como em consulta, os olhos de Macambira.

– Pode balançar sem susto.

– Estará bem segura? Não vá despencar comigo. – Ele deu de ombros superiormente:

– Não tem perigo.

– Quando eu era pequena, levei um tombo de rede que não sei como não morri. Tenho medo disso que me pelo.

– Esta tá firme... – garantiu o negro e, de improviso, abarcando, a mãos ambas, os punhos da rede, a um lado, encolheu as pernas, deixando-se cair suspenso. Lúcia, rechaçada de golpe, tombou de flanco com um gritinho:

– Ui! – Ele riu firmando-se de pé e a rede, frouxa, bambeou entrando, de novo, em balanço, impelida docemente pelo negro.

Durante um sereno momento, conservaram-se calados. Lúcia, por fim, animou-se corando:

– Está de pé por gosto? – E acomodou-se aninhando-se, a fazer lugar. Ele sorriu:

– Nós dois?

– Que tem?

– Uai! já não tem medo?

– Agora não.

– Oia lá! – Sentou-se devagarinho numa das cabeças da rede, mas o seu peso levantou a mulata, ele mesmo resvalou, e os dois juntaram-se, aprofundaram-se no côncavo com um rir travesso de crianças. Ela encolhia-se, fazia-se pequenina e, como Macambira recomeçasse o balanço, estirou as pernas e apareceram-lhe as botinas bronzeadas. Ele pasmou:

– Ocê inda tem essa botina...?

– Então?

– Têm durado! Mais di ano.

– Mais! – Vexada do olhar demorado do noivo, sumiu os pés, inclinando-se a pretexto de tirar uns carrapichos da barra do vestido. E a rede rangia morosa e pesada.

– Que mundo de abelhas aí fora?

– Tá cheio?

– E você não tem medo?

– Medo di quê? Abeia cunhece o dono.

– Pois sim... eu é que não me fio. – Estremeceu sentindo o braço do negro que se lhe insinuava sorrateiro por trás das costas. Disfarçando, afastou-se, facilitando o enlace. Ele cingiu-a, abraçou-a por fim, e aconchegaram-se ombro a ombro, mantendo-se imóveis, em silêncio, como distraídos. Repentinamente, porém, voltando-se atarantada, Lúcia exclamou:

– Onde andaré Rosa!? – Num sacalão o negro retirou o braço, aprumou-se e, como se despertasse, respondeu estremunhado:

– Rosa? tá lá pra dentro. Qué ela?

– Não... – Fez-se novo silêncio. Ele então, baixinho, brincando com as franjas da rede:

– A mode qu'ocê tem medo de mim...?

– Eu? – Ele acenou de cabeça e, pousando as palavras:

– Ocê não mi cunhece, Lúcia. Ocê não mi cunhece, não...

– Medo! eu? por quê?

– Então pra vi aqui ocê pricisava dessa nigrinha...? – Lúcia tornou-se séria:

– Eu logo vi... – E serena, sisuda: – Não foi por medo que eu trouxe Rosa comigo, foi por causa dessa gente que põe maldade em tudo. Se eu não viesse acompanhada, ora...?

– Ocê tem razão – concordou Macambira. – Tem razão...

– Pois não é?

– Tem razão.

– Eu vivo lá em casa e sei. Basta Donária, com aquela boca peçonhenta, para espalhar uma porção de coisas. E ela estava no engenho quando eu passei. Deus me livre.

– Aquilo é uma peste.

– Só não fala de Nossa Senhora... nem sei mesmo por quê. – A rede ia parando. Olharam-se. Ela sorria. Perturbou-se, baixando os olhos, de novo ergueu-os pálida, os lábios entreabertos, como em fadiga. Instantaneamente encardiram-se-lhe as faces. Inclinou-se um tanto à frente e, sem levantar a cabeça:

– Pode botar o braço, não me incomoda. – Ele cintou-a de novo, vencido, mas ficou pensativo, preocupado, o olhar suspenso, como atento a alguma coisa. Súbito levantou-se, dando atrás com a cabeça em gesto repulsivo.

– Que é? – perguntou a mulata surpreendida.

– Nada não. – Pôs-se a caminhar a passos largos, as mãos atafalhadas nos bolsos das calças. Lúcia, brincando com a varanda da rede, ainda embalou-se um momento, muito vermelha. Uma rosa escapou-se-lhe dos cabelos, caiu-lhe aos pés. Macambira apanhou-a:

– Oia! – Ela recebeu-a, sempre cabisbaixa, conservando-a na mão, esquecida. Por fim levantou-se, foi à porta do corredor e chamou a pequena:

– Rosa! Anda! Vamos... – Macambira voltou-se surpreso:

– Uai! Ocê já qué i?

– Já. É tarde. Sinhá pode precisar de mim. Hoje tem gente lá pr'almoçar.

O negro não achou palavra para dizer, envergonhado da sua fraqueza e arrependido da desfeita que fizera à noiva. Encostado à mesa, com a perna trançada, escabichava as unhas, boleando a cabeça, carrancudo. Balbina veio da cozinha com a pequena

e, como a mulata se despedisse, suspeitando arrufo, resmungou aborrecida:

– Ocês... quá! Isso ansim não tá bom. S'ocês cumeça ansim cumu vai cabá? Antonce dia di visita é procês tá ansim trumbudu?

Lúcia sorriu:

– Que é, tia Balbina?

– Qui é, hein? Ocê pensa qu'eu sô boba...

– Pois eu hei de ficar aqui o dia todo...?

– Fala, fala... Eu tô suntando só. Fala... – Lúcia estendeu a mão a Macambira:

– Té quando...?

– Até quando quiser. – Sorriram. – Adeus, tia Balbina. – E, inclinando-se-lhe ao ouvido, segredou: – Cuidadinho com a minha casa.

Foram saindo. Balbina acompanhou-os. Ainda estiveram um momento parados junto à acácia.

– Então, adeus! – e olhou-o muito terna.

O negro comoveu-se com a mansidão da mucama e, largando-lhe a mão, entrou em casa, tomou o chapéu:

– Eu levo ocê até lá imbaixo.

– Vai di braçu, genti. Huê! Ocês não vai casá? Antonce...

Riram alto e foram descendo devagar, seguindo as voltas do caminho, ora à sombra, sob a copa dos ramos buliçosos, ora à lumieira do sol, pelos escalões da ladeira entre ervaçais ressequidos.

O casamento foi em meados de março, domingo, depois da missa.

O sol, de um brilho intenso, rasgava a névoa da terra. Desnublavam-se os cerros, os vales aprofundavam-se limpos da fumarada fria. Negas de bruma desprendiam-se dos cabeços, esfarrapavam-se nos matos penugentas, quase fluidas, um momento

paravam soltas, esgarçando-se, solvendo-se no ar. A paisagem emergia verde, orvalhada, faiscante e dourava-se, deslumbrando.

A capela, a um dos extremos da casa senhorial, enfeitada de flores e folhagem, ficou atupida de gente, e ainda densa turba marulhava no corredor, e muitos, que não haviam conseguido lugar, rondavam fora, apinhando-se às janelas que abriam sobre o jardim.

Vaca-Brava lá estava, sempre desmazelada, a carapinha em tufos, o casaco aberto, rosnando rabugenta, a repelir os que tentavam tomar-lhe a frente.

Grupos juntavam-se em volta dos canteiros, sentavam-se na relva cavaqueando. Pares de botinas, emparelhados à sombra, com as meias dobradas sobre o cano, eram vigiados pelos donos, que, de calças arregaçadas, iam e vinham, descalços, refrescando os pés, doridos da caminhada que haviam feito.

E chegavam famílias – as negras, de xale à cabeça, com trouxinhas; algumas traziam crianças pela mão ou enganchadas no quadril; os negros muito risonhos, empavonados, estadeando a roupa de brim de Angola, a distribuírem apertos de mão aos parceiros e bênçãos à molecada.

Cães magros, gafentos, cainhavam coçando-se, arrastando-se pela terra, ou enrodilhados mordicando-se frenéticos.

Crioulinhos brincavam às cabriolas; outros, ariscos, chuchando o dedo, pasmavam a tudo, muito zelosos da roupa que vestiam, virando, revirando o chapéu novo.

E o jardim rumorejava como uma feira.

Era festa grande.

A tarde da véspera fora trabalhosa e sangrenta – abatera-se um boi gordo e lá estava o sangue, em negra abafeira, às moscas, perto do engenho; matara-se um porco; cabritos, galinhas foram à faca, e até tarde da noite, à luz de candeias, a cozinha refervera em alegre azáfama com o preparo das carnes.

Um décimo de cachaça saíra do paiol e lá estava, sob o tendal, com torneira de chave para a distribuição.

Negros traziam às costas grandes tambores, experimentavam-nos aos burunduns à soalha num precipitado rebater de mãos; outros sobraçavam violas enastradas, ponteavam cavaquinhos. E, já excitados com a ideia do batuque, à noite, saltavam corcoveando, sapateavam batendo os pés ligeiros. Cantos tristes, guaiados, partiam de pontos vários, às vezes interrompidos por um riso em guincho que ia crescendo comunicativamente e estrondava em gargalhada como uma centelha alegre que, levada de palhal a restolho, fosse pegando, acendendo chamas, levantando labaredas e expluísse em incêndio. Dois negros moços, robustos, empenharam-se em luta de agilidade e, destros, aos pulos, trocavam golpes de mãos, atiravam-se cambapés rasteiros.

Um abalou em fuga, o adversário pôs-se-lhe na peugada, alcançou-o. Rolaram ambos, a rir, e a cainçada, espertando com a alegria, lançou-se por ali fora de corrida, engalfinhando-se, travando-se em bolo, a estrafegar-se rosnando. Um cão partia, outro, e logo todos, em fila, correndo desapoderados, fazendo voltas e negaças por entre os canteiros floridos.

A um canto, junto aos bambus, arrancharam-se negros e negras, de pé, sentados ou de cócoras, pondo cerco maravilhado a um mulato de fama que fora da Barra.

– Era um bichão nu instrumento. Prum baile não havia outro?

De branco, chapéu mole à banda, embutido na grenha, amassava e sacava a harmônica com ar soberbo, grazinando polcas, chulas e toadas fanhosas de modinhas.

E gente de fora...! era um mundo, convidados das fazendas próximas e muitos que haviam ido fiados na hospitalidade “querendo tomar parte no pagode, beber um gole à saúde deste ou daquele”. Festa grande?



É que, além de Macambira e Lúcia, outros casais recebiam-se e inúmeras crianças batizavam-se.

Os senhores lá estavam, menos Julinho, que já havia descido para os estudos.

As mucamas, que dirigiam a festa, num farfalhar de saias engomadas, com laçarotes esvoaçantes, recendendo a essências, afanavam-se acomodando crianças, fazendo lugar para os convidados e para os mais velhos, sobremodo solícitas com o padre que, na sacristia, esmoncava-se resmungando, enfezado com a demora.

Ao entrar a missa, a sineta bimbалhou na forca um alegre repique e o sacrifício iniciou-se num murmúrio de vozes surdas.

Por vezes uma criança choramingava, um cajado caía com estrépito e o padre, indo e vindo ante o altar coberto de flores, resplandecente de ouro e luzes, zumbrindo-se em medidas, genufletindo ou demorando em êxtase, braços abertos, o olhar suspenso, resmoneava passagens dos Evangelhos na atenção devota do auditório rústico que se atrapalhava, por vezes, ajoelhando-se uns quando outros se levantavam.

Na elevação da hóstia um negro tirou o “Bendito” e foi um clamor estridente, de uma plangência agoniada, logo rolando soturno para, subitamente, abrir-se em allegro triunfal, e a campainha do acólito vibrava a espaços, em ritmo, como escandindo o cântico. Terminada a missa, enquanto o padre se revestia para os sacramentos, as mucamas formaram os nubentes.

Macambira e Lúcia foram os primeiros colocados. A mulata, tímida, mas airosa num vestido branco de nanzuque, véu, capela e ramo de flores de laranjeira, ajoelhou-se, muito recolhida, em frente do negro, que vestia costume claro, feito na Corte.

Seguiam-se os outros, em duas filas, homens a um lado, mulheres a outro – eles enjorcados em anchos paletós, equilibrando-se em botinas novas, ora num, ora noutra pé, a gravata moxinifada, o lenço a despontar do bolso, corrente de prata ou de plaqué





anunciando relógio; elas numa variedade de trajos estapafúrdios, vestidos de cassa, com basquine, ou de morim, trufados, com recamos de fitas, um pedaço de filó trapejando à cabeça sob coroas malpostas, flores ao peito, à cinta; outras, achamboadas em tafularias, já com filhos taludos à ilharga. Uma grávida, para cada hora, muito humilde, de olhos baixos, conservava as mãos cruzadas sobre o ventre túmido, como a esconder o vexame.

Cochichava-se em volta, espirravam risinhos, logo abafados. Por vezes uma cachinada fazia escândalo, negros voltavam-se resmungando insolências.

E um cheiro morno, almiscarado, de suor e de brim novo, impregnava o ambiente. Mas a brisa entrava bojando as cortinas da janela fronteira ao altar, desfazia o fumo do turíbulo espalhando o aroma de incenso, como um fluido místico que purificasse o ar e penetrasse os corações.

O padre apareceu e logo o burburinho cessou. Mas com a ânsia de ver houve empurrões e repulsas, vozes cresceram em disputa, um rebojo tumultuoso agitou a multidão.

Gandra pôs-se de pé no estrado do altar, severo, varreu a turba com o olhar repreensivo e o silêncio restabeleceu-se.

Ele e a senhora apadrinharam Macambira e Lúcia, e o padre, em atenção aos fazendeiros, foi lento no latim, grave nos gestos enquanto esteve diante deles; continuando, porém, mal se lhe entendia o araviado. Juntava os casais, unia-lhes as mãos sob a estola, se havia “alianças” indigitava-as, se não prosseguia engrolando as palavras, numa pressa de seareiro que fosse perlongando o sulco de um alfobre lançando ao acaso a sementeira sagrada.

Celebrado o último casamento, o padre, postando-se entre os casais, fez uma breve prédica em tom severo e, falando do amor, da virtude, dos deveres entre cônjuges, da obediência aos senhores e dos benefícios da religião de Cristo era tal a aspereza da sua voz, tal o seu aspecto carrancudo que os noivos curvavam-se

estarecidos como sob a violência de anátemas. Findando esbofado, despediu-os “com Deus” como se os enxotasse.

E começou a retirada dos casados aos apertões através da turba. Os maridos, no atropelo, trocavam as mulheres e riam-se, faziam chalaça: “Uai! Ocê ficô atrás... Cum pouco eu ia co’Cathirina... Caminha, criatura.” E iam indo, de esguelha, esbaforidos. Os parceiros cumprimentavam-nos, desejavam-lhes felicidade e eles sorriam, davam de cabeça, faziam convites para a cabana: “Aparece logo mais... Vai lá...”

E a capela ficou mais folgada. Já as mucamas providenciavam os batizados – uma com a bacia de prata, toalha de crivo ao braço; outra com a salva onde iam os Santos Óleos e o sal. Ardiam círios, e, na barafunda, as crianças choravam assustadas.

Moleques, já crescidos, faziam caramunhas, refugando com medo; outros, ao colo das mães, escancelavam-se aos berros, esperneando, emaranhados em fitas; e pequeninos, muito aconchegados ao seio materno, uns dormindo, outros em espertina curiosa, chuchando o dedo, a olharem tudo.

As madrinhas, em círculo, apresentavam os afilhados, diziam-lhes o nome e o padre ia de um a outro abreviando mascavadamente o latinório e as cerimônias sacramentais.

Por ocasião do batismo foi um reboliço – à medida que o padre despejava uma cuia d’água à cabeça da criança inclinada sobre a bacia, a choradeira, comunicando-se, crescia atroadora.

Os pequeninos estremeciam, ainda deglutindo o sal, agitavam-se, rompiam aos guinchos debatendo-se. Os molecotes barafustavam escabreados, esfregando a cabeça.

E ao alarido das crianças juntava-se o vozeio das mulheres, umas acalentando, outras repreendendo os filhos; as madrinhas ciciavam ninando os afilhados, e eram mimalhices ou repelões, carinhos ou ameaças – essa a afagar um pequerrucho, aquela a



sacudir um crioulinho pelo braço para que não cuspisse o sal nem passasse a manga do paletó pela testa limpando os Santos Óleos.

E as mães sorriam desvanecidas com a gritaria dos filhos – bom sinal, presságio feliz – e, intimamente, pediam a Deus por eles, que lhes desse uma boa sorte, satisfeitas por verem-nos cristãos, isentos de culpa, recebidos na Graça celestial; e levavam-nos com mais ternura, como se naquela hora mística os houvessem recebido de Deus, das suas próprias mãos divinas, para o amor, para auxílio e consolo na vida.

Fora a sineta repicava com frenesi, pipocavam foguetes e, como em aleluia, ria-se, cantava-se e os instrumentos iam-se pon-do acordes em músicas de folgança.

• • •

A mesa de Manuel Gandra, mais estirada nesse dia e opípara, ficou de ponta a ponta apertadamente cheia.

A baixela das grandes ocasiões lá estava ostentando riqueza; lá estava o numeroso aparelho de porcelana da Índia, e toda a louça comum andava em serviço. O aspecto da mesa vasta, abarrotada, dava abastosa impressão de enfarte.

Havia de tudo abarriço – pratarrazes à ufa: o sarrabulho em monte a reluzir gorduroso, travessas atestadas de costeletas, cogulos de arroz de forno esturrado em tom louro, com embutidos de azeitonas e rodelas de paio, terrinas de ensopados, rolos de linguiça; o lombo de porco, o leitão, o peru, fritadas, postas imensas de assado e compoteiras de doces, pirâmides de balas, ladrilhos de coco e de leite, bolos, pudins, tortas, forminhas, cremes, geleias, queijos frescos, de casa e do reino.

A vinhaça corria copiosa, aos copázios, e, alegrando pomposamente a mesa, entre as abundantes vitualhas, jarrões de porcelana antiga frondejavam em flores.

A sala regurgitava. Pessoas, sem lugar à mesa, enchiam um prato e, descerimoniosas, rindo, iam comer à varanda.



Era um atropelo, uma lufa-lufa de negras e de moleques trazendo terrinas, frigideiras que ainda chiavam, bandejas de copos, levando rimas de pratos, abarcando feixes de talheres.

Pisava-se comida.

As mucamas faziam prodígios atendendo a um e a outro, e rindo, faceiras, propunham um passeio à roça, depois do almoço, visita às cabanas festivas e, à noite, cateretê e danças francesas no salão do engenho, já preparado.

Contemplando a comezaina, Gandra sentia-se bem; impava de orgulho à cabeceira da mesa, entre o padre e a esposa que ofegava, esparrimada na cadeira, com uma negrinha ao lado, muito lerda, sacudindo maquinalmente um ramo verde para espantar as moscas.

E era um zunzum de cortiço nos corredores, gente que se juntava para ver, velhas negras, crioulos e negrinhas.

Cães metiam-se debaixo da mesa farejando migalhas, rosnavam; por vezes abocanhavam-se raivosos.

Um berro rolou em lamento, outro logo e vários, soturnos, de uma tristeza agourenta. Alguém explicou: “É o gado que está chorando no sangue do boi morto.” E ria-se da saudade dos animais que, em ronda melancólica, bufando, escarvavam a terra escura onde fora sacrificado o companheiro.

Mas o grande jubileu, esse era celebrado pelos recantos da fazenda, nos palhiços dos escravos.

Mal se dispersou a gente, despedindo-se à porta da capela, seguindo cada qual a seu rumo pelas trilhas da roça, começou a festança. Cabana de onde houvesse saído casamento ou batizado barulhava em pagode.

No ranchinho mais pobre havia, pelo menos, uma galinha, uma garrafa de cachaça e laranjas. Em alguns, porém, afogados em milharal ou com a roça de mandioca em volta, a fartura

transbordava em rega-bofe no terreiro por não comportar a sala, escura de felugem, a afluência de convidados.

Comia-se em esteiras, à sombra das árvores; pedras, caixotes, toros, tudo era assento. A feijoada era servida no próprio caldeirão em que fora feita, o sarrabulho atupia a frigideira de barro, o arroz adunava-se, louro, em alguidar novo; e eram panelas de barro, latas, tudo cheio e cheirando.

À falta de talheres arrancavam-se, à unha, nacos de leitão, com a côdea encoscorada, estalavam-se carcaças de galinhas; alguns desembainhavam facas de ponta, abriam canivetes de mola e espetavam costeletas ou espostejavam o assado. Havia-os a comer em testos, em tampas de latas, sentados no chão, com o codório ao lado numa tigela e laranjas que chupavam às talhadas chuchur-reando lambuzadamente.

Levantavam-se com as mão lustrosas de gordura, iam à agua-zinha, perto, num bicamente de telha, lavavam-se, bochechavam atirando borrifos às folhas e, metendo-se à sombra, entouridos, estiravam-se ressupinos gozando a frescura em sonolenta, empanturrada preguiça.

Outros vira-mexiam irrequietos – iam à moenda, entalavam canas – e o caldo gorgolejava espumante – ou varejavam o pomar trazendo laranjas, bananas, o que encontravam à mão.

Era já desperdício, pretexto para graçolas, necessidade trêfega de fazer alguma coisa.

O café cheirava saboroso escoando no saco numa terrina, cada qual chegava com a sua tigela, bebia ali mesmo.

Ao fogo, na trempe de pedras, a chaleira fervia aos gorgolhões fazendo trepidar a tampa, e na cinza era a batata-doce a assar, eram estouros de castanhas de caju rechinando oleosas.

A lenha seca lá estava, em estância, a um canto, para a fogueira, à noite.

Ainda havia gente comendo e já os músicos, de lenço ao pescoço, o cigarro pendurado dos beiços, afinavam os instrumentos.

Palheiros, excitados, propunham brindes, cantavam-nos tilintando nos copos, levantavam hurras! Os noivos agradeciam rindo ou era a criança que, reclamada aos berros, vinha nos braços do pai ou ao colo materno receber os cumprimentos da rapaziada.

A ebríez acendia-se, manifestando-se em alegria descompassada – um a pinotear, outro a pendurar-se dos ramos, balançando-se; esse às cabriolas, aquele saracoteando com um galho no peito, à guisa de viola, zangarreando de boca. E mais cana! Ê! gente, não dexa esfriá... Manda, mãe preta, manda! c'a sua filhinha branca. Manda!" "E pai João barrigudo!", acrescentavam. "Dexa de miséria, gente. Bota pra fora!", e o garrafão apareceu e foi recebido com palmas.

Mas as violas romperam álacs, entraram os violões, os cavaquinhos repinicaram. "Junta, povo! Guenta!" Era o samba.

Saltaram dançadores castanholando, picando, repicando o passo, a pedir damas, e, em pouco, fechou-se a roda e o zagalarhar dos instrumentos esmorecia no frenesi atroante do sapateado, ao barbarizo do canto e das risadas.

A poeira subia, flutuava no ar. Pagode.

E o dia, maravilhoso! Céu azul, sol brando, aragem macia, tocada de aromas murmurando nos ramos.

E por ali fora, alhures, estouravam roqueiras, estrugiam brados, toda a fazenda rejubilava como a uma bênção do céu.

Tão intenso era o prestígio da luz, o filtro do azul inebriava tanto que um negro, já velho, seguindo, mais o cão, através da campina, parou ouvindo os vários sons dispersos.

O gado pastava livre, afogado na erva.

Esteve um momento imóvel, cabisbaixo, o rosto em sorriso; súbito, eletrizado, saltou num pincho, voltando o pau que levava

atravessado ao ombro, e, aos corcoveios, pôs-se a bater os pés grunhindo um canto.

O cão estacou, mirando-o, investiu latindo, aos pulos, e corria em volta, rosnava festivamente; de ímpeto meteu-se ao pasto, ladrando aos bois que olhavam, mansos, considerando a estranha figura do negro a bailar com a própria sombra, na poeira fina e loura, ao sol.

Macambira e Lúcia, desde que subiram, não tiveram um minuto de descanso, sempre com a casa cheia: mucamas no quarto, em pagodeira, à risota, apalpando a cama, os travesseiros de fronhas de renda, com intenção maliciosa, aos segredinhos; negros pelos cantos pitando. Negras abandonadas grunhiam, cirandavam curiosas, afuroando, bisbilhotando tudo.

A sala, nublada de fumaça, tresandava a catinga, a bafios de álcool e a sarro.

Ria-se às gargalhadas, e o falario cacarejado atroava num confuso tumulto de feira. E havia muafas delambidas, carraspanas lânguidas – uns aos boléus cantando, outros de olhos amortecidos, babosos, caramunhando piegas com as negras que os esconjuravam e repeliam aos empurrões.

Os noivos, achando graça em tudo, iam de um a outro insistindo para que petiscassem alguma coisa do que havia à mesa: pastéis, fatias de carne, sequilhos, bolos, cocadas. Havia aluá. Volta e meia, Rosa aparecia com a bandeja de café; o garrafão de aguardente andava de mão em mão. Lambiscava-se, bebericava-se a rir.

Moleques cabritavam no terreiro, varejavam o pomar sacudindo as árvores que farfalhavam derrubando frutos.

Um negro, alambazado e bêbedo, passou horas junto da acácia foleando a sanfona e tanto enternecia-se com o som fanho que se dobrava voluptuosamente, com a cabeça sobre o instrumento, a ouvi-lo, gozando a música, acompanhando-a com um resmungo enfadonho.



O cão ladrava bravio, prolongava uivos, e o rumor crescia com a monotonia zoante da sanfona.

Só à tarde esvaziou-se a casa, cessou o rumorejo no caminho e os noivos puderam repousar um pouco, mudar a roupa, cada um por sua vez, enquanto Rosa varria e Balbina arrumava a casa.

Jantaram ainda com sol.

Anoitecia palidamente num silêncio de êxtase quando deixaram a mesa saindo ao terreiro.

A paisagem empastava-se em manchas brosladas de sol. O oca-so era uma crosta de ouro, e no redente dos montes sombrios as árvores destacavam-se negras em traços fortes como embutidas no céu.

Lentos, diáfanos frouxéis de fumo enrolavam-se nos matos, subiam em espiras tênues esfrolando-se na melancolia do crepúsculo.

Pouco a pouco, o cariz das nuvens foi descorando exangue, esbatendo-se em violeta, diluindo-se em pérola e a noite espalhou-se sem trevas, de uma transparência cerúlea, como um clarão de luar coado por um vitral. Abriram-se limpidamente estrelas infinitas, e o misticismo dos serenos astros como que se estendeu a tudo, de uma doçura beata.

Os matos amarelejaram lançando faíscas, atassalhando a sombra de labaredas fulvas; dentre as frondes douradas espirravam faíscas, e Macambira, de pé à beira da barranca, orientando-se pelo clarão das fogueiras, que abria flabelos no ar, designava as cabanas pelos nomes dos seus moradores.

– Oia Chico... ali é Valentim. Naquele claro é Zé Carreiro. Lá em cima, o Combe; tá fervendo no samba. – E ria expansivo. Um coqueiro fez-se todo escarlata, esbraseado; o mato fusco, em volta, reluziu; parte da cabana ressaltou da sombra em mancha sanguínea e no terreiro aceso vultos negros, esguios, como carvões pulando em labaredas, tisonavam a fulguração em frêmitos macabros.







Lúcia, de pé, olhava indiferente, como distraída. Sentia-se muito só, e aquela grandeza nunca avistada, o mistério da noite, o homem ali perto, a casa onde devia cumprir-se o seu destino, tudo era novo e amedrontava a sua alma timorata. O coração, cheio de presságios, batia-lhe no peito sôfrego, subiam-lhe angústias à garganta; a imagem de Julinho passava-lhe na mente como um remorso.

Instintivamente levou a mão ao ventre. Arrependia-se de não haver recusado a proposta do senhor, estaria livre do negro cuja ferocidade não lhe era desconhecida. E ali estava sem defesa, longe de todo socorro, só e Deus. Um farfalho nas folhas fê-la estremecer de susto; voltou-se de golpe. Balbina saracoteava no terreiro empunhando um facho.

– Macambira, zêri vem aí, fio! – disse alvoroçada. – O negro respondeu numa língua rude, áspera, e os dois, como escondendo pensamentos, combinando planos cruéis, conversaram sem que ela percebesse uma só palavra – o negro falava com arrogância, e a velha trêfega, bambaleando como ébria, a sacudir o facho, que crepitava, respondia aos ganidos, com o rosto encarquilhado em esgares, brilhando ao reflexo da chama.

Cantos melancólicos subiam da redondeza em sons vagos, ora brandos, ora fortes: era o tarambote, e logo estrondou o tarantantã dos tambores, e ressoante, bárbara, a grita do batuque atroou o silêncio azulado.

De um e de outro ponto, num sulco de fogo, foguetes frechavam e o tumulto redobrava soturno – constante como escachoo de águas.

Rosa acendeu o lampião na sala. A brisa soprava sacudindo brandamente os ramos.

Lúcia, queixando-se de frio, ia recolher-se quando Balbina tomou-lhe o passo. Não parecia a mesma corumba lerda e sorumbática, sempre de cabeça baixa – estava transfigurada: os olhos



ardiam-lhe como brasas, a boca escavada crispava-se-lhe em ricto hediondo, e ágil, tigrina, volteava casquinando um risinho silvante:

– Ocê já qué detá? Ispera genti qui vem aí, povo di Munza. Uai? Lúcia deteve-se medrosa, sorrindo humildemente.

– Não vou me deitar, não, tia Balbina. Vou pra dentro, ando com tosse e a noite está fria.

– É, não deta, não. Povo vem aí, genti di Munza; vem tudo, té da Barra. Tudo qui sôbe vem aí. Ocê vai vê.

Vendo a perplexidade da mulata, Macambira explicou carinhoso, sem, todavia, esconder o orgulho:

– É genti di meu pai, genti qui foi du reino. Ocê querendo, fica; não querendo, vai.

A mucama respondeu resignada:

– Fico. Por que não hei de ficar? Não estou com sono.

E Macambira falou do seu povo, da sua raça, do seu reino, de Munza, repetindo o que lhe contara Balbina. E juntou vaidoso: – Ocê é rainha.

Ela sorriu. Mas a descrição da majestade bárbara aterrou-a ainda mais. O negro afigurou-se-lhe maior, mais poderoso, mais cruel com o prestígio de rei. Olhava-o estarrecida, contendo lágrimas, a tremer toda e gelada.

Por entre os matos passava fulgurando o archote de Balbina. Os atabaques ressoavam profundamente ao longe, e as fogueiras, mais vivas, manchavam a noite de clarões vermelhos.

Súbito um grito vibrou longo e agudo. Macambira pôs-se firme, atento.

Um som rascante, estralejado, vinha crescendo estrídulo como um rolar de pedrouços, vozes confusas, guias em coro, trons de tambores, rechuchado de chocalhos, soídos ríspidos e, sobretudo, perene, um rouco e lúgubre grugrulho.

Balbina saltou no terreiro energúmena, desapoderada, e pôs-se a zanzar em volta, riscando com o facho um círculo de clari-  
dade. O seu corpo esquelético pinchava elástico, e ouvia-se-lhe o arfar do peito cavernoso. E o rumor, mais perto, ora cavo, ora estridente, suplantava os demais ruídos.

Por trás da casa fulgurou um relume, estalidos de lenha rechi-  
naram, subiram faíscas – era a fogueira que Balbina acendera para receber os malungos.

E o caminho aclarou-se vermelhejante, um canto heroico, de notas graves e prolongadas, encheu-o de solenidade trágica.

E ribombaram tambores, o som arranhado do gazá ringiu, cascavelaram trépidos chocalhos, e, entre archotes de palma, a farândola surgiu em zanguizarra – negros e negras aos pulos re-  
boleados, uns com plumas à cabeça, colares de cocos, manilhas e pulseiras de penas, esgrimindo paus à maneira de zargunchos, atirando, aparando golpes em duelos; outros corcoveando aos arremessos felinos, rugindo roucos; velhos, em passos arrastados, altivos, com entono senhoril de chefes; mulheres bracejando aos guinchos, e, retroando, puitos, marimbas, urucungos e as vozes estrugindo em burburinho horrísono que, por vezes, descaía em dolência fúnebre como um canto de morte.

De pé, ereto no limiar da casa, o vulto robusto de Macambira destacava-se soberano entre a moldura dos umbrais.

O rancho negro desenvolveu-se em hemiciclo, com os músicos ao centro zangarreando, as mulheres aos guinchos, num saracoteio lúbrico, os guerreiros aos pulos, terçando fimbros, e os velhos, sempre solenes, bambaleando com um canto monótono.

Balbina delirava em frenesi correndo com o archote de resvalo pela terra, batendo-o num turbilhão de faíscas, e o vozeiro tonitruava e mais estrondou quando a turba, apinhando-se, avançou em corrida, arremetendo à casa, como para assaltá-la. Mas Balbina

prostrou-se de bruços, grulhando, e todos rojaram-se de borco, com a fronte no solo, rugindo.

Um instrumento soou, todos, em grita, levantaram-se tumultuosamente, baralhando-se numa confusão de fogos fumarentos, puseram-se a um de fundo e desfilaram ante Macambira, que acenava agradecendo os brados estridentes com que o aclamavam.

Lúcia, retransida, olhava o estranho espetáculo, sem compreender-lhe a significação.

À claridade rubra que alumiaava o terreiro, as figuras dos negros tinham expressões sinistras; e havia gente de fora, desconhecida, escravos de outras fazendas próximas, todos súditos que haviam sido do rei Munza, que Balbina convidara para a festa nupcial daquele que representava na terra do cativo a estirpe dos fortes reis do deserto, caçadores de leões.

Havia-os moços, pegados pequeninos e trazidos na corrente, a maioria, porém, era de velhos, grisalhos, todos com lanhos nas faces e verrugas na fronte, assinalados no berço.

E o bando envolveu em marcha batendo sonoramente os pés ao ritmo dos instrumentos precedidos pela negra, e flanqueou a casa indo estanciar no terreno, ao fundo, onde a fogueira flamejava em labaredas altas, clareando os arredores até a encosta do monte.

Macambira ficou estatelado à porta, em arroubo, cabeça a prumo, suggestionado pelo estupendo cenário onde se realizava o seu sonho.

De todos os desvãos subia o burundum dos atabaques, cantos ecoavam em sons vagos enchendo a noite de um perene ressoo, e ali perto fremia na terra o tripúdio da sua gente.

Era bem o que lhe descrevera Balbina nas evocações nostálgicas com que, desde pequeno, o mantivera na pátria e na raça. Era bem aquilo... e a negra lá estava.

E lembrou-se de Munza, seu pai, o mísero rei, exilado no opróbrio, grande, possante, altivo, mas sempre taciturno, trabalhando de enxada entre antigos vassalos, no mesmo carreiro, sob a vigilância de um feitor que o humilhava, a ele, rei de uma nação de valentes e vencedor de reis.

A dança barulhava estrupidante. O negro sentia-se atraído – o sangue estuava-lhe no peito em fervor heroico, e lá embaixo, por aquelas terras além, tudo era festa de negros: cabanas acesas, fogueiras ardendo, a barafunda estrondosa do batuque, do samba, a grita febricitada – era bem a cabilda vasta, o seu reino alvoroçado em alegria de triunfo como depois de uma guerra devastadora. E por aquelas sombras, longe, adivinhava monstros.

Voltou-se de improviso: Lúcia estava sentada junto à mesa, imóvel. Encarou-a um momento, como surpreendido de vê-la, adiantou-se, estendeu-lhe a mão num gesto inconsciente, aturdido com o reclamo da orgia bárbara, e, sem poder dominar-se, disse-lhe aos ofegos:

– Oia, Lúcia, eu vou lá fora um bocado. Ocê não zanga? Parece feio dexá eles sozinho, ocê não acha? – Ela sorriu submissa. – Ocê não acha?

– É.

– Ocê não fica zangada?

– Zangada? Por quê?

– Ocê qué ví?

– Não. A noite está fria. Tenho medo do sereno.

– Entonce é um instantinho. Ocê querendo detá. Encosta a porta mod’u frio.

– Sim.

– Entonce até já.

– Até já. – Foi-se. No terreiro parou um momento olhando soberanamente os halos das fogueiras dispersas, ouvindo o retumbar dos tambores longínquos. Mas o seu povo lá estava.

Lúcia chegou à porta. A noite era linda, suave no céu todo em brilhos de estrelas. Encostou-se ao umbral. O vozerio cresceu estriduloso ao fundo como num bradar de catástrofe.

A mulata estremeceu, lágrimas rebentaram-lhe dos olhos, um grande medo apoderou-se dela: sentiu a morte e, fraca, como uma vítima ante os sacrificadores, vendo em torno canibais em fúria, recuou e, deixando-se cair em uma cadeira, inclinou-se à mesa, rompendo em pranto, certa de que, dentro em pouco, acabaria às mãos do negro, e, horrorizada, levantou a cabeça, relanceando assombradamente o olhar em torno como à procura do próprio cadáver.

Era tarde quando Macambira empurrou a porta que ficara encostada. Apesar da luz do lampião, esbarrou em uma cadeira, derrubando-a. A mulata, que o barulho despertara, sentou-se na cama estarecida, à escuta.

Troavam, ao longe, soturnos, os últimos rumores. O negro pigarreou. De repente fez-se escuro.

Lúcia sentiu-se como soterrada: a treva pesou-lhe, abafou-a. Deitou-se devagarinho, encolhida, contendo a respiração, a tremer, toda fria.

A porta do quarto estalou e, sentindo os passos do negro, vagarosos, sorrateiros como os de um assassino, a mulata arquejava arrepiada, contendo lágrimas, transida num pavor de morte.

**L**úcia despertou em sobressalto. Sentou-se na cama assustada, nervosa, o coração precípito, relanceando airadamente o olhar. Mas na quieta penumbra reconheceu o quarto, os móveis e, num relâmpago, recordou todas as cenas da véspera, desde o casamento na tumultuosa capela até o decisivo, angustioso instante em que se achou nos braços do negro entre o amor e a morte.

Respirou largamente, a sorvo, como se voltasse à vida, e esteve um momento cabisbaixa, esfiando maquinalmente as franjas da colcha; por fim imobilizou-se, de olhar fito, numa inércia de anestesiada.

Um inseto voejava zumbindo, aos baques pelas paredes. Uma fita de sol, polvilhada de ouro, estampava um disco no mármore do lavatório.

De repente a mulata voltou-se para o travesseiro em que dormira o marido, mirou-o, apalpou-o premindo-o maciamente. Onde estaria ele? Por que saíra? Teria dado pelo mal? Então arrojando as cobertas, examinou a camisa desde a fímbria. Não! Não dera! Sentia ainda na boca a impressão dos seus beijos sôfregos, ouvia-lhe ainda, no hálito morno e ácido, as entrecortadas palavras que prometiam e exigiam promessas, doía-lhe ainda o corpo da lasciva tortura daquela noite. Não...! Se ele houvesse sentido... deu de ombros arregalando os olhos, estirando o beijo.



Que horas seriam? Andavam lá fora, na sala; falavam. Pôs-se atenta, à escuta. Muito longe, nas terras baixas, chiavam carros. Devia ser tarde.

Levantou-se descalça pisando na esteira, depois na friagem do soalho. Tornou arrepiada à cama, envolveu-se na colcha, muito aconchegada e contente. Enfim...! Súbito representou-se-lhe ao vivo a traição de que fora vítima poucos dias antes do casamento.

Julinho, que andara pelos ranchos e no quadrado troçando o casamento, preparou-lhe a tocaia numa volta de mato, caminho do rancho de Maria Luiza, aonde ela fora por umas costuras.

Distraíra-se com a companheira, que era alegre e sabedora de casos, e, quando se despediu, já a tarde escurecia. Os sapos engrolavam no açude, morcegos esvoaçavam, luciluziam pirilampus.

Desceu pelo carreiro, atalhou por uma vereda no meio do massambará.

Ao sair no caminho, deu com o senhor moço sentado na sapopema de uma figueira. Bateu-lhe o coração pressago. Estacou indecisa, encarada no moço que sorria cinicamente vergastando o mato com uma vara de goiabeira.

Olharam-se um momento, e ela, sem pinga de sangue, trêmula, desamparada num ermo como aquele, hesitou. O estudante assobiava como distraído, flagelando lentamente os ramos com a vara.

– Eu quero passar, nhô Julinho. – Ele levantou o olhar.

– Passa. Quem te pega?

– O senhor não veio ficar aqui à toa. Eu quero passar. Podem ver o senhor aqui comigo e eu não quero. – Ele levantou-se de ímpeto, colérico, encolhido como para um bote. Atirou longe a vara e investiu afrontando-a injuriosamente:

– Que é, sua porca? Não queres que te vejam comigo por causa de Macambira? – E desprezível, com asco: – Não tem vergonha... Uma rapariga quase branca casar com um negro...





- Que é que o senhor tem com isso?  
– Que tenho! Tenho muita coisa. Não quero?

Ela acenou superiormente:

– Isso agora... – Mas o rapaz avançou, agarrou-a e, falando-lhe no rosto: – Que é que você está dizendo? Diz! – Ela sacudiu-lhe a mão, desvencilhou-se e, numa rabanada, retrocedeu. Julinho tomou-lhe a frente, deu um safanão ao casaco, sacou da cava um punhal e, cerrando os dentes, ameaçou-a em voz surda, apontando-lhe a arma ao peito: “Olha Inácia...! Olha Inácia!”

Ela recuava espavorida, a boca aberta em hiato, batendo as mãos num frenesi de medo, gaguejando um choro de criança. Por fim atirou-se desatinadamente ao mato, mas os vestidos prenderam-lhe nas ervas, nos carrapichos, a galharia embaraçou-a e Julinho agarrou-a.

Voltou-se lesta, afogueada, em atitude de defesa, mas estarreceu vendo luzir a lâmina; tremia nas pernas bambas, com a vista turva, o corpo fervilhando em formigamento.

De improviso Julinho atracou-se com ela apertando-a como se a quisesse esmagar; levou-a de encontro à árvore, suspendeu-a nos braços, deu com ela em terra, forcejando para derrubá-la; dobrou-a pela cinta e ofegavam, rugiam:

– Deixa! Deixa, seu diabo! Nhô Julinho...?

– Que é que você pensa?... – Ela curvava-se como a quebrar-se, debatia-se, procurava mordê-lo. Caíram abarcados e foi um rebolear frenético, uma luta de feras nas ervas altas. Por fim, raivoso, subjugando-a, Julinho pôs-lhe um joelho no ventre, apertou-lhe a garganta com furor homicida. As lágrimas, então, saltaram-lhe dos olhos; debateu-se em escabujamentos evitando-lhe os beijos, cuspidando-lhe à face, ameaçando mordê-lo, mas a vista turvou-se-lhe nublada, o coração cresceu-lhe no peito, sentiu uma angústia mortal...

Quando tornou a si, estava só. Era noite negra.

Os grilos faziam estrépito, cruzavam-se vaga-lumes. Como o respirar da aragem era suave, harmonioso o sussurro dos ramos.

Sentou-se espavorida, gelada. Sem forças para levantar-se, deixou-se ficar em lassidão dorida, chorando silenciosas lágrimas. Aterrava-a a ideia de ser encontrada ali por alguém que fosse espalhar a sua desgraça, denunciá-la ao noivo como uma perdida igual às outras, da mesma laia infame.

Levantou-se a custo, alquebrada, amparando-se a um tronco: É verdade!... Ficou um momento pensativa, num atordoamento. Por fim caminhou passo a passo, apoiando-se às árvores, agarrando-se às ervas, cortada de dores. Deu volta pelos fundos da casa.

À porta da cozinha, sob o alpendre, uma negra socava café no pilão. Passou ligeira, entrou em casa, atravessou o corredor deserto, meteu-se no quarto e, trancando-se por dentro, atirou-se na cama em soluços.

Pensou em dar parte aos senhores, dizer tudo, tudo! mas para quê? E as outras, Lucinda, Florentina, Inácia, Maria da Glória... Que lucraram elas contando? Troçaram-nas, e, ainda por cima, a senhora descompô-las, ameaçou-as com o tronco.

Lucinda, essa então, coitada! mais leviana, perdida de uma vez, dando-se a um e a outro, acabou na ponta da faca de Mangalô, por ciúme, numa noite de samba. Contar...! Morreria com o segredo ou só o diria na hora extrema...

• • •

E respirou – acenderam-se-lhe de alegria os olhos, abriu-se-lhe um sorriso. Estava livre! Passara o perigo! Agora era de esquecer o passado, ser dele só, de Macambira, só dele! Ceder, nunca mais! E não teria sofrido o ultraje se não houvesse perdido os sentidos com medo da morte.

Contava com a perseguição de Julinho, isso era certo! mas não cederia, nunca mais! Nem que tivesse de morrer. Sacudiu a cabeça

e os cabelos soltaram-se-lhe frouxos pelos ombros, envolveram-lhe o busto. Os olhos fitos reluziam, as narinas batiam-lhe. Nunca mais?

E tinha pena do negro, tão crédulo, coitado! Nhô Julinho só por gabolice seria capaz de espalhar o que fizera. Detestava Macambira, e a sua vaidade era possuir todas as mulheres, ter filhos de todas, ser o “garanhão”, como dizia Tibúrcio.

Uma ideia atravessou-lhe o espírito. Aprumou-se hirta, lábios entreabertos, olhos dilatados, levou a mão ao ventre alisando-o, apalpou os quadris. Pôs-se de pé e, levantando a camisa, mirou-se longamente procurando no corpo os vestígios do que temia.

E se estivesse?! O sangue fugia-lhe do coração, entibiava-se amolecidamente. Caiu sentada na cama. Não, não era tempo. Só lá para o fim da semana. E esteve... esteve!... alisando as coxas, perdida no pensamento lúgubre. Levantou-se, foi à janela do fundo, forçou o loquete – estava emperrado, colado a tinta, mas girou e a janela abriu-se de estalo.

Um jorro de luz entrou explosivamente no quarto e com ele o ar e os frescos murmúrios da manhã alegre. A magnólia reluzia ao sol, e o monte estava todo dourado. Era dia alto.

Cerrou a janela e ficou a olhar distraída. Um vulto esgueirou-se entre as ervas, galinhas correram em debandada.

Bateram à porta. Voltou-se sarapantada, correu a refugiar-se na cama; cobriu-se, muito encolhida.

– Ocê inda não cordô? – Era Balbina. A negra empurrou a porta e apareceu, muito esguia, na fresta luminosa. – Ocê inda tá drumindo?

– Não.

– Uai! É mai di dez hora. Só’ vai longi. Ond’é qu’ocê qué í co’essa lombera? Casa tá í pr’arrumá, home tá lá fora esperandu, i ocê aí nu bem bom. Pensa qu’é só casá, infíá ané nu dedu? Poi sim! Vida custa. – E entrando vagarosa, mais meiga, chegou-se à cama,

apanhou a colcha que arrastava e, com a mão no queixo, interrogou de cabeça, maliciosamente: – Entonce? – A mulata escondeu o rosto, vexada. – Hum! ocês...

– Vou levantar já, tia Balbina.

– Livantá... Livantá... Fica, tá brincandu. Qu'é qu'ocê tem qui fazê? Fica, pruveta cama. Si qué livantá, levanta; sinão dexa. Sirviçu tá fêto. Esta sumana eu tô aí, dipoi ocê qui s'arrumi. Té logo. Pruveta. Qué café?

– Não, tia Balbina; eu vou lá fora. Levanto já. – A velha sorriu, atirou-lhe uma palmada ao flanco roliço e repetiu:

– Entonce!? – E, acorando-se, perguntou em segredo: – Ocê qué banhu aqui?

– Não senhora. Eu vou lá.

– Não custa.

– Não senhora.

– Bom. – Foi-se, encostando a porta. Lúcia passou os braços pela cabeça, em arco, estirou-se, cruzou as pernas e esteve ainda um momento pensando como quem se inclina sobre um abismo medindo o fundo, notando as arestas de rocha de que escapou por milagre.

• • •

Lúcia enxugou uma lágrima. Macambira deu de ombros, nervoso, respirou forte e pôs-se firme, cabeça alta, carrancudo. Logo, porém, passando-lhe um braço pela cinta, atraiu-a a si e, amparando-lhe o queixo, levantou-lhe carinhosamente o rosto e, encarando-a a fito, perguntou baixinho:

– Qu'é qu'ocê tem? – Ela coleou-lhe esquiua no braço como para escapar-lhe. – Qu'é qu'ocê tem? Ocê não tá no seu naturá. Diz qui é...?

– Nada – e debruçou-se sobre os joelhos.

– Não, ocê não anda boa... Ocê não come, não dorme dirêto, é só incafuada nus canto, chorando. Mode qué? Ocê sente á'guma

cosa? Sente? – Olhou-a muito meigo, sorrindo. – Você qué a gente sai amenhã di madrugada – eu tenho d'í na Barra, ocê pruveta u carro di lenha i damo uma chegada no seu doto Custód'o. Ele teve aqui na semana passada... visita agora só pru mez. Mió é a gente í lá. Ele vê ocê i tá cabado. Qué?

Ela acenou negativamente.

Estavam sentados no banco, sob a acácia. Um momento o silêncio enleou-os. Por fim o negro humildemente aventurou:

– Quem sabi s'ocê tá rependida, Lúcia?

Ela aprumou-se de golpe, muito direita e altiva, olhou-o remordendo o lábio, com duas compridas lágrimas nas faces, e sorriu docemente, resignada. De novo inclinou-se, apanhou uma folha no chão, pôs-se a mordicá-la, de olhos fitos no céu que entristecia no desmaio da tarde.

A aragem fresca espalhava o aroma citrino das magnólias, e o sussurro moroso das folhas tinha a doçura misteriosa de vozes que se distanciam. Toda a várzea esfumava-se em bruma diáfana.

Poças d'água entre as ervas brilhavam como cacos de vidro. O brejo alastrava lustroso, sumia-se no açucenal em flor, reaparecia além irradiado em veios reluzentes; o rio estava como coalhado, e o açude, largo e sereno, reproduzia profundamente o céu esmaecido.

Os montes, de um azul sombrio, tinham os rebordos frisados de ouro, e longe, no cariz do horizonte, o alto recorte da serra ardia em lumaréu com as árvores em filigramas negras aplicadas em renda sobre o fundo cinábrico do ocaso.

Cigarras chiavam ziantes, outras cacarejavam, e na mata zoava um perene zumbido.

Pela estrada da várzea, desenrolada em voltas brancacentas, recolhiam vagarosos bois; um, por vezes, detinha-se, estendia o pescoço e, pouco depois, rolava o mugido tristonho. Negros

cruzavam-se nos carreiros, cães latiam, e, dentre os matos densos, como de coivaras que começassem a arder, subiam fumos ralos.

O céu, nos redentes longínquos, ficou marchetado, como de nácar; mas as nuvens foram descorando e esbateram-se em violeta pálido. Uma estrela luziu solitária. Os grilos cantaram mais alto.

Lenta, no silêncio, a sineta da capela soou ave-marias. Os dois ergueram-se, persignaram-se. Uma voz, lá embaixo, aboiou, e houve como um êxtase beato.

– Suns Cristo... – Era Balbina. Rompeu do mato no alto do caminho com uma moganga e um feixe de ervas. Parou resfolegando, deixando cair a saia que levava arrepanhada, e suspirou: – Ui! Essa subida mata. – Adiantou-se vagarosa e, encarando Macambira, perguntou, ainda ofegante: – Cê falô co’ sinhô? Zêri andava caçando ocê lá imbaxo...

– Sinhô?

– Quem haverá di sê? I ocês não cançã di dirritimento? Esse é vida? Oia só... hum... hum! – e espocou um muxoxo. Olhou o chão em torno como o cão antes de deitar-se e, entregando a moganga à mulata, disse: – É di roça d’Inácio. – Deixou as ervas no banco: – Esse é cambuquira.

Então agachando-se, a gemer, apoiou-se no banco e sentou-se no chão, toda encarangada. Macambira pôs-se de pé, acendeu um cigarro e disse:

– Vou vê sinhô. Isso é cosa pra seu Zeca... Home tá duro.

– Ocê vai na Barra?

– Amenhã di madrugada, si Deus quisé. – E voltou-se para a mulata: – Entonce? Bamo? Ocê vê duma vez qui tem, dá um passeio... Ma’precisa levantá cedo: carro sai ante das quatro. Qué?

– Não. – Balbina fez-se de enfezada:

– Já ocê qué levá Lúcia pru pagode. Dixa muié im casa, vai ocê só. Ninguém comi ele, não.

– Lúcia tá duente, pricisa í no dotô.

– Ah! nada... Duente? Duente di quê? só s'é di barriga cheia. Cumeça, cumeça cum muita cosa dipoi, dipoi...! Esses buzumuca u qui qué é isso memo. Cumeça... – Ele ainda esteve um momento parado, a fumar, como à espera de que a mulata se decidisse; por fim resolveu-se: – Bom, té já. – E foi-se, ladeira abaixo.

Balbina bateu com o cachimbo na palma da mão, atulhou-o de fumo, acendeu-o e pôs-se a pitar a fumaçadas lentas, distraída. Lúcia inclinou-se com os cotovelos nos joelhos, o rosto nas mãos, e ficou a olhar perdidamente.

Escurecia, já a várzea desaparecera na sombra; as montanhas como que se aproximavam e cresciam, abafando; a mata parecia estuar mais perto – ouvia-se-lhe o estrondoso marulho das frondes, o rechino do bambual, o esfrolar preguiçoso das palmas dos coqueiros.

Uma suindara passou no ar em voo frouxo, chirriando; morcegos descreviam voltas, e, lá embaixo, a faiscação dos pirilampos fazia pensar nos duendes que assombam a gente nas encruzilhadas.

Mas o céu foi-se tornando mais claro, semeado de estrelas. Luzes brilhavam nos matos. A instantes um mugido atroava, um cão latia. Lúcia levantou-se molemente, preguiçando:

– Ond'ocê vai?

– Acender o lampião. – Foi-se. Pouco depois uma claridade explodiu na sala, logo extinguiu-se. Por fim a luz firmou-se, aclarando as paredes, chegando ao limiar.

– Vem pra cá, tia Balbina.

– Aqui tá bom, tá fresco. – A mulata desceu a soleira, sentou-se no degrau.

A noite enchia-se de vozes estranhas: os sapos coaxavam, gargarejavam, malhavam; eram trissos, zizios sutis, estrilos, pios crebros, e, de quando em quando, numa lufada mais forte, o farfalho das ramas escachoava como um rebojo d'águas.

– Sabe, tia Balbina? Parece que estou pegada.

– Ocê?

– É verdade?

– Ma divera?

– Ora... até hoje, nada. E ando que só Deus sabe.

– Isso, às vez, é fraqueza.

– Qual?

– Antonce, rapariga, é guentá. Qui vai fazê? Ocê não casô? guenta. Agora é tê cuidado, não fazê maluquice i dexá vi. Fio é Noss'Sinhô qui manda.

– É... mas a gente sofre.

– Uai! – Calaram-se. Lúcia pensou em Macambira, logo, porém, lembrou-lhe Julinho, e a figura do senhor moço impôs-se à do negro. E se fosse dele!? Podia ser... Balbina escarrou, silvou uma cusparada e, resmungando, levantou-se. Caminhou para a casa arrastando pesadamente os pés inchados. A mulata suspirou preocupada:

– É verdade, tia Balbina...! – Mas a negra falou com autoridade:

– Natureza às vez discansa. Podi sê qui não seja. Ixp'rimenta um chá d'erva cidrera. – Meditou um momento. – Ocês já tem um mez di casado?

– Quase... e eu esperava no fim da primeira semana.

– É... I ocê tá triste mod'isso?

– Medo, tia Balbina. É brincadeira!?

– Ah! medo... Medo di quê? E as outra?... Oia Joana... nem peito pra dá di mamá... não tá í cum molecão daqueles...? Qu'é qui teve? Ant'isso du qu'uma febre. Não faz maluquice i dexa tá. Eu tenho parado muito moleque, paro o d'ocê tamém. Medo... Quando a gente meno pensa bicho tá í, berrando. I Macambira já sabi?

– Não. Pra quê?

– Uai! Cumu pra quê? Antonce ele não é u pai?





– Não, quando eu tiver certeza. Por ora não. Pode ser outra coisa, pra quê? Eu tomei água de coco, suada. Pode ser.

– Você é qui sabi. Pera aí, dexa eu passá. – Apoiou-se ao umbral e entrou em casa.

O segredo pesava a Balbina – tinha-o na língua a pruí-la e, no primeiro ensejo, ainda que sem propósito, comunicou-o a Macambira, asperamente, no tom enfezado com que sempre falava, até quando queria agradar. Era assim com os íntimos – rude, seca, arrebatada, resmungona, sempre de trombas, aos repelões, engrolando ditados e metáforas de mau agouro.

Era meio-dia e abrasava. À beira de um aguaçal, onde as taboas altas espanejavam penachos, andavam porcos fossando, bácoros atolavam-se na lama morna, sob o voo perseguidor das moscas. Macambira subia do engenho a caminho da roça quando, ao passar perto de uma gruta, a negra, que apanhava inhame, bradou por ele dentre as largas folhas metálicas que reluziam ao sol. O negro estacou atarantado relanceando o olhar – viu os porcos, mas não descobriu a velha, e buscava-a quando ela o chamou de novo em tom ríspido, como se o repreendesse:

– Ê! Macambira, cê tá tonto?

– Uai! – A cabeça da negra, sempre refoufinhada, emergia do inhamal.

– Oia, vai preparando gimbo qui fio vem aí, tá iscutando? Fio vem aí. – Ele não percebeu a alusão e ficou a olhar arvoado. Ela insistiu caramunhando e acenando gestos expressivos. – Você tá oiando sarapantado? Não tem qu'oiá. Fio vem aí memo. – Subiu do carcavão agarrando-se às ervas e, em cima, com a caraça luzindo ao sol, sacudiu as mão enlameadas, limpou-as nos molambos e, chegando-se muito ao negro, esclareceu o mistério: – É Lúcia qui tá di barriga.



Macambira fechou a cara, sobreceño; mas como a negra asseverasse, arredondando os braços ante o ventre, onde a saia sungada formava uma rodilha, soltou uma gargalhada:

– Quá?

– Quá?! Ocê vai vê. Zêri memo falô lá im cima, zêri memo. – E de mãos nos quadris, empinada em recacho: – Antonce? I ocês não tá casado? Cumu é? Zêri tá di mez. É juntá gimbo, fazê ropa. Ocês pensa qu'ê só casá? pecado vem logo. – Guenta?

Ainda incrédulo, de olhos fitos nela, ele duvidou:

– Caçuada...

– Caçuada?! Ocê vai vê. – Deu uma volta e, espalmando a mão no ar, em promessa: – Ocê vai vê! – De repente, em tom brusco: – Agora não vai correndo lá im cima dizê qu'eu disse. Sunta ocê memo.

O negro quedou suspenso, numa emoção que o transfigurava. Os olhos acenderam-se-lhe em lume alegre, o sorriso ficou-lhe estampado no rosto. Os porcos vinham chegando um a um afofinhando a terra; juntaram-se perto de um cupim; de repente, assustados ou como se fariscassem alguma coisa, arremeteram a correr, desaparecendo no mato.

– Mecê tá falando sério, tia Balbina?

A negra franziu os olhos, abotoou os beiços encarada nele e resmungou numa rabanada:

– Hum! tá falando, sér'o, tá. Foi zêri memo qui disse.

– Tá bom... – Ficou pensativo, de olhos baixos, raspando a terra com a ponta do pé. – Há di si criá, co'a graça di Deus. Té logo! – despediu-se pondo-se a caminho, com o sorriso sempre no rosto.

– Oia lá ocê...! – bradou a negra ameaçando-o com o dedo.

– Não conto, não...

– Oia lá...?

– Não tem pirigo. – Foi-se contente, orgulhoso daquela notícia, sentindo-se mais homem, triunfante no amor, pai, enfim. O sol

ardia intenso. A estrada, de areia, tinha cintilações de mica. As folhas reluziam. Sentia-se a secura, a sede das plantas. O capinzal, de um amarelo dourado e seco, era como um mar de chamas. Gafanhotos estalejavam ao saltos.

A negra ficou na estrada olhando o seu príncipe com orgulho, e a ternura traduzia-se-lhe em gestos vagos: meneios da cabeça, acenos das mãos. Pensava no que ele seria entre os seus no reino da África com aquela figura esbelta, aquele ar, aquele todo viril e a força do seu braço. Grande rei! Fazia-lhe pena vê-lo ali escravo e, por causa dele, odiava a terra, odiava a gente. Quisera ver tudo em ruína, perecendo na mesma catástrofe, tudo?

Macambira ia longe, e a velha, para vê-lo ainda, saltou, ágil como uma pantera, subiu à barranca, com a mão em pala ante os olhos, e, quando o perdeu de vista, atirou um murro à coxa numa surda revolta contra o destino do seu príncipe, filho de Munza, rei grande.

Vagarosamente tornou à grota e lá no fundo, encoberta pela folhagem larga, pôs-se a cantarolar soturnamente uma toada bárbara.

Macambira ia longe, quase no morro.

Uma aguazinha escorria num rego tomado pela solidônia; adiante era o brejo. O negro atravessou a pinguela, meteu pelo capinzal e, estugando o passo, banhado em suor, ganhou a ladeira e subiu pela sombra fresca das árvores pensando naquele filho anunciado, sentindo-o na vida, quase certo de encontrá-lo lá em cima, muito gordo, engatinhando no terreiro, a tartarear e, acompanhando-o, protegendo-o Lúcia, ainda mais linda naquele êxtase de amor.

Chegou à casa, foi manso e manso até a porta, espiou: ninguém. Entrou pé ante pé, como um ladrão. A porta do quarto estava encostada, empurrou-a de leve. Houve um estalido e logo um grito lancinante. Ele arremessou-se.

Lúcia, em mangas de camisa, saltara da cama refugiando-se perto da cômoda, desalinhada, de olhos muito abertos, numa estagnação de pavor. Reconhecendo o negro, como que ainda mais se lhe agravou a emoção: encolhia-se tiritando, encarada nele, descaindo numa flacidez como para acocorar-se, a bater os dentes, a agitar em desatino as mãos.

Macambira, atônito, adiantou-se para serená-la:

– Uai, Lúcia, ocê não tá mi cunhecendo? Qu'ê isso? – Ela olhava-o a fito com o rosto ora a contrair-se em terror, ora a abrir-se em sorriso alvar. Por fim, em jorro, as lágrimas rebentaram-lhe dos olhos afogueados. Levou as mãos ao rosto e rompeu em soluçado pranto debruçada sobre a cômoda que estremecia. O negro adiantou-se, solícito e carinhoso, abraçou-a afagando-a:

– Qu'ê isso? Tava brincando. Qui medo é esse? Passei perto, dei uma chegada aqui mode vê ocê. Dexa d'isso. – Fê-la sentar-se, deu-lhe água, arrependido do que fizera. Foi-se-lhe remitindo a agitação e, em voz repassada em choro, trêmula, sussurrou:

– Que susto! Não brinca mais assim, isso faz mal.

– I ocê não me cunheceu, criatura?

– Sei lá! Assim de repente... nem sei que pensei. A gente aqui sozinha... Eu estava descansando um bocado. Nossa Senhora! Nem é bom pensar!

Sentaram-se na cama, muito juntos e, como ela apanhasse o casaco, ele, sorrindo, ajudou-a a vesti-lo. Então perguntou-lhe baixinho:

– Agora diz: ocê tá memo?

– O quê?

Ele riu. Ela compreendeu que fora traída no seu segredo, baixou os olhos e murmurou:

– Candongueira! – E, com simulado despeito: – Tia Balbina é um saco roto. Se eu soubesse não dizia.

– Mas é verdade?

– Não sei; desconfio. – Ele abraçou-a num paroxismo, beijou-a grato. Ela aninhou-se-lhe nos braços, mimosa, e, olhando-o de muito perto, face a face, disse-lhe: – Agora vai bater boca por aí.

– Uai! I é vergonha?

– Olha o meu coração como está. – Tomou-lhe a mão, impô-la ao peito. – Está sentindo?

• • •

Grávida! Para Macambira era a suprema ventura, para Lúcia a certeza era uma angústia. Desde então, nunca mais teve sossego de espírito. Acompanhava aterrada a marcha da gravidez. O ventre crescia, arredondavam-se-lhe os flancos: era como se inchasse. Sentia dores, opressões, estalos de ossos.

Às vezes, costurando ou na cozinha mexendo as panelas, a suspeita fuzilava-lhe na alma: corria ao quarto, trancava-se e, levantando a roupa, examinava o ventre.

Que estaria ali dentro? O coração batia-lhe em ânsia, tinha alucinações: toda a casa enchia-se de vozes, ouvia passos, sentia gente. “Minha Mãe do céu! Que será de mim...” E, de mãos postas, airada, imobilizava-se no terror pressago, certa do seu fim trágico, naquele mesmo quarto, entre aqueles móveis, ali?

Conhecia todas as armas de Macambira, pensava em escondê-las: a garrucha, a faca pernambucana, de lâmina comprida e aguda, a navalha de mola. E, como se aqueles ferros mortais se animassem e, por impulso próprio, investissem com ela, tapava os olhos com as mãos, arrepiada, com um frio metálico irritando-lhe a carne, num frenesi de gritar, de fugir, de lançar-se da barranca às pedras, acabando de uma vez com aquilo. Em uma crise mais forte mirando, com ódio, o ventre túmido, detestou-o como inimigo, certa de que nele estava a gerar-se, a crescer, o denunciante da violência infame de Julinho. Então no ímpeto do desvario, fechou a mão, atirou-lhe um murro. Logo, porém, arrependeu-se tocada de piedosa ternura pelo filho: talvez o tivesse machucado,

matado até, coitadinho! E passou o dia em tortura, imaginando o filho morto e o castigo do céu.

E a vergonha? Ainda morta, na terra, parecia-lhe que havia de ver e ouvir as companheiras, com Vaca-Brava à frente, injuriando-a, lançando-lhe em rosto a traição torpe. E via-se na cova, e em torno, à galhofa, todo o mulhierio da fazenda com a depravada cabrocha desbocando palavrões. Escureciam-se-lhe os olhos como em vertigem, reabria-os à luz – era a realidade serena, a indiferença das coisas impassíveis.

E se abortasse? Era tão comum, sabia de tantos casos. Claudina tomara um cozimento de “orelha de sapo” e movera, mas Julia fizera o mesmo, mais até, ficando entre a vida e a morte, toda inchada, quase louca, e o filho lá andava, coitado! um langanho, sempre ranhoso, com os olhos cheios de sapiranga e em pus, o corpo aberto em feridas, os dentes podres, uma cabeça enorme, idiota, com uma carinha enrugada de velho, rindo à toa, chorando à toa, vergonha da mãe, desprezo de todos.

Havia outras coisas: casca de romã, remédios de botica, rezas, mandingas. Egídio tinha um segredo, mas obtê-lo é que era. Falar a Balbina? Não, era o mesmo que dizer a Macambira. Enfim!... havia de ser o que Deus quisesse: entregava-se nas suas mãos. Ele bem sabia que ela não tinha culpa – era uma infeliz, uma desgraçada. Ele bem sabia. Obsessa de tal cuidado, sempre apreensiva, o seu gosto era estar só, sem ver gente. Queria o silêncio. Raro descia à casa-grande para evitar as graçolas das companheiras, os olhos de Vaca-Brava e, a pretexto de “ânsias, aflições, dor no corpo”, deixava-se ficar lá em cima com o seu terror, tirando augúrios de tudo.

Se, de manhã, descobria uma falena de asas espalmadas no teto, eram lágrimas, arrepiamentos de desespero; se ouvia a co-ruja à noite, contrariava o agouro com esconjuros, ia espezitar a lamparina, rezar um credo diante dos santos. As próprias abelhas

domésticas, sempre laboriosas, alegrando a residência com o zumbido perene, ela tomava-as como anunciadoras sinistras e revoltava-se rezingando: “Que mania de Macambira...! Este cheiro de cortiço já enjoa e a gente sempre com a casa cheia dessas porcarias, em risco de ser mordida.”

Com o cair da tarde os seus temores cresciam, tomavam vulto as superstições. A casa parecia-lhe assombrada, sempre com avisos: era a madeira aos estalos, portas que se abriam por si mesmas, em silêncio, estrépitos nas telhas e, lá fora, correrias, vozes cochichadas, ais! lamentosos, luzes lívidas cruzando-se, bailando no ar.

Estremecia, toda arrepiada, balbuciando exorcismos, a apalpar nervosamente os bentinhos que trazia ao pescoço.

Às vezes, suspendendo o serão, ia, pé ante pé, sacudir Macambira, que dormitava na rede. Forçava-o a sair armado, rondar os arredores da casa. O cão ia-lhe no rastro farejando, latindo. O negro recolhia paciente:

– Não tem nada. Isso é bicho que anda por aí. Ocê tem medo à toa. Quem vem aqui? Ladrão? – ria com superioridade. – Alma dotro mundo? Dexa d’isso... Alma é d’aqui memo. Quem morre morre.

Se o cão ladrava, punha-se logo atenta.

Às vezes era um uivo que atravessava doridamente o silêncio. Ela irritava-se, frenética: “Vai agourar o diabo!” e, descalçando-se, batia com a chinela três vezes no soalho e deixava-a virada de borco para fazer calar o animal. A cama causava-lhe horror. Desde cedo, ainda com o sol fora, começava a bocejar, lânguida de sono. No meio da costura a cabeça pendia-lhe – dobrava-se, com os braços sobre a mesa, e dormia. Balbina lidava com ela sacudindo-a:

– Vai detá na cama, criatura. Ocê ansim não dorme dirêto. Tá cum sono, vai detá duma vez. – Ela levantava-se, estendia os braços, retorcendo-se, mole, mas ficava como uma sonâmbula,



amparando-se aos móveis, encostando-se às paredes, de olhos fechados, mastigando resmungos. A negra insistia, teimosa, Macambira levava-a abraçada.

Atirava-se na cama vestida e adormecia logo num sono de pedra. Alta noite despertava espantada, sentava-se na cama e, na penumbra tremente do quarto, alumiado pela lamparina de azeite, tinha visões delirantes: eram os móveis que cambaleavam deslocando-se, erguendo-se do chão em silêncio, eram sombras deslizando pelas paredes, eram águas que se despejavam de enxurro, gemidos, círculos de fogo retraindo-se em discos, dilatando-se em halos, voos surdos pelo quarto, pancadas à janela, sopros. Pensava em despertar o marido, mas o medo paralisava-a. Despia-se devagarinho e fria, gélida, com os dentes cerrados, o hálito escasso, examinava o homem.

Ele ali estava, enorme! o seu assassino. Parecia-lhe um gigante como os das histórias do Oriente que ela ouvira contar e lera nos serões de casa: a cabeça desconforme, de grenha hirsuta, os braços nus, possantíssimos, peito largo coberto de um velo crespo, arfando robusto na respiração cheia e ronquida.

Sentia-lhe o cheiro caprino de mistura com um aroma morno de campina, ao sol, e tremia transida, pensando na hora em que ele, no furor do ultraje, fechando-se com ela, de olhos flamejantes, rugindo rouco, com a faca em punho, alumiano, agarrando-a pela garganta, levasse-a de encontro à cama, rojasse-a e, subjulgando-a sob os joelhos, rasgando-lhe as roupas, abafando-lhe a boca, fosse-lhe cravando fundamente a faca no colo, retalhando os peitos, depois fundo, bem fundo no ventre, revolvendo o ponto em que se gerara o filho infame, chegando com as mãos nas profundas das entranhas, ensopando-as no sangue até senti-la morta, ao lado dos tassalhos do filho, no mesmo charco.

Abria a boca para gritar, estendia os braços implorativos chorando em silêncio e, escorregando devagarinho, deitava-se muito





encolhida, com as cobertas puxadas até o queixo, batendo os dentes num tiritar de medo.

• • •

Uma noite, deitada de costas, com o ouvido muito apurado aos rumores de fora e aos soídos do silêncio, sentiu que o ventre se lhe contraía e revirava, depois tremores, em seguida um choque como de murro. Sentou-se com medo. Que seria?

O ventre túrgido, liso, parecia bojado como enorme bexiga, e os peitos duros, encaroçados, referviam-lhe refertos em apoiadura instantânea.

Quis levantar-se, tirou as pernas da cama e ficou sentada, imóvel, atenta à espera de que se repetisse o fenômeno. Reiteraram-se os baques, reapareceram os tremores em vibrações fulgurantes e em escabujamentos como se o filho lhe estivesse estrebuchando nas entranhas em angústia de morte. Chamou o marido:

– Macambira, meu velho... tem paciência... olha aqui.

O negro sentou-se estremunhado:

– Qui é? Qu'é qu'ocê tem?

– Não sei... Estou sentindo uma coisa muito esquisita. Não sei que é. – E ofegava, agitava-se aflita, opressa, sem ar. Descaiu sobre os cotovelos, e a sua fecundidade ressaltou. – Dá cá a mão...

Tomou-a, rolou-a por todo o ventre, e o negro, sentindo as convulsões, ficou boquiaberto, extático, mas logo sorriu compreendendo que era a vida ainda empolhada que buscava expandir-se: era o ímpeto do seu sangue, a força da sua carne, a energia dos seus nervos, o surto do seu amor triunfante. Tranquilizou-a:

– Não tem medo, tola; isso é criança qui tá virando. – E ria, achava graça na “travessura” do filho, augurando com orgulho, de boca cheia: – Ê! Esse vai sê bom! Oia só, inda bem não nasceu já tá pinoteando qui nem cabrito. Esse memu vai sê bom. Cê tem qui vê co'ele. Não tem medo, não.

E afagou-a, fê-la deitar-se acariciando-a, batendo-lhe de leve no ombro, alisando-lhe os cabelos, amaciando-lhe os quadris redondos, sem sentir no contato daquele corpo fecundo outra emoção mais que a de piedade pelo sofrimento e o respeito sagrado que infunde o mistério.

E mais se lhe acendrou o amor reforçado pela ânsia augusta daquela vida que ele sentia abotoada na carne da mulher, já reclamando a luz, o ar livre, o mundo.

– Ah! Macambira, custa muito ser mãe! Como a gente sofre...? Ele fazia-a andar.

À tarde, depois do jantar, iam lentamente até à orilha da mata, paravam para ver as galinhas, o porco espapaçado nas palhas úmidas, roncando; chegavam à beira da barranca alongando a vista pela paisagem vasta, entravam no pomar e, entre as laranjeiras carregadas, conversavam sobre o que havia a fazer – ele contente, ela sorumbática, sempre suspeitosa, preocupada com aquele filho que a denunciaria logo ao nascer. Queixava-se do frio, da umidade. Entravam.

A pedido de Macambira Balbina deixou o seu “mocambo”, lá embaixo, para acompanhar Lúcia.

Dormia no quarto perto da cozinha e, sempre pronta, ainda que resmungando, animava a mulata contando-lhe fatos extraordinários:

– Ocê inda não viu nada! I quando criança chora ni barriga? Esse é qui é! Isso qu’ocê tá sintindo todo mundo sente. É bom siná, siná di criança forte. Choro é qui é... Diz qui criança qui chora ni barriga nasce divinhado. Dixa di medo. – E examinava-a: – Cê não tem nada... – Recomendava-lhe banhos de ervas, repouso e sono. – Ocê u qui precisa é cumê; ocê ansim ni quenta não serve: fruta só não sustenta – comi carne, angu, bebi leite qui dá sustança. Ocê tá magra, varada qui nem cachorro sem dono. Dixa di medo, comi

i quando botá cabeça ni travissero não tem qui ficá variando: dorme.

Lúcia emagrecia a olhos vistos – as faces cavavam-se-lhe e os olhos encovados acaveiravam-lhe o rosto manchado de panos. O colo e o ventre impavam cada vez mais. Macambira preocupava-se, pedia conselhos a Balbina, queria levar a mulher ao médico, na Barra.

– Ocê parece bobo... Dexa Lúcia. Lúcia não tem nada. Isso é an-sim memo. Magreza é do estado dela. Não come, não dorme... uai! corpo sente, corpo não é di ferro. Dexa ela intrá nos seis mês i isso tudo passa.

Sempre que descia à Barra o negro trazia uma lambarice: biscoitos, chocolate, maizena, figos, e não esquecia o filho com uma coisa ou outra para o enxoval: um par de sapatinhos de lã, uma peça de morim, rendinhas, entremeios, fitas.

À noite, com toda a casa fechada por causa do frio, Macambira, esticado na rede, fumando, acompanhava, com interesse, as discussões de Balbina e Lúcia diante da lata, perfumada a alfazema, onde se iam ajuntando as pequeninas peças do enxoval, e intervinha opinando pela cor de rosa para os bordados da manta e dos cueiros e para as fitas das toucas e das camisinhas contra a azul, que Lúcia propunha por ser a cor do manto de Nossa Senhora.

E no céu, de uma pureza nítida, as estrelas cintilavam límpidas, e a névoa, alvejando perdidamente em prainos e em relevos, dava à paisagem muda o álgido e merencório aspecto das solitárias regiões polares.

— **S'**ocô tá cum medo eu falo cum sinhô e ele manda Tibúrcio nu meu lugá. Tempo tá bom, tropa é sigura.

— Não, vai. Isso ainda não é pr'agora. Você não vai e volta em quinze dias?

— Uai! im antes.

— Então... Dá tempo. Vai, senhor pode ficar aborrecido. Você já tem faltado muito ao serviço por minha causa. Não quero. Se houver alguma coisa, tia Balbina está aí. Eu me arranjo com ela. Deus é grande?

— Oia lá?

Era em meados de dezembro. A acácia vergava opulenta ao peso dos cachos de ouro, e a mata, enfeitada para o Natal, revijava em rebentos pintalgada de amarelo e roxo, com as claras folhas das embaúbas luzindo, como de alumínio, no escuro lustroso das ramagens.

Ainda esfiavam tênues fumos das últimas coivaras; brumas leves esgarçavam-se nos ares.

Macambira devia partir para a Corte com a primeira remessa de café: já as sacas estavam empilhadas nas tulhas, e a tropa apartada no pasto pequeno, tudo pronto. Mas o nervosismo de Lúcia, agravando-se a mais e mais, punha o negro em indecisão receosa.

A coitada não tinha descanso, não conseguia dormir uma hora a fio: eram logo ânsias, sufocações, peso no ventre. Levantava-se



aflita andando pela casa, abrindo janelas numa angústia de asfixia. Balbina não tinha paciência – metia-se no quarto e, para deixar a esteira, era um trabalho. Saía de trombas, resmungando:

– Ah! ocê tamém é muito luxenta. Parece qu’ocê só é qui tem fio. I as otra? Oia Rosa, c’a barriga pra cada hora tá lá no duro puxand’inxada, i ocê é só rizingando, chorando. Ansim tamém não. Pricisa tê pacienc’ça. – Enrolava estouvadamente a trunfa, acendia o cachimbo e ficava encorujada a um canto, cabeceando cochilos.

Lúcia fez-se forte, disfarçando o sofrimento para iludir Macambira, com intenção de afastá-lo. E ele, vendo-a andar pela casa mais desembaraçada, fazendo uma coisa e outra, decidiu partir. E animou-a:

– Ocê vai vê; eu vou i vorto e ind’ocê demora. E isso memo não custa: na hora é um instante... é mais u medo. – Ela encolhia os ombros, resignada:

– Assim como assim... tem de ser mesmo... que remédio! Quem me dera que fosse hoje, ao menos eu descansava.

Na véspera da partida, à tarde, arrumando a maleta, o negro chamou-a:

– Iscreve u qu’ocê qué...

– Não quero nada.

– Pr’ocê...

– Não quero nada.

Passaram a tarde no banco, sob a acácia que os cobria de flores. À meia-noite – havia luar – o negro levantou-se devagarinho, chamou Balbina para fazer-lhe o café e na cozinha, à luz da candeia, enquanto os gravetos crepitavam, recomendou carinhoso:

– Oia, véia, toma bem conta dela, não dexa ela. Ocê fica aqui: sinhô botô Thereza pra cuidá du chiquero. Istende istera na sala i dorme lá.



– Vai dicansado, fio di Deus. Lúcia não tem nada di maió. Ocê memo é qui bot’ela ansim.

O negro tornou ao quarto, entrou pé ante pé, esteve um momento parado diante da cama olhando enternecidamente. Lúcia sentiu-o, voltou-se, soergueu-se sobre o cotovelo e perguntou muito meiga:

– Você já vai?

– J’é hora.

Abraçaram-se em silêncio. Ela desprendeu-se-lhe dos braços, atirou-se nos travesseiros abafando o choro.

– Não chora, tola. Noss’Sinhô tá í. – Ainda beijou-a, acariciou-a: – Adeu! Té a vorta. – Ela abandonou-lhe a mão inerte.

A lua velava muito alta. O terreiro parecia de cal. Toda a paisagem jazia sob uma névea furfurina diáfana. Tiniam campainhas no silêncio.

• • •

Com a partida de Macambira encaminhou-se verdadeira romaria para o monte. A todo instante eram vozes no terreiro:

– Ó! de casa...?

– Mas quedê essa sumida?

– Então isso inda não deu de si?

– Como é que se mora num cafundó assim! Isso só memo di Macambira. Ciúme é o diabo?

Entravam: eram mucamas, crioulas, negras velhas e, vendo Lúcia, muito ancha, a barriga à boca, vergada, bambaleando-se em passos arrastados, eram gargalhadas, exclamações:

– Ih! como isso vem remando?

– Cê ansim memo é durona...

– Tá í nu qui dá casamento. Quedê cintura?

E riam. E a mulata, muito lânguida, confessava esfalfada: Que já não podia mais. Até estava com medo que fossem dois. E agradecia os presentes que lhe davam: esta, uma galinha gorda para o



primeiro caldo; aquela, uma dúzia de ovos encamisados em palha de milho, um pouco de puba para mingau, e as devotas ofereciam-lhe orações, bentinhos.

A casa burburinhava. Uma quis ver o enxoval da “criança”, e veio a lata para cima da mesa: abriam-na, e as peças passavam de mão em mão.

– Foi ocê qui fez tudo?

– Macambira comprou alguma coisa.

Foram ao quarto muito asseado, correram a casa toda espionando, farejando. Balbina deixava-se estar na cozinha resmungando com azedume e só aparecia para despedir as visitas:

– Bom, gente, ruma, chega di pagode; é hora di cuidá di casa. Cês não têm qui fazê lá imbaxo? Abri campo, bamo, bamo.

– Ah! tia Balbina, qui coisa! A gente não vem aqui pedi nada. Faz mal?

– Faz má, sim: muié quando tá ansim di tempo precisa dicanso. Visita é visita. Já viu, já falô... qu'é qui fica fazendo mais?

À tardinha, Lúcia estava sentada à soleira da porta olhando distraidamente, quando Vaca-Brava apareceu no alto do caminho, entre os espinheiros, rota, imunda, com um paletó esmolambado, aberto, deixando ver a camisa sórdida, em frangalhos, escorrida no peito esbagachado. A mulata, reconhecendo-a, não pôde disfarçar o espanto e fez menção de levantar-se, mas ficou tolhida.

– Deus teja nesta casa! Êh! êh! uhm! – esticou os grossos beijos relanceando em volta olhares coscuvilheiros.

– Antonce? – Lúcia olhava-a a fito, imóvel, como magnetizada. A cabrocha plantou-se diante dela, de mãos à cinta, e, depois de mirá-la, disse em tom arrogante:

– Fica im pé, dexa vê isso... – A mulata levantou-se como um autômato, de olhos parados, os braços caídos ao longo do corpo, expondo-se. Vaca-Brava examinou-a de beijo arregaçado: – Hum!



Cê tá ruim, rapariga... – e arreganhava a cara em ricto. – Cê tá ruim. Senta! – Lúcia obedeceu passivamente, sempre de olhos nela. – Qui pança! – Coçou a grenha, escarfunhou o sovaco e, firmando o pé na soleira da porta, disse: – Oia, ocê não repare, eu tenho quirido vim aqui, ma ocê sabi qui seu marido tem giriza cumigo. Pra que buscá mais intica? Memo aqui tem gente qui não gosta di mim. Eu sabia d'ocê p'los otro. – Remirou-a mais: – Sê tá muito alargada das cadera; isso é macho. – Inclinou-se, meteu os olhos pela casa, devassando-a, e, virando-se, olhou em volta com desprezo, cuspilhando: – Cê não tá cum boa cara. Toma cuidado! Oia Antonica... Não brinca co'isso, não. Cê tá muito pesada. Faz uma promessa mod'isso vim dirêto i não dexa nó na saia, oia lá?

Mas Balbina, que fora levar restos de comida ao porco, apareceu com a cuité e, vendo a cabrocha, parou carrancuda, interpellando-a desabridamente:

– Qu'é qu'ocê vem cherá aqui im cima?

– Uai! vim vê Lúcia.

– Qui vê Lúcia, qui nada! Ocê veiu mas foi suntá. Ninguém que sabe d'ocê aqui. Oia, si Macambira sabi qu'ocê veiu aqui cê tem qui vê.

– E eu tenho medo di Macambira?! Quem sabi si ele vai mi cumê...!?

– Vai t'imhora. Cê não passa duma enredadera. Um diabo d'azá qui ondi si mete é só pra fazê mexido. Vai t'imhora! Vai?

Lúcia, vendo a velha adiantar-se para a cabrocha, que a olhava do alto sacudindo a cabeça, ficou tão nervosa que se pôs a chorar, torcendo as mãos, frenética. Vaca-Brava silvou um risinho sarcástico.

– Gente! Tão vendo só! Ocê parece qui tá caducando, tia. – E, de supetão, intimou: – Oia, curumba, s'ocê dá mais um passo pra mim eu ti pego! Ah! tá muito concha co' essa porcaria di casa... Cupim comi coisa mió. – E de punhos fechados:



– Toma sintido cumigu! Ocê anda querendu e eu, um dia, pego ocê dirêto. Pensa qui tudu mundu tem medu di mandinga? Vem pra cá. Mandado na minha porta não fica. Vem pra cá.

Os olhos de Balbina fuzilaram, rolou-lhe um rugido na garganta, e, crescendo, lançou mão de um pau de cerca e investiu contra a cabrocha, falando-lhe ombro a ombro, cara a cara.

– Repete u qu’ocê disse s’ocê si chama Donária. Repete...

– Tia Balbina... tia Balbina...

– Repete – e empurrava-a de esguelha, ameaçando-a com o pau. Lúcia interveio nervosa:

– Que é isso, gente! Deixa disso. Coisa feia. Deixa, tia Balbina. Vai, Donária. Pelo amor de Deus! – As duas mediam-se ferozes, mas a cabrocha cedeu e, vagarosamente, gingando, caminhou para a ladeira:

– Eu não te esfrego agora memo, sua bruaca, mod’ela. Não quero qu’ela bote o fio pra fora e diga depois qui foi por minha causa. Ma ocê não perde, burra véia. Ocê tá muito fiada im Macambira, pois vai ti fiando. – Chegara aos espinheiros, voltou-se e despejou um chorrilho de torpezas. A negra respondeu:

– É tua mãe, sua porca. – E, como a cabrocha insistisse, juntando o gesto às palavras, Balbina atirou-lhe o pau, que foi girando e caiu entre as folhas que farfalharam. Uma pedra bateu na parede da casa, outra tiniu no telhado. A velha correu e, apanhando torrões, calhaus, atirava-os furiosamente. A cabrocha respondia dentre os matos com uma gargalhada contínua. De repente a negra, que ficara à beira do caminho, cuspiu com asco, dizendo:

– É tua mãe, catinguda! É tua mãe.

Lúcia, de pé à porta, estava como petrificada.

• • •

Lúcia, que a cena do terreiro enervara, logo à noitinha sentiu-se mal: tremores ríspidos, uma ânsia que lhe subia à garganta em bolo, angustiando-a, dores errantes, peso nos quadris.



Sentou-se debruçada à mesa, com a cabeça nos braços enrodilhados. Balbina, cuja fúria ainda se não abrandara, linguajava na cozinha. Chegando, porém, à sala e vendo a mulata naquela postura inerte, interrogou-a:

– Qu'é qu'ocê tem?

– Não sei. Estou me sentindo mole, tonta. De vez em quando, uma dor surda nas cadeiras.

– Toma u seu banho i vai detá.

Mas a mulata, apreensiva, encolhendo-se toda com arrepios, murmurou supersticiosa:

– Isto é mau-olhado de Donária.

– Qui nada! – E a negra assanhou-se: – Oê foi si metê... Oê divia tê dexado eu dá uma lição naquele diabo. Negra sem-vergonha! Aquilo inda acaba na ponta duma faca. Vai detá. Isso passa.

Lúcia, porém, tinha horror ao quarto – preferia sofrer ali sentada, olhando pela porta aberta o céu estrelado, as árvores que reluziam. As magnólias embalsamavam a noite, e os grilos faziam um estridor contínuo. Desabotoavam-lhe na alma leves reminiscências.

– Vai detá, criatura.

– Daqui a pouco.

Por onde andaria Macambira? Talvez já na cidade. A cidade...! e ela que tanto desejava vê-la com as suas lojas sortidas, as suas igrejas grandes, as ruas cheias de gente, o mar...

O ventre entrou a contrair-se-lhe em convulsões preguiçosas; a instantes, espaçadamente, eram torções, frêmitos, repuxamentos; depois aquietava-se e uma quebreira amolentava-a. As pernas iam-se-lhe entorpecendo, os pés formigavam-lhe dormentes.

Ocorreu-lhe a lembrança de uma festa a que fora, com outras na Barra. Que alegria! O carro de bois aos trancos pelos caminhos esbarrondados, adernando, empinando-se nas subidas, numa chiadeira que doía nos ouvidos. A vila aparecendo entre árvores,



com o rio acachoadado e turvo, e logo se lhe afigurou o circo armado num largo, gente apinhada em volta, tabuleiros de doces, música, um palhaço preto num palanque fazendo gatimonhas e na multidão basbaque uma gargalhada continuada. Depois o leilão de prendas e a igreja iluminada, cheirando a canela e a incenso, com a linda imagem de Nossa Senhora sorrindo no altar, entre círios e palmas de ouro.

Súbito, como se lhe houvesse rebentado o cóis da saia afrouxando-lhe a cinta, sentiu-se aliviada de um peso, respirou mais livre, em hausto, e, instintivamente, levando a mão ao ventre, deu por uma depressão, um sulco fundo que a dividia como se fora golpeada. Pôs-se de pé alarmada, apalpando-se. Chamou a velha, fez-lhe ver aquilo.

– Foi de repente, tia Balbina.

A negra examinou-a sem dizer palavra; por fim aconselhou:

– Qué sabê, Lúcia? mió é ocê í pra cama. Cosa parece qui tá í. Barriga caiu, isso não faia. Mió é ocê detá.

– Mas é pra hoje!?! – perguntou aterrada.

– Uai! – Forte compreensão nos flancos fê-la dobrar-se, logo um peso insuportável na bexiga, um vácuo no estômago, enjoo. Então ansiada, aflita e com medo, quis andar, mover-se, mas tinha as pernas como de chumbo. Uma dor fúlgura atravessou-lhe o ventre como se um estilete a varasse. Encostou-se à mesa, amparando a barriga a mãos ambas. Balbina insistiu:

– Bamo, fia. – Passou-lhe o braço pela cinta, levou-a devagarinho ao quarto; quis despi-la, ela opôs-se, consentindo apenas em deitar-se para ser examinada, e tremia arrepiadamente. A velha foi rápida.

– Cosa é pr’hoje memu – afirmou; – siná tá í. Agora é ocê dexá di moleza. Fica aí quieta enquanto eu vê tudo. Não tem medo, não. Cê ajudando um bocado é um instante.

A mulata atribuía a “sua desgraça” à Vaca-Brava. Desvaneceram-se-lhe as últimas esperanças, não tinha mais dúvida sobre a sua sorte: a cabrocha pusera-lhe mau-olhado, estava perdida. Sentou-se chorando e via o seu fim trágico: a vingança de Macambira.

Mas os fatos baralhavam-se, confundiam-se-lhe tumultuosamente no espírito: ora era a cena com Julinho, ora era a fúria do marido logo resolvida em ternura. Ouvia-lhe os passos, sentia-lhe o cheiro acre do corpo, tiniam-lhe aos ouvidos sons de campainhas – era a tropa, seguia-a através dos campos, Macambira à frente.

Dores apuavam-na, oprimiam-na. O quarto aterrava-a a mais e mais à medida que escurecia. Se pudesse ficar lá fora...! E olhava estarecida. Numa dor mais forte, atirou-se à cama amarfanhando as cobertas, trincando os beiços. Quis cruzar as pernas, não pôde: estava sem ação, tolhida, paralisada pelo sofrimento. Nas têmporas as artérias túrgidas batiam-lhe às marteladas; o coração crescia-lhe harto e tímido. Balbina apareceu e ela ouvir bater uma bacia de encontro à cama.

– Antonce?

– Ah! tia Balbina... – arquejou.

– Deta... deta... Ocê vai vê... eu tô cuidando di tudo modi na hora não havê trapaiação. Pera aí. Tem paciêç’a. Cê u qui não deve é tá jugando corpo ansim, criança tá perto. Pera aí.

Saiu; logo, porém, tornou com o lampião, deixou-o na cômoda. Voltou à sala, e Lúcia ouviu ranger a porta, rascar a chave.

Sentiu-se atemorizada, opressa como se sobre ela houvesse caído a lápide de um túmulo. A porta fechada... por quê? para quê? Quis chamar a velha, pedir que deixasse a porta aberta, mas a dor cingiu-a: dobrou-se toda, em arco, atirou-se de flanco, mordendo os travesseiros. Um grito escapou-lhe em convulso tremor.

– Ah! minha Nossa Senhora!... – A negra acudiu e, vendo-a prostrada, animou-a:

– Antonce, fia... Pera aí... Dexa vê.

– Não posso mais! Eu morro, tia Balbina. Parece que estão me rasgando por dentro. Foi Donária, tia Balbina. Isso não era pra hoje. Foi ela.

– É... Oê foi s'assustá. Ma dexa aquele diabo! Macambira há di sabê. Ma não tem nada. Deta. Agora é tê corage. Tem di vi. Deta. Noss'Sinhora tá í. Nôte cheia d'istrela, cê vai sê filiz.

– Me dá as minhas orações, tia Balbina: ali na cômoda, na gaveta de cá. – A negra rebuscou, trouxe um punhado de bugigangas: bentinhos, rosários, um coto de vela de cera. A mulata recebeu tudo desatinada, atafulhando debaixo do travesseiro.

– Ah! tia Balbina, nunca pensei...?

A negra foi-lhe tirando a roupa, deitou-a e sentou-se no chão com a lata do enxoval aberta, separando peças que ia ajuntando na tampa.

Volta e meia Lúcia levantava-se urgida e mole, lerda, debruçava-se ao respaldar da cama, encostava-se à cômoda ou deitava-se abandonadamente. As pálpebras pesavam-lhe:

– Estou caindo de sono! Se eu pudesse dormir...

– Drome...

Sossegou em modorra, mas uns sons absurdos: burundum de tambores, vozeada rouca, estrupido de passos sapateados puseram-na em sobressalto.

– Que é, tia Balbina!?

– U quê?

– Esse barulho...?

– Onde? Não tem baruío nenhum. Cê tá sonhando. Drome.

Nesse instante uma dor mais violenta assaltou-a, como que a envolveu. Sentou-se num espanto, de olhos muito abertos, a boca escancelada à falta de ar. De repente atirou-se de borco retorcendo-se, rebolecando-se, rangendo os dentes, debatendo-se a rugir, a arquejar aos arrancos. Balbina procurava contê-la:

– Não faz ansim. Cê si machuca.

– Ah! tia Balbina... – suspirou exausta, alagada em suor.

A noite passava vagarosa, a luz do lampião amortecia, lívida. O galo bateu asas, cantou.

Lúcia soergueu-se sobre os cotovelos com um gemido surdo, trêmulo, guaiado, que se prolongou em grito alucinante. A negra inclinou-se sobre ela, dizendo:

– Bom... agora é só tê corage. Mãe du céu tá í. Tem corage... lembra di Macambira. Bamo. Bamo. Tá í já... juda natureza... – E o grito de Lúcia repercutia esgargalhado, tornando-se rouco, estertoroso como se um punhal se lhe fosse cravando na garganta e a voz, a princípio livre e clara, saísse, por fim, rolando em borbotões de sangue.

• • •

– Uai! – exclamou a negra assombrada. Lúcia sentou-se de golpe, num impulso de mola. Balbina estava boquiaberta, com todo o rosto encarquilhado em feição de nojo. Curvara-se sobre a cama amparada às mãos e cacarejava horrorizada:

– Ê! ê! ê?

– Que é, tia Balbina? – Ágil, como se saísse de um sono bem dormido, a mulata pôs-se de gatinhas, inclinando-se para o filho que remexia mole, oleoso, garguiteando um gasnido gosmento. A negra olhava aparvalhada. Apanhou o recém-nascido, levantou-o nas mãos chegando-o à claridade amarela do lampião. Mirou-o e um ronquido trovejou-lhe no peito:

– Esse qui é?

– Tia Balbina! – exclamou a mulata estendendo os braços, súplice, como a implorar o filho que espernegava muito langanhento.

– Esse qui é? – a mulata embatucou. – Misericórdia? – Regougou a velha.

– Dá cá ele. Deixa eu ver. Dá cá, tia Balbina.



– Quá! – Depô-lo na cama e, cruzando os braços, a negra quedou de olhos fitos como alheada, meneando a espaços com a cabeça.

Lúcia ajoelhou-se, tomou o filho que escorregava nas mãos, víscido e flácido, cravou nele os olhos, onde já havia ternura, e logo os levantou para a velha. Encararam-se em silêncio.

– Esse qui é? Cê inganô Macambira.

Lúcia descaiu sobre os calcanhares e, faltando-lhe apoio, tomou de flanco. O pequenito esganiçava coleando como uma lesma. Ela tremia, arquejava, os lábios batiam-lhe em palpitações frementes. Sentia a vida escoar-se-lhe a jorros. A velha falava airada.

– Mode quê? Esse qui é? Fio di branco, vergonha. Cumu é? Cê não tem qui dizê. Cê inganô ele. – Ela quis falar, defender-se, mas desatou em pranto, e a negra olhava o infante, balançando a cabeça. E, triste, pôs-se a dizer o seu pensamento:

– É ansim memo. Cumu não? Nego é nego, branco é branco. É ansim memo. Tá í. Zêri quis... tá í. Agora tudo vai tomá pagode. Ê!... Fio di nego... oia só.

Espirrou-lhe um risinho navalhante. Lúcia caiu de costas prostrada, contendo os soluços.

No silêncio havia estalidos: era o pequeno que chuchava os punhos. A negra respirou desabafando e, aproximando-se da cama, ordenou severa:

– Deta dirêto... dexa mudá cama.

Lúcia encolheu-se com medo, apertando o filho no braço, muito chegado ao seio e, ora voltando-se, ora soerguendo-se enquanto a negra substituía os lençóis, não a deixava com o olhar espavorido.

– Tá í. – Fez uma trouxa da roupa que retirara. – Cê vê qui qué mais.

– Mais nada. – Deixou-a, saiu como se a abandonasse.

Os galos amiudavam. Um largo suspiro esvaziou-lhe o peito. E ali estava o filho. Ela bem o sentira no ventre durante todo aquele tempo. Ali o tinha?



E refez-se naquele ambiente de angústia, que tresandava a seiva humana, a tarde trágica da violação. Tudo eram ervas emaranhadas, árvores bravias, espinheiros e capins cortantes, urtigas cáusticas e estrepes, a terra ainda morna do sol e já em sombra noturna e Julinho na tocaia.

Via-o, sentia-o que lhe dilacerava as entranhas deixando-lhe no fundo aquela vergonha que crescia, rompia-lhe as carnes e ali estava: saíra-lhe do corpo como sai o punhal de uma ferida: em ondas de sangue. Ali estava. A cabeça doía-lhe como se lha apertasse um capacete de ferro, constringia-se-lhe a garganta num travo que lhe suspendia o hálito.

As sombras animavam-se despegando-se das paredes como papel solto, subindo do soalho em fumaradas, afetando formas bizarras, esguias, aladas, pairando, rastejando, esvoaçando.

Fez um esforço para voltar-se: lufou aos gorgolões a vida.

Balbina deixara-a só com a Morte, era ela que a rondava com um lúgubre cortejo. Mas a negra entrou com uma chaleira, arrastou a bacia, temperou o banho, tirou-lhe o pequeno do braço e, de cócoras, pôs-se a lavá-lo.

Ela tremia sem ânimo de falar. O silêncio da velha apavorava-a. Não era Balbina, era uma das sombras do quarto que se lhe apoderara do filho. Chegou-se mais para a beira da cama transida, arrepiada, sentindo que lhe arrancavam os cabelos, acompanhando, a fito, tudo que a velha fazia. Viu-a retirar o pequeno d'água, deitá-lo ao colo, contemplá-lo um momento, depois virá-lo, revirá-lo enfaixando-o.

Parecia-lhe, por vezes, que ela ia estrangulá-lo – ficava estarecida, e foi com verdadeiro alívio, contente, que, de novo, o sentiu no braço, muito cheiroso, esfregando-se nela como se farejasse o leite.

A negra abria largamente a porta, saiu com a bacia. Tornou, instantes depois, com uma lata onde ardiam brasas, esfarelou por





elas a mistura de alfazema, benjoim e açúcar e começou a defumar o quarto pelos cantos.

O ambiente nublou-se: rolos de fumo espesso subiam caracolando, condensavam-se em nuvem, rolavam, estendiam-se em véu denso.

Por fim, como se nada mais lhe cumprisse fazer, dando por finda a sua missão, Balbina perguntou:

– Cê qué qui fala cum sinhô ú cumu é? Macambira chega. Mió é sinhô sabê.

Falava numa voz estranha: não parecia a mesma vira-mexe rezinguenta – tinha uma serenidade de sentença.

Lúcia chamou-a, então, muito humilde, quis que se sentasse à beira da cama; ela deixou-se estar de pé, braços cruzados, rígida.

– Escuta, tia Balbina, vosmecê está com raiva de mim, eu não tive culpa. Foi nhô Julinho. Vosmecê sabe como ele é. Olhe... – e descreveu-lhe a cena entrecortadamente, estuando de fadiga, às rajadas de choro. A negra não a interrompeu: ouviu impassível, sem um gesto. – Eu devia ter dito... não devia ter casado. Foi medo... medo de nhô Julinho e de Macambira... e vergonha, tia Balbina.

A negra não disse palavra: apanhou a lata onde as brasas morriam e saiu.

• • •

O silêncio era terrífico, picado, a quando e quando, de sons vagos, como vaga-lumes na treva. Lúcia estremeceu num abalo irritado, pruído em aflição frenética, arrepanhando o lençol, estirando, encolhendo as pernas. Uma nuvem empanou-lhe os olhos, depois a vista purpureou-se-lhe: via tudo em rubro, enxameado de moscas lucilantes, vermiculado de estrias, num irrisamento que deslumbrava.

As centelhas agregavam-se em brasido, esparziam-se em chuva; foi depois um fogaréu de onde subiam labaredas de bordas azuladas. De improviso a treva. Foi-se-lhe apagando a consciência,



imobilizou-se com o braço estendido amparando o filho que adormecera.

• • •

A porta abriu-se. Um sopro de ar puro invadiu o quarto. Balbina entrou devagarinho, como quem espreita.

– Dia tá í. Cê qué qui fala cum sinhô ú cumu é?

O lampião morrinhava fuliginoso, e no silêncio morno, como se um animal andasse por ali a roer, havia, de instante a instante, um chuchurreio: era o pequeno que sugava os pulsos.

A negra repetiu mais perto:

– Dia tá í. Cê qué qui fala cum sinhô? – Sem resposta, ficou um instante indecisa – talvez fosse melhor deixá-la dormindo. Mas caminhou até a cama: – Eu vou vê Rosa modi m’ajudá. Cê qué qui fala? – Tocou-a de leve para despertá-la, balançou-a brandamente, chamando-a: – Lúcia...! – Então, com uma dúvida sombria: – Cê qué vê qu’é memo...?

Inclinou-se-lhe no rosto, chamando-a mais alto:

– Lúcia! Oia...! – Considerou um momento e insistiu: – Lúcia?

Apalpou-lhe o rosto macilento, o colo farto, e achou-a fria.

Então, ligeira, embaraçando-se em panos que se lhe enrolavam nos pés, foi abrir a janela.

Uma luz baça clareou o interior: na cama, revolta e empastada de máculas, a mulata, imóvel, a cabeça entalada entre travesseiros, de olhos semicerrados, os dentes à flor dos lábios lívidos, parecia de cera. O recém-nascido debatia-se ainda amparado pelo braço inerte.

A negra coçou a cabeça arrepeladamente, em atordoado desespero: “Oia só essa pobre coitada!” De mão ao queixo esteve a contemplar piedosamente o cadáver. Por fim, meneando com a cabeça, traçou no ar o sinal da cruz: “Deus Noss’Sinhô te perdoe.” O pequenito abria preguiçosamente os olhos, franzindo o rosto. A negra olhou-o sem pena:

– Cê ficô? Cê vai vê. Branco ansim memu cê vai vê vida. Não vê qui sinhô modi cê perdi escravo. Cê vai vê.

Tomou o lampião, levou-o à cozinha, limpou-o e, tornando com ele aceso, pô-lo sobre a cômoda.

Então fechou a janela e, sem mais olhar a cama, onde jazia a morta e o recém-nascido continuava a chupar os pulsos, traçou um pano à guisa de xale, fechou a casa e saiu.

**A**bandonando o caminho trilhado, Balbina enveredou por um atalho no mato intonso, tão atupido de ramas que só pela ondulação das ervas se lhe podiam seguir as voltas. Era um antigo carreiro tortuoso, rolando em escalões, com a irregularidade das terras aluviais, até uma rechã coberta de penugem parda, findando abruptamente em arriba sobre a estrada.

A negra, chegando à borda da escarpa, sentou-se e, agarrando-se aos arbustos, deixou-se escorregar de raspão, firmando os pés aqui, ali em tocos e em relevos, que destorroavam esboroando-se.

Topando na estrada sacudiu a saia, enrolou a trunfa e partiu ligeira, por vezes impelida em corridinhas nas rampas mais derribadas. O sol, ainda brando, anuviava de ouro as copas úmidas, as folhas trêmulas brilhavam, e os brejais distantes, cobertos de lírios, eram como rastros de névoa entre o verde tenro dos capins flexuosos.

Raso, transparente arroio fluía silencioso sobre seixos claros. A negra atravessou-o arpepiando a linha da corrente e ganhou um alto acogulado de cupins.

Parou no meio do sapê alongando o olhar preocupado – lá ia a negrada, caminho da roça. A instantes, fulcito, lampejava um ferro e a chusma coleava, sumia entre as árvores, aparecia adiante, lenta, ora em fila, ora em grupos, dispersando-se no cafezal.



Um carro descia chiando, e nos terreiros andavam negros amontoando café que outros rodavam, espalhavam em estendal, à seca.

Pássaros esvoaçavam aos chilros numa alegria brincalhona, perseguindo-se às voltas, mergulhando nas frondes. Por vezes um cão ladrava, um mugido prolongava-se em ecos pelas quebradas.

Balbina pôs-se a caminho dobrando o cômodo pelo lançante suave todo espalhado de ramas de mandioca. A terra frouxa guardava-lhe as palmilhas, por vezes era um formigueiro balofo onde se afundavam os pés, como em lodo.

E a casa-grande surgiu além, na eminência, com a sua ampla varanda onde havia gente, o jardim em retalhos verdes debruados pelos caminhos alvos, os densos caramanchéis, o bambual nemoroso, espelhos-d'água, e alta, solene, a linha das casuarinas esfarrapadas franjando o azul de plumas balouçantes.

Só então a negra como que teve consciência da gravidade da sua missão. Parou hesitante, pensando: “Essa é hora di sinhô tá lá...” Fitou no além o olhar de ave. “Cumú é? Zêri tá lá... fio tá lá... Antonce?” E, cruzando estabanadamente os braços, empinando a cabeça em gesto altivo de interrogação: “Qui vai fazê?” Demorou na atitude como à espera de uma resposta. “Uai!” deu de ombros e prosseguiu em passo moderado para estacar adiante, de olhos baixos, pensando: O senhor ia interrogá-la. Já o via sobrecenho, atribuindo-lhe a morte da mulata, ameaçando-a com o bacalhau e o tronco, mandando agarrá-la. E falou alvoroçada de medo: “Qui vai fazê, sinhô? Zêri teve criança, criança tá í, vivo. Gente fez tudo módi sangui pará, sangui tá í. Cumú é? Genti morri ni mão di dotô quanto mai... Tava lá sozinho, mai zêri. Dô vem di repente. Cumo é? Muié di nhô Bentu, antonce? Dotô não tava lá? I ele não morrê? Qui vai fazê? Sinhô podi mandá castigá, genti não podi mai di qui Deus. Genti fez tudo, morte chegô. Qui vai fazê?” Bateu as mãos uma à outra, como a sacudir de si a responsabilidade, e retomou o



andar, alheada de tudo, dentro do pensamento sombrio, naquela preocupação do desastre, resmungando, gesticulando como se ensaiasse a própria defesa.

Uma negra engelhadinha, corcovada, a cabeça toda em flocos brancos, o rosto murcho, escaveirado, subia a custo a ladeira abordada a um pau. Cruzando com Balbina, levantou a cabeça, encarou-a franzindo os olhos e, reconhecendo-a, sorriu encarquilhada:

– É ocê, tia? Onde vai?

– Vê sinhô. Cê tá boa?

– Ansim. I lá im cima? – e, cruzando as mãos sobre o cajado, firmou-se disposta a trela; mas Balbina passou sem resposta, fechando a cara, e, adiante, estalou um muxoxo enfezado: – Ah?

A fazenda rumorejava agitada na faina rude: era um reboliço nos terreiros – gente a ir e vir, moleques à solta barafustando aos tropelões, burburinho de vozes, ruído de engenhos. Pelas trilhas do campo lentos bois caminhavam livres demandando as pastagens, e no ar luzidio os pássaros multiplicavam-se surdindo de todos os pontos como em profusa soltada.

Passando pelo moinho, apesar do estrondoso escachoo d'água, Balbina ouviu uma cantoria alegre. Era Mariano, um que não podia vê-la que não a provocasse, troçando, só pelo prazer de assanhá-la. Como se o canto do rapaz a ofendesse, injuriou-o:

– Canta, sanhado! Cê tanto há di cantá qu'inda acaba reben-tado n'istrada, qui nem cigarra. Boca di cumua...! – Um bando de gansos apareceu-lhe à frente, lentos, orgulhosos, o pescoço esticado, olhando como vedetes. Ajuntaram-se amotinados e, empinando-se, romperam em grasnada. Ela passou indiferente. Alguém chamou-a de longe, houve um farfalho de folhas, logo respondido:

– Joga! Joga pedra, cachorro. Cê há d'achá... – Não se voltou, dura no andar, aos resmungos, acenando gestos vagos, com a obsessão da cena lúgubre que deixara em casa. À beira do vale,

defronte das casuarinas, procurou um passo mais fácil. Desceu a barranca, galgou adiante e, apoiando-se às coxas, vagarosa, vergada, suando em bicas, chegou ao jardim. Andava uma mucama com uma cesta colhendo flores.

– Ondi tá sinhô, Filomena?

– Estava lá em cima, nos bambus. Como vai Lúcia, tia Balbina? Deu de ombros e continuou na direção indicada.

Num banco, sob um toldo de trepadeiras floridas, D. Clara, com as mãos cruzadas no ventre enorme e flácido, morrinhava achaparrada. A negra passou sem vê-la, com o olhar nos bambus cerrados.

Entrou na alameda sombria e logo avistou o senhor fiscalizando a limpeza do solo acamado de folhas secas e de tubos palhiços que estalejavam. Dois negros passavam o ancinho ajuntando as versas em cúmulo. Aproximando-se do senhor, que lhe dava as costas, estendeu a mão:

– Bênção...

Gandra voltou-se e, vendo-a, fez um gesto indiferente e rápido como se a despedisse. Ela não se moveu e, para chamar-lhe a atenção, tossiu.

– Que é? Que queres aqui?

– Qué falá cum sinhô.

– Comigo? Pois fala. Que é? – e encarou-a aborrecido.

Ela chegou-se misteriosa, coçando o peito, e repetiu:

– Qué falá cum sinhô só.

Gandra ficou surpreendido da confiança e, depois de uma breve hesitação:

– Comigo só! E eu não estou só? Fala. Que é?

Os negros raspavam a folhagem, mas de quando em quando um deles levantava a cabeça e relanceava um olhar curioso. A negra sussurrou matreira:

– Zêri tá oiando...

Gandra intimou-a irritado:

– Homem, fala! Que é? Anda, tenho que fazer.

Balbina, como em alcovitice, curvando-se, muito chegada ao fazendeiro, cochichou:

– Lúcia teve criança, sinhô.

– E então?

– Sinhô precisa í lá. Zêri morrê...

Gandra teve um sobressalto:

– Como! Morreu??

– Modi choque. Sangui não parô mai... – E, baixinho, em voz cava: – Sinhô vai lá vê criança. Criança é branco, é fio di nhô Julinho, zêri disse.

– Hein! Filho de Júlio? – Piscando os olhos atarantado, entre espanto e furor, o fazendeiro avançou um passo para a negra:

– Que história...?

– Sinhô vai vê.

Gandra franziu o rosto num ricto frenético, repuxou a barba atufando-a na boca; um momento remordeu-a, mascou-a. De repente, em voz surda:

– E quem está lá?

– Tem ninguém. Casa tá fechada. Zêri só: mãe i fio. – Remexeu na cinta, tirou uma chave. – Eu vim modi sinhô vê qui faz. Macambira chega aí. Cumu é? – Gandra balançava a cabeça; mediu lentos passos engalfinhando os dedos na barba. De improviso, numa resolução, bradou:

– Chico! – Num pronto, pondo-se a prumo, um dos negros respondeu:

– Nhô?

– Vai lá embaixo, correndo, manda encilhar o Pampa e trá-lo aqui. Depressa! – O negro encostou o ancinho e abalou como um gamo. – Dá cá a chave. Vai-te embora. – A negra deu volta. – Olha





– e ameaçando-a com o indicador: – nem palavra, estás ouvindo? Se me constar que andas por aí a bater boca é tronco; estás ouvindo? – A negra mantinha-se cabisbaixa, em silêncio humilde. – Vai-te embora!

– Bênção... – Foi-se. Deixando o bambual, respirou desafogadamente, e, vendo o rego por onde a água descia límpida, traquinando nas pedras, agachou-se, pôs-se de bruços e, inclinando a cabeça, bebeu aos sorvos. Desceu ágil, atravessou o valo evitando os caminhos frequentados e, ganhando a árdua subida, ia por ela, lenta, cansadamente, quando ouviu estropeada. Voltou-se: lá ia o senhor no Pampa. Ela cortou a estrada, embrenhou-se no mato afuroando atalhos nas macegas ásperas.

Quando a negra chegou ao alto, Gandra, que prendera o animal à cerca, caminhava vagarosamente no terreiro, cabisbaixo, as mãos para as costas. Aos latidos do cão voltou-se carrancudo. Balbina, escorrendo em suor, parara a distância, perto da acácia, coçando lentamente a testa que reluzia. O silêncio era como um muro entre os dois, e foi ela que o vingou, perguntando timidamente, com ar de espanto:

– Sinhô viu?

O fazendeiro mascava nervoso e, de ímpeto, arremessando um gesto de cólera, bramiu:

– Bandalheiras! São todas as mesmas. Por essa eu poria a mão no fogo... e está aí.

A negra atreveu-se:

– Ê! Sinhô nhô Julinho forçô ela.

– Qual forçou, nem meio forçou. Assanhamentos. – E, estendendo o braço na direção da casa, num gesto duro e cruel: – E essa criança é levá-la, tirá-la daqui. Morreu, morreu, está acabado. Macambira não tem que saber. – Sem levantar os olhos, a negra meneava com a cabeça, caramunhando esgares. – Um rapaz



direito... mas não, é o diabo do pagode, a calaçaria. – Foi até a beira do barranco e parou com o olhar ao longe, pensando.

– Sinhô qué botá criança fora? – Ele voltou-se, encarou a negra ferrenho:

– Sei lá! O que não quero é que Macambira saiba disso. Estou farto de porcarias! Pouca-vergonha! – Então, revoltado contra o filho, murmurou: – É demais! Um dia encontra... – E atirando uma patada à terra: – Nem cães! – Balbina continuava imóvel. – Vai arranjar aquilo, que está um nojo. Veste-a. Enterra-se hoje mesmo. – Uma ideia sinistra roçou-lhe o espírito: levantou a cabeça de golpe, o olhar alto, mas deu de ombros: – Enfim... – e continuando o pensamento, que a piedade atenuara, disse à negra: – É tirá-lo daqui, não o quero ver.

A negra enleada, na indecisão do que faria, raspava molemente o braço arremangando. Levantou um olhar repassado em ternura, chegou a mexer com os beiços num aceno de fala, mas mudamente, curvada, caminhou para a casa, entrou vagarosa, desaparecendo na penumbra onde o silêncio era de morte.

As sombras começavam a sair das árvores. O terreiro, onde rastejavam folhas, estava todo em sol. Uma aragem lenta, a sopros regulares, balançava levemente os ramos. E, em cima, o azul nítido, fino, sem mancha de nuvem, tinha a lustrosa transparência d'água.

Gandra recomeçou o passeio indo e vindo entre a acácia e a barranca penseroso, remoendo uma cólera surda, com o olhar ora apagado, ora afuzilando áscuas. Fechava rijamente os punhos, atirava murros, comia furiosamente a barba atochada aos molhos na boca, e, num assomo mais vivo, berrou para o espaço uma exclamação obscena.

Logo, como se aquele arranque o desafoçasse, rebuscou nos bolsos, tirou um charuto, trincou-o e, acendendo-o, caminhou

para onde o Pampa a largos, apressados passos, como na ânsia de uma resolução.

Desprendeu o animal que, ressentido do sol e acossado das moscas, batia nervosamente as patas, tascava o freio; montou-o e, guiando para a casa, berrou à porta pela negra. Balbina apareceu logo, açodada:

– Eu vou ver isso. Tu não me sais daqui... E a porta fechada, estás ouvindo? Eu virei com os negros. E venha quem vier, seja quem for, não entra. Veste o corpo, arranja tudo, e logo à tardinha faz-se o enterro. Quanto ao pequeno... – voltou-se na sela coçando nervosamente o pescoço, um momento concentrou-se, irritado; por fim, como para repelir o pensamento cruel que o rondava, disse adiando: – Mais tarde. Temos tempo. Vê-se depois. É escondê-lo por enquanto... Mas olha lá, tu...?

– Uai, sinhô?

– Bom. É isso. – Tocou o animal. Ainda junto dos espinheiros, conteve-o, ficou a considerar meneando a cabeça. Por fim estugou-o.

Balbina, à porta, ouviu o tropel, o frolar dos ramos durante algum tempo.

O arvoredado brilhava, o calor subia na fulguração do sol. Como se a terra se fosse inflamando em centelhas, granitos micantes alumiam. Rumores vagos, confusos, rolavam na viração.

A negra persignou-se com a mão aberta e falou para a profundidade:

– Cê mode quê não faz? uai! Cê não é dono? Mode quê não faz? Mode quê? Nego é qu'há di matá modi caí n'inferno? Mata ocê memo, zêri tá í. Mata ocê memo – e fez um gesto largo como para convidar alguém a entrar. – Mata ocê. Cê n'é bobo! Só tá í alumiamando, Noss'Sinhô tá nu só, oiando tudo. Furmiga é tistimunha, i furmiga tá í junto ni coreção. Cê qué matá, mata. Criança tem curpa? Matá modi quê? Mata ocê.

Sentou-se muito encolhida, com os cotovelos nos joelhos, o rosto encravado nas mãos, e ficou sorumbática.

Terra da África! Palmares. A areia mole, acendrada, ondula em rugas, avulta em dunas. A cacimba esgargala-se à sombra de uma árvore de tronco imenso e larga, escura, espalhada folhagem – cercam-na em círculo os colmados cônicos, como formigueiros enormes.

Búfalos e camelos repousam deitados, ruminando em modorra. Guerreiros, com plumas na grenha, exercitam-se aos pinchos desengonçados, crianças arrastam palmas, guindam-se aos coqueiros, rolam na terra, formigam em bolo à volta de uma gamela; mulheres, à beira da cacimba, preguiçam inertes. Aves gralham. Uma cegonha passa esticada no ar rútilo em voo esfuziante. Ardem fogueiras sem chama em turbilhões de fumo. O sol vibra, escalda.

A choça de Munza, mais alta, mais ampla, tem um lança fincada à entrada.

Ah! tempo... Um suspiro levantou-lhe o peito. Pôs-se a resmungar um canto triste. Os olhos viam muito longe, no passado. Ê! Macambira... Fosse lá!! Quem ousaria afrontá-lo daquele modo? Quem!?

E passou-lhe pela visão o grande feito de Munza: a destruição de um *kraal* a ferro e fogo e a morte do chefe inimigo, um soba agigantado e ferocíssimo cuja voz atroava mais forte do que as buzinas de corno e no reboliço da peleja vencida o fragor das armas e o barbarizo dos combatentes. Via-o cair às mãos de Munza, via-o amarrado ao tronco de um coqueiro e, em torno, em tripúdio, a gente negra brandindo os fimbos, fazendo estrondar os escudos às pranchadas das azagaias. Via-o sangrar talhado pelo ferro real, ouvia-o bramir à injúria de um escarro, golfar sangue do flanco a um ponto de lança, por fim desaparecer no tumulto acirrado, e, um momento, fimbos, zargunchas, azagaias ouriçando-se

alanharem-no, alancearem-no, atassalharem-no, e a dança cada vez mais confusa e frenética ao estridor bárbaro da grita canibalesca. Ê?

Um grito cainhado, esganido, tirou-a do êxtase: “Uhm! Uhm!” Voltou-se atenta ao choro do recém-nascido:

– Cê tá divinhando? Divinha. É branco memo qui manda. Cê não quis sê branco? Guenta. Não é nego qui qué dá sumiço a ocê, é branco memo, sangui d’ocê. Grita, bota boca nu mundu. Pai d’ocê é dono di tudu; grita, chama zêri mod’ele vim toma conta d’ocê. Cê não tá í? Grita.

Mas teve pena: tão pequenino, inocente, sem mãe.

– É, cês faz as cosa, nego é qui paga. – Levantou-se, parou um momento à porta do quarto – a criança gritava estranguladamente como se a esgassem. – Grita... Cê é bom! – E, tirando da prateleira uma xícara, foi à cozinha temperar água com açúcar.

• • •

Nuvens brancas, ralas como espuma em água de lavadouro, flutuavam espalhadamente toldando o céu, intercadências de claridade e sombra anunciavam mudança de tempo. O mormaço era sufocante. O ar, parado e denso, abafava como as fumaradas de agosto. Quando o sol aparecia, amarelo e fusco, acendia-se um calor de febre.

Insetos rechinavam nos matos secos e um cheiro morno, acre, de macega tostada, picava. Cigarras chiavam como em fritura e, a espaços, frouxo, aborrido, um sopro de aragem levantava o calor.

Balbina, que amortalhara Lúcia num lençol, tornando-a esguia como uma múmia, deixando o pequeno no quarto do fundo, remanchava relambória quando ouviu tropel no terreiro e logo a voz do senhor chamando-a. Abriu a porta. Manuel Gandra, no Pampa, vermelho e suado da estafa ao sol, disse sem apear:

– Trouxe a gente mais cedo. Vai chover à tarde e não vale a pena esperar. Onde está o pequeno? – A negra fez um gesto, ia

responder, mas ele continuou: – Eu vou até a Barra, acompanho ao cemitério. À noite, se não chover, podes levar o pequeno. Não o deixes por aqui perto. – A negra murmurou baixinho: “Sim, sinhô...” – Olha – lembrou Gandra –, o melhor é levá-lo para a Barra, deixá-lo na porta da igreja. – A negra afirmou de cabeça, sem levantar os olhos. – E amanhã lavas a casa, pões tudo em ordem e está acabado. Veio aqui alguém?

– Não, sinhô.

– Bom... É isso... – Falava como atordoado. Com um largo lenço vermelho limpou o rosto afogueado e, atafalhando-o nas mangas, enxugou os pulsos. Então apeou e, levando o cavalo para a sombra, laçou as rédeas num galho. Instantes depois dois reforçados negros apareceram com uma rede.

Gandra precedeu-os na casa, entrou no quarto, abriu largamente as janelas. Os negros estenderam a rede no chão e, em pontas de pés, com supersticioso respeito, chegaram à cama e, um ao tronco outro aos pés, levantaram o corpo, que amolecia, depuseram-no na rede, cruzaram as varandas, e, enfiando o pau, ergueram-no, tomaram-no aos ombros, saindo vagarosos, com os chapéus enrolados, metidos na cinta. Gandra montou.

– Vamos pelo caminho da estiva. – E guiou para a ladeira. Os negros seguiram-no em passo acertado. Balbina acompanhou-os de longe até o pomar. Gandra rompia a marcha curvando-se na sela para passar sob os ramos, e a negra, parando entre as laranjeiras, abençoou a morta:

– Deus te dê o céu!

As cigarras romperam em chirriada alegre, o sol abriu-se vívido, um momento fulgurou intenso, mas a luz foi abrandando, amortecendo, sombras rápidas varreram a terra e escureceu lugubremente como se anoitecesse.

A negra, enclavinando as mãos e balançando a cabeça, ficou de olhos baixos pensando no desenlace daquele amor, tão suave

e tão curto, que ela vira nascer, crescer no coração de Macambira como explui, vinga e floresce uma planta num vão de rocha onde os ventos depositaram um pouco de terra fértil. E a desgraça levou tudo! Ele, sem saber nada, longe, apressando a volta... ela, coitada! lá ia. E lembrou-lhe Julinho:

– Esse memo não acaba bem... Quá! – E subia a passos vagarosos, parando por vezes. As abelhas enxameavam zumbindo na florescência aromal das laranjeiras. – Esse memo não acaba bem. – Um lagarto fugiu farfalhando nas folhas. A negra ficou a olhar o ponto onde o animal desaparecera, arisco. – Antonce Deus não tá lá im cima? Nhô Julinho tem birra di Macambira, mode quê? Prugunta. Macambira é dirêto, não vai co’ele. – Estacou aprumada: – Zêri é branco, fio di branco... – e, com orgulho, enchendo a voz: – Macambira é fio di Munza! Fazenda tá í, reino tá lá. Modi cô?! Cô qui é? Antonce só modi cô zêri podi fazê tudu? Uhm! Terra tá í, osso tá í: tudu é u memo.

Chegou à porta da casa e lembrou-se do recém-nascido que lá estava sozinho, numa esteira, dormindo talvez, talvez esperto, olhando na sombra. Respirou largamente e, recordando a recomendação do senhor, levantou os olhos para o céu onde pesadas nuvens carregadas d’água rolavam escuras na direção dos montes azulados.

– Esse memo não vai hoje. Chuva tá í.

E, numa piedade enternecida, apertou-se-lhe o coração à ideia do abandono da criança à porta da igreja, na praça deserta por onde, à noite, andavam animais soltos farejando, fossando famintos. Os porcos...! E estremeceu num arrepio de horror benzendo-se com o sinal da cruz.

O vento morno, pesado, lufando a lentas bafagens, espalhava um cheiro adusto de terras ressequidas. Túmidas nuvens plúmbeas sotopunham-se, a espaços fúseis estriavam-nas. Rolos de pó, remoinhando em espiras terebrantes, corriam à flor do solo revolteando folhas secas, até esgarçarem-se em polvora-da, ao vento.

Os ruídos vibravam claros, repercutindo como em caverna. Relampejava em frêmitos. Escurecia rápido. Chegavam pombos em fuga; andorinhas volteavam atordoadas; soavam pios tímidos nos ramos.

Longínquos, com reboante fragor, tronavam trovões soturnos. E o calor subia da terra seca como em borralho.

Balbina chegou à porta, considerou o céu escuro e baixo, que parecia rolar na fumarada espessa dos nimbos, e, ao relumbrar de um relâmpago, persignou-se.

Ao longe revolviam-se turbilhões de poeira abrumando a paisagem. Gente corria nas veredas do campo; bois amotinados galopavam aos magotes, a cauda alçada; bezerros trasmalhavam aos galões, escornando a esmo, e tornavam à manada, aos pinchos.

E todo o arvoredado estortegava-se, debatia-se desgrenhado, em angústia, como se lutasse desesperadamente para arrancar-se da terra e fugir ante a catástrofe iminente.





Afigurava-se um cataclismo a pino. Detonações explodiam no pávido silêncio. Uivos cresciam, passavam no esfuzio do vento, perdiam-se ao longe como no desapoderado investir de matilhas hidrófobas. Nevoeiros ralos rompiam-se nos ramos.

A negra olhava pensando em Lúcia. Fechou as janelas – a casa ficou em noite escura e o cheiro da morta reapareceu ácido, enjoativo, impregnando o ambiente. Moscas esvoaçavam assanhadas como em carniça.

A negra imaginava a caminhada longa com a criança, à noite, por aquele tempo ríspido. “Cumú vai sê?!” Eram barrocais, bibocas pedrentas, matos enredados, depois a várzea rasa e nua, com os cupins a prumo, como vultos tocaiados na sombra, servindo de poleiro ao saci nas noites aziagas. “Cumú é? Vai saí ansim?”

Cresceu a aflição das árvores: os bambuais vergavam-se em mesuras, e o estrondo ribombava à fulguração sulfúrea dos relâmpagos. Mas um estampido seco estalou ríspido, violenta rajada arrepiou a paisagem e a chuva áspera, grossa, chegou estrepitosa, tão densa que fechou a vista a tudo, como um muro de aço. Acre e morno subiu da terra um bafio de barro virgem.

E a chuva jorrou torrencial. Os relâmpagos sucediam-se em deflagrações fosfóreas, e, como num despenhar de fragas, aos esbarros, raios estrepitavam.

Balbina acendeu o lampião da sala e, alumando-se com a candeia, dirigiu-se ao quarto onde deixara o recém-nascido. Encontrou-o dormindo.

A alma áspera da negra enterneceu-se diante da criança: “Tão pequenina, um dia só e sem mãe...!” Longe dela tinha assomos de revolta, rebentinas de ódio, ameaçando abandoná-la: “Cê vai vê!” Contemplando-a, porém, na inocência do sono ou de olhos abertos remexendo-se nos trapos, o coração fundia-se-lhe em ternura. Ia logo buscar a xícara d’água com açúcar e, às colherinhas, pacientemente, desalterava-a, comentando-lhe a gula, quando ouvia



os estalidos do lábios ávidos, sorvendo. “Sê é ‘sganado memo... uhm! Cê pensa qu’eu tá aqui mod’inchê barriga d’ocê? Poi sim...” E a criança chuchurreava sôfrega.

Sentada no chão, junto da esteira onde jazia o infante, a negra imaginava tristonha: “Caminho da Barra. Lá ia, com ele ao colo. Já avistava a igreja... Justamente chegava ao adro quando o quarto alumiu-se súbito como numa explosão e toda a casa tremeu a um estrondo. O pequeno sobressaltou-se.

Supersticiosa, a negra imediatamente ligou o seu pensamento ao fenômeno concluindo que era Deus que protegia a criança com a tempestade, talvez por intercessão da finada, espalhando raios e inundando os caminhos para que ela não pudesse sair. Então, arrepiada de medo ante a ameaça divina, como para ser ouvida no céu, falou alto à criança que despertara.

– É, ocê tá oiando. Quem mandô foi sinhô memo. Nego faz qui sinhô manda. Cê fica aqui... I dipoi? cumu é? Quem vai cria ocê? preta véia? uai! porco tá lá. I Macambira? Macambira vem aí. Cê tá nu bem-bom, preta véia é qui vai vê. – Mas a resolução estava assentada: a tempestade era ordem do céu, e o seu coração obedecia contente.

Acendeu o cachimbo e, encolhendo as pernas, com o queixo fincado nos joelhos, o olhar parado, pôs-se a pitar, mazomba.

Que fazer? E se fugisse com ele? Havia tantos mocambos por aqueles cafundós da serra... Melquior lá estava, Barnabé, Felício, Chico Bexiga, Tito... Este até tinha casa, roça, criação e gente armada para defendê-lo. Era um rei pequeno lá em cima. Uma vez por outra aparecia na Barra, à noite, para fazer sortimento no armazém. E seu Narciso... nem como coisa! Não vê?

Tito, além de cutuba, era fechado. Quando deram em cima dele, a tiro, no Rodeio, foi o mesmo que nada. Três turunas da escolta ficaram estendidos e ele ganhou o mato, muito fresco, com

os seus macambas. Podia ir para lá, mas Tito tinha tanta gana aos brancos que era capaz de fazer alguma ao inocente. Meneou com a cabeça. Não lhe ocorria uma ideia.

A chuva escachoava nas telhas e o vento esfuziava, lúgubre. O pequeno pôs-se a choramingar. Preparou-lhe a beberagem e, ministrando-a com solicitude maternal, pensava no que seria dali por diante. Como havia de criá-lo? Leite não faltava: era só ir ao pasto onde as vacas andavam soltas ou então lá embaixo, na pedreira, cercar uma cabra e ordenhá-la. Mas se vissem!? Teve um frenesi, arrepelando-se; desenrolou a trunfa, refoufinhou a carapinha. Enfim... Nosso Senhor estava lá em cima. E, escutando as bâtegas da chuva, tranquilizou-se, certa de que, no momento do perigo, a Providência seria por ela.

Amanheceu chovendo. Choveu todo o dia, miudinho, até a tarde. À noite estiou com estrelas. Ela receava a chegada de Macambira. O negro podia aparecer de repente... e então?! Resolveu transferir-se de madrugada para o seu rancho, com o pequeno.

Deitou-se junto da esteira. Lá para as tantas acordou. Que horas seriam? O relógio parara à falta de corda. Abriu a porta: fazia frio, mas o céu era um crivo de estrelas. Devia andar por meia-noite.

A espaços o cão gemia uivos, os sapos barulhavam em grasnada. Correu a casa examinando portas e janelas e, apanhando a criança, atabafou-a, apagou o lampião e a candeia, fechou a porta por fora e foi-se.

Descia devagar na treva múrmura das frondes, sondando o caminho resvaloso. Por vezes atolava-se em poças, escorregava em lameiros. Os matos apegavam-se-lhe às roupas, os galhos batiam-lhe no rosto, ainda gotejantes. Havia sussurros misteriosos. Embaixo, o córrego, muito cheio, rolava rumorejando. A negra procurou passagem. A pinguela mergulhara e as alpondras

desapareciam alagadas. Sapos, jias enormes saltavam chapinhando, e a água fosca por vezes tremeluzia como ao alumiar de um fósforo.

A negra meteu-se afoita pelo capinzal, chafurdou estarrecendo à friagem, com água até as coxas, mas seguiu e, alcançando a margem oposta, toda em lama, meteu pelo vassoural direita ao carreiro que levava ao rancho, num socavão de pedras lutulentas.

• • •

Na tristeza do sítio áspero, escalavrado das enxurradas do morro, onde explodia uma vegetação agreste, aos tufos hispídeos e emaranhados, ora em borbotões de ramas, ora hirta e dura, em feixes espatulados, ermava o rancho. Era um mundéu bambeando aos rangidos nos esteios podres, mal escorados, descaindo sobre as bananeiras que se apinhavam em touceiral, ao fundo, num terreno escuro, sempre atascado em lameiro do transbordo perene de uma mina que brotava entre pedras.

Os muros, em parte destorroados do reboco, eram um xadrez de ripas tismadas como tições por entre as quais o sol luzia e o vento zargunchava. O sapê, esfiapado, esvoaçava em falripas franjando o beiral do teto, e, por entre a palha cinzenta, pelas taliscas das paredes, o fumo esgarçava-se como saindo de uma fogueira morta. Em volta era mato bravo, com pitangueiras e limoeiros cobertos de erva-de-passarinho.

Joás espinhentos, cocurutos verdes de melão-de-são-caetano, piteiras espalmadas e o folhedeo escuro e largo dos inhames davam à lúgubre covanca um aspecto hirsuto de abandonada miséria.

O maçambará crescia por ali fora ondulando; um aboboral alastrava viçoso, cobria lombas de rochas, subia tufado pelos muros da choça espalhando-se em cima, como em latada. Uma telha, entalada em pedrouço, jorrava água límpida numa tina que transbordava em atascal; ao lado a moenda e o galinheiro, cercado de bambus, com um jacá suspenso de um cepo para os pintos.



No interior a penúria era sórdida. Chão de pocilga, esburacado; molambos sujos trapejando em cordas, teias de aranhas em colgaduras. Um jirau baixo forrado de palha de milho, com um estraçalhado cobertor azul; um pote d'água bojudo, manchado como de lepra, prateleiras amarradas às ripas, um caixote servindo de mesa atulhado de bugigangas: cuités, latas, cumbucas, vidros.

Minhocas colubreavam pelos cantos na terra fofa, baratas fervilhavam e correções de formigas filetavam o solo em traços iterativos.

À noite, à luz baça da candeia ou ao livor dos tições do borralho, eram correrias e chiar de ratos, estrídulos de grilos, zoar de besouros; sapos pulavam ou, esparrimando-se, de olhos esbugalhados, acompanhavam as viravoltas da negra macambúzia que, umas vezes, evitava pisá-los, desviando-se, outras vezes, rezinguenta, repelia-os a pontapés: “Sai, diabo!”

Quem passasse, à noite, pelo labrusco, ouviria a voz da solitária: conversas longas, discussões, risos, ameaças. Era ela a falar com o lume das achas, com a fumaça borralheira, com as sevan-dijas fimícolas que verminavam na sombra com o vento, com os discos de luar, com os rumores vagos do arvoredo.

Mugidos longínquos provocaram-lhe comentários:

“Cê tá chamando muié? Essa é hora? Dia não chega? Vai drumi, seu bandaio!” Ou então: “Uai! Quem sabi s'ocê é mió qu'a genti? Fio de genti, memo passa noite sozinho, bizerro não podi passá... Dixa di luxo! Qu'ê qu'ocê tá berrando? Ocê tamém não é escrava? Guenta. Mundu é ansim. Noss'Sinhô deu lete ocê mod'ocê criá fio, branco bebe. I nóss? Uai! Nóss é genti i lete di nego onde é qui vai? Prugunta! I nego berra? Chora calado i vai criando sinhô...”

Outras vezes cantava sapateando, rebolando o corpo esqualido em saracoteios peneirados.

Tais colóquios misteriosos, surpreendidos por alguém, criaram à negra a fama sinistra de feiticeira. Da narrativa sarapantada do



primeiro informante saiu e desenvolveu-se a lenda que a tornou temida, e o seu antro, já desviado das trilhas frequentadas, isolou-se ainda mais no terror que inspirava.

E o que se dizia na roça e nas senzalas era de arrepiar.

Negros referiam encontros assombrados com aventesmas e animais disformes: mulas sem cabeça, caititus monstruosos, de cerdas faiscentes, que passavam a galope taramelando os colmílhos, montados por anões negros que eram sacis; esqueletos arrasando sudários, sapos, corujas, morcegos.

Outros juravam ter ouvido gritos lancinantes, guaiados angustiosos à beira do açude, vendo surgir das águas vultos de neblina que se retorciam no ar gemendo nomes de afogados.

Marciano campeiro, crioulo afoito, entrando com a boiada uma tarde, deu por falta do touro inglês. Fechou o curral e tocou-se mato dentro, à procura do bicho.

Foi anoitecendo. Era um poder de vaga-lumes que iluminava os ramos. Entra aqui, sai ali, sobe morro, desce morro, nada! O bicho era mocambeiro e, ganhando o cerrado, nem Santo Antônio descobria.

No capoeirão era escuro que nem breu e parecia que havia gente chamando: “Psiu! Psiu!” Nossa Senhora d’Ajuda?

Saiu no limpo. O céu estava todo estrelado, uma lua grande boiava lá em cima.

De repente tudo escureceu, começou a roncar trovoadas, cada relâmpago que cegava, raio caía que nem chuva. Nossa Senhora! Olhou. O coração ia ficando pequenino, tremia das pernas a ponto de cambalear.

Que seria aquilo?! Lá longe, o céu cheio de estrelas, a lua clara e ali aquele inferno de trovoadas e raios.

Foi, então, que reconheceu o lugar: estava na grotta, pertinho do rancho de Balbina, perdido! Virgem dos Aflitos! Quis fazer

uma oração, não pôde. O braço duro não se dobrava para o sinal da cruz. Estava perdido de uma vez?

De repente um estrondo por ali fora como numa derrubada, e as árvores arrancaram-se da terra, crescendo, sacudindo-se, e saíram aos pulos, pedras saltavam batendo umas nas outras, fogo rabeando nos matos, a água dos atoleiros fervendo aos borbotões, que nem calda em tacha; e cada bicho!... Almas com as mortaldas soltas, suindárias guinchando, jias barrigudas em pé, que nem gente, cada uma do tamanho de uma criança, tudo dançando, e a trovoada batucando que nem caxambu e coriscos fuzilando.

De supetão, com um tiro, a porta do rancho abriu-se, bufando uma lufada de fogo, e Balbina apareceu, nua, com uma cobra enrolada na cintura, dois ossos de defunto nas mãos, um cururu pendurado em cada maminha, os dentes grandes alumando, os olhos lançando chispas, e atirou-se, aos gritos, no meio da sarabanda.

O medo deu com ele em terra, desacordado.

Despertou de madrugada, com o canto do galo. Deus Nosso Senhor não o deixasse sair de onde estava se mentia. Achou-se no meio do pasto, perto de um cupim, e o touro inglês junto dele, deitado, ruminando. A lua dobrava a serra, lá embaixo. Nossa Senhora dos Aflitos! que noite! À negra pouco se lhe dava o que diziam. Não bulissem com ela, o mais... falar? Cada um diz o que quer.

• • •

A chuva alagara o terreno côncavo da grotta. As veredas eram caneiros aglutinantes onde a erva atascava-se acamada, espojando lama ao piso. Um grosso, pastoso tijuco amolecia o terreiro.

A noite parecia mais negra e lúgubre naquele recanto. Piques de lume espetavam a sombra entre as densas folhagens. Contínuo estrilar de grilos, roncarejo monótono de sapos faziam estranho estridor no silêncio.



Por vezes o vento arrufava os ramos; estalidos crebros trepidavam, corriam murmúrios a quando e quando: o mato como que se arrepiava com um sussurro trêmulo. A negra seguia devagarinho, sondando o terreno, receosa de atolar-se. Aqui, ali no lameiro estriavam-se fisgas de claridade ou era um brilho de estrela tremeluzindo na lisura espelhada do atascal.

Junto do rancho era tão profundo o lamarão que a negra, sentindo afundar-se, recuou, deu volta por cima das pedras, agarrando-se às piteiras.

A água do bicame acachoava em enxurrada. Bananeiras caídas formavam tapumes altos.

A choça sofrera com os embates do vento que levava a porta dentro.

Balbina passou de esguelha e, no interior, sentiu o solo espapado, chapinhou em poças, escorregando esparridamente em pastas víscidas. Foi, pelo tino, ao jirau, apalpou-o: estava encharcado. Os panos que pendiam das cordas roçavam-lhe umidamente pelo rosto; os muros tressuavam. Hesitou. “Esse moiado ansim...” Envolveu a criança, deitou-a no jirau, riscou um fósforo e acendeu a candeia. Uma luz triste desnudou a miséria do pouso assolado: o chão lúrido reluzia, e um frio, mais áspero do que lá fora, regelava ali dentro. “Esse não tá bom, não. Criança ansim não vai lá...” Relanceou o olhar em volta com esgares aborrecidos de nojo. Ajuntou gravetos, um pouco de palha seca, e fez fogo. As paredes vermelhejaram, a fumaça espalhou-se rasteira, ondulou mais cheia, subiu em rolo esgarçando-se ao alto.

A criança choramingou. “Ê! Cê agora é qui qué chorá? Tem pacienc’a. Pera um poco. Chuva istragô tudo. Qu’é qu’ocê qué? Tá frio, tá memo, ma tem pacienc’a. Qu’um poco calô vem, dexa fogo pegá.”

Pôs uma lata com água ao lume e, sentindo-a morna, adoçou-a e deu-a ao pequeno, aconchegando-o depois ao colo até





adormecê-lo. Deitou-o e, ajuntando molambos, que tirou de um caixote, acolchoou-lhe um leito agasalhado. “Tá í. Agora drome.”

Então, acendendo o cachimbo, sentou-se encolhida à beira do fogo, imóvel, olhando agudamente a chama, como em fascinação.

Revia a cena dolorosa lá de cima: a confissão, a agonia da mulata, o corpo em sangue, o enterro, Manuel Gandra ordenando o abandono da criança e Deus falando na trovoada. De repente sentiu o sapê estralejar, a porta ringiu, tremeu como empurrada. Voos surdos circulavam, vozes em cochichos, um choro triste que ia e vinha e um frio, um frio...! Aprumou a cabeça à escuta. A criança tossiu, choramingou agitada. E, lá fora, trissos, rastejar de passos frouxos, soídos vagos, estalos de asas.

A negra estremeceu, voltou-se de golpe, ferrenha, como irritada com os rumores da noite. Um momento, de olhar duro, fitou a porta; vagarosamente relanceou a vista pelo teto, por todos os cantos. Soergueu-se, deixou o cachimbo no caixote e, de cócoras, ficou atenta.

Houve um barulho acachoadado como da queda de uma árvore. A negra desvariou assombrada. Um frio de neve gelou-a, arrepiaram-se-lhe as carnes e os cabelos, eriçando-se, como que lhe cresciam aos ímpetos. Encolheu-se resvalando olhares desconfiados. De repente, porém, como arrancada, levantou-se e, ereta, hirta, remoendo as mandíbulas, os olhos alumando, fitou a porta como à espera da aparição.

Avançou um passo duro e bradou em voz rouca: “Cê tá í?” Tiritava, as mãos iam-se-lhe engelhando, aduncas; o coração batia-lhe precipite. Faltava-lhe o ar. “Cê tá í?”

Esperou resposta, ouvindo hiperesteticamente os mais leves ruídos no silêncio.

“É ocê, rapariga? Qu’é qu’ocê qué? Cê tá rondando fio mod’eu? Sussega, eu não fá má criança. S’é pra levá, leva; é mió. Qu’é qu’ele fica fazendo sem ocê? Mundo é mundo, cê sabi; cativoiro tá í.” De

novo, mais áspera, a tosse sacudiu o pequeno. “Oia só. Esse é frio. Frio já intrô nele.”

Agasalhou-o mais, encostou a porta, forçou o loquete e traçou uma cruz no ar como para defender a entrada do rancho, ameaçado pela morta. Esteve um momento parada a escarafunchar a carapinha, pensando. Por fim sentou-se no caixote, tomou o cachimbo, mas os olhos cerraram-se-lhe; bocejou alto, as mãos caíram-lhe nas coxas e, inclinando a cabeça, adormeceu.

No rancho, em silêncio, ao luciluzir mortição do braseiro, surdiram sorrateiramente gordas ratazanas.

• • •

De madrugada Balbina saiu do rancho encostando a porta e foi-se pelos matos a caminho do curral, no outeiro. Seguiu cabisbaixa, casmurra, evitando os lameiros, indiferente à beleza da manhã que alumiaava de ouro a fresca e lustrosa paisagem.

A covanca erma, em silêncio, começava a aclarar-se: as pedras róridas luziam, as folhas largas dos inhames ganhavam uns tons cinabrinos, e a erva, esmaltada de orvalho, fulgia em cintilações faiscentes.

A água cantava perene, em fio claro, entre pedras. Arrufos de voos, pios denunciavam aves. O céu, de um azul fino e brilhante, transluzia, o arvoredado brilhava, e, longe, na orla da serra, flocos de névoa rala esgarçavam-se esfumadamente.

Súbito um ruído esfolou o bananal cerrado, sucederam-se golpes regulares e, logo, fragoroso, o estardalhaço de uma derrubada. Pombos voaram prófugos e, pouco depois, uma negra, com uma penca de bananas verdes, surgiu na vereda atolada em folhagens podres. Esteve um momento parada, como à espreita; por fim desceu, beirando o caneiro, até o bicame. Pôs-se de cócoras e, concheando as mãos, bebeu largamente, a sorvos chuchurreados, lavando a cara, bochechando e metendo os dedos de esfregão na boca. Era Vaca-Brava.



Sabendo que Balbina vivia lá em cima tomando conta da casa de Macambira, dava-lhe no bananal levando-lhe o fruto melhor e, ainda, por maldade, devastava o plantio golpeando troncos, detorando folhas, espezinhando rebentos com fúria destruidora. “Ah! Gente pranta, cuida, sua im cima i nem cumu cosa; essa peste dexa tudu nu mato i oia só: bananera nem podi, cada cacho qui faz gosto. Diabo da curumba!”

E cuspihava, lanhando a faca os troncos, que ficavam a sangrar seiva.

Refrescada, levantou-se, sacudiu os braços, golfou da boca um jorro d’água que ruflou nas folhas e ia tomar a carga às costas quando se pôs de recacho, a cabeça a prumo, o olhar duro e fito, atenta:

– Uai! Choro di criança... A mode quê é. Cê qué vê?! – Ficou à escuta: – É memo. Tem criança chorando aqui. – Caminhou direita ao rancho e encostou-se à porta, meio curvada, imóvel: – É memo. Ê! Tia danada! Isso é mandinga qu’el’anda fazendo, mandinga braba. – Experimentou a porta e, sentindo-a solta, empurrou-a, levando-a de raspão no lodo onde emperrava.

O bafio de umidade e sujeira fê-la franzir o nariz: “Uhm! Fede qui nem chiquero. Cruz!” Abocou para dentro: “Ó de casa!” Silêncio. Então atreveu-se, certa de que a negra não estava.

Um raio de sol insinuou-se pela abertura lustrando o lodo. Dentro a terra úmida, arregoadá, tinha soalhas de luz.

Hesitou, inteiriçada de pavor supersticioso. Balbina podia estar por ali em algum canto com os seus feitiços.

A escuridão parecia-lhe verminada de taturanas, estriada de cobras flamíneas: eram clarões coados das frinchas do teto, das taliscas das paredes que reluziam no solo lutulento. Uma vara de fogo atravessava-se ao fundo, e dela pendia larga teia de aranha trêmula brilhando radiosamente como um sol. Chapinhava em visco.



Pouco a pouco, porém, habituando-se à sombra, foi distinguindo o que a cercava no desmantelo relaxado e imundo da baiuca: panos, caixotes, pilhas de gravetos, ramas e, como a criança choramangava rezingando, guiando-se-lhe pela voz, foi descobri-la no jirau embrulhada em trapos úmidos. Tomou-a atabalhoadamente numa pressa de ladra, saiu com ela à porta, mirou-a ao sol, com espanto. A criança remexia-se mole, de olhos fechados, no encadeamento da claridade.

– Uai! Branco...! Cumu é, genti? Ond'é qu'ela foi achá isso?  
– Descobriu o corpinho envolto em panos sórdidos que tresandavam. É macho. Ficou-se a considerá-lo, pensativa: magro, lívido, lânguido. Qui langonha! De repente, exclamou: Cê qué vê! Foi-se-lhe acendendo o olhar e escancelou a boca desdentada num hiato de triunfo: – Ah! Ess'embelêgo é fio di Lúcia, é memo. Tá ixplicado. É fio di Lúcia. – Repentinamente, embrulhando a criança na traparia fétida, estalou uma gargalhada cruel! – Toma, canaia! Fio di nhô Julinho. Paga, muxiba! Paga, safado! – E rugiu: – Mata u fio agora, mata u fio, curumba, cum'ocê matô a mãe, modi ninguém sabê. Canaia! Canaia! Oia só: branquinho qui nem leite. Abri os oio, dexa vê. – Forçou a pálpebra da criança: – Oio azú... Tá dirêto. – O pequeno esganiçou, mas a negra, frenética, levantando-o nos braços, esfregou-lhe o rosto pelo corpo como a farejá-lo gulosa. – Cê tá í... Cê tá í. Agora quero vê muxiba contá prosa. Agora sim. Tá qui! – E, triunfante, levantou a criança nas mãos, como para mostrá-la ao sol, aos montes, ao arvoredado, à natureza toda numa necessidade perversa de testemunhas para a sua vingança: – Tá qui, tá qui, fio di nhô Julinho. Agora sim, canaia! Agora é qui bamo vê?

E, na alegria feroz, rinchavelhava, sapateava, tripudiando na lama com o pequeno aos bailões nos braços.

Contente da descoberta, antegozando o escândalo, a cabrocha reentrou com a criança e depô-la no jirau refungando de nojo ao cheiro que se desabafava do corpinho lânguido.



Levando a pontapés a trapalhagem espalhada no chão, coscuvilhava afuroando nos cantos, emborcando vasilhas, revirando caixotes, sacudindo molambos. Baratas saíam aos enxames, algumas em voo aturdido, minhocas espichavam-se, coleavam lúbricas, uma fêrvida sevandijada debandava, e a cabrocha, aos muxoxos e resmungos, saracoteava, sapateava com repugnância asquerosa vendo remexer molemente a sórdida vérmina.

Ao choramingar da criança plantou-se diante do jirau, de mãos à ilharga, olhando. Tinha vontade de arrebatá-lo o pequeno, sair com ele por ali fora, mostrando-o a toda a negrada, só para tirar vingança do muxiba. Esganiçou uma gargalhada imaginando a cara de Macambira quando soubesse da coisa. Tanta empáfia, tanta fidúcia com a mulata e estava ali a “poia” do outro. Deu um safanão à saia, sungou a camisa que lhe escorria dos ombros e aprumou-se arrogante:

– Agora sim, quero vê. – Cuspilhou de esguicho e deu volta, de rabanada. À porta, porém, estacou, vendo Balbina que chegava mui de passo, com uma lata à cabeça, um feixe de ervas debaixo do braço. Quis recuar, esconder-se, mas a negra descobriu-a e, reconhecendo-a, rugiu assanhada:

– Cê! Cê aqui, sô diabo! Qu’ê qu’ocê tá cherando ni casa dos otro, muafa? É cachaça qu’ocê tá caçando, vagabunda? Sai já! Sai já pra fora! Ruma! – Encararam-se em atitude de desafio. – Bamo! Bamo! Ruma d’aí, sua ladrona. Ruma! – e agarrou-lhe o braço. A cabrocha livrou-se de repelão, fugiu com o corpo e, investindo de arranque, sem dar tempo à negra de defender-se, atirou-lhe as mãos ao peito derrubando-a. A lata rolou na lama caleando-a de leite, e a velha, escabujando, com um garguitear de raiva, forcejava para levantar-se quando Vaca-Brava, em fúria, atirando-se-lhe em cima, pôs-se a espezinhá-la às patadas, dizendo ofegantemente, em voz surda:



– Cê qui pensa?! Eu ti acabo, burra véia! Eu ti acabo! Quem sabi s’eu sô Lúcia, qu’ocê mato mod’u fio? Cumigu cê tá inganada, sô diabo! – E açacanhava-a. A negra gania espantada em lodo, aos reboleios, com os braços pela cabeça defendendo o rosto. E a cabrocha encarniçava-se a mais e mais, e, como se lhe não bastasse maltratá-la aos pés, agachou-se e, ajoelhando-se-lhe no peito magro, pôs-se a esbofeteá-la, a esmurrá-la às punhadas. Por fim, satisfeita, impando de orgulho, deixou-a como morta e meteu-se pelos matos, a rir, gingando, a arrepanhar a roupa esfrangalhada.

Balbina ficou atirada, sem poder mover-se, até que, lentamente, estendeu um braço como quem desperta, virou-se, sentou-se a custo e ficou largo tempo imóvel, airada, volvendo olhares vagos.

O leite derramado fazia um coalho branco no lameiro. A velha mirou-o com pena e sacudiu a cabeça resignada murmurando: “Tá bom...” Pôs-se de joelhos, ergueu-se dorida e, de pé, com o pano da trunfa desenrolado, estirou os braços magros, dizendo lamurienta: “Noss’Sinhô ajud’ocê. U qu’ocê fez numa preta véia, qui podia sê sua mãe, Deus Noss’Sinhô tá oiando. Vai, sombra d’ocê memo há di vingá eu.” E traçou uma cruz no ar. E manca, coxeando, a amparar-se, entrou no rancho e, lá dentro, de repente, como se os ossos se lhe houvessem derretido, desabou no chão em trouxa, e, estorcendo-se, pôs-se a gemer baixinho.

A criança vagia. De quando em quando, como se a espetassem, esgoelava um grito lancinante, debatendo-se, com a cabeça aos boléus, e recaía no anseio crebro, em ritmo cansado. A negra arrastou-se até o jirau, soergueu-se, apalpou o corpo flácido do pequenito:

– Ê! Ê! Cê memo não vai lá... E esse diabo, inda mai, foi derramá o lete. E agora? Qu’é qu’eu vai dá ocê? – Cobriu-o, e sentou-se à beira do jirau, acendeu o pito e ficou banzando. De repente, como em resposta a um pensamento, deu de ombros. Seguiu Vaca-Brava, via-a a falar à beira do córrego, no quadrado, à porta dos ranchos,

na roça, ajuntando gente para contar o caso, e a notícia espalhava-se pela fazenda e a cabrocha, fanfarronando, diria como a deixara caída na lama, moída a pontapés e murros. Pôs-se de pé, a tremer de ódio, numa necessidade de desforço, mas, ouvindo o grito da criança, revoltou-se e, estabanadamente, tirou-a dos panos:

– Ah! cê tamém... Qu'ê qu'ocê qué?

Pôs-se a niná-la; mas sentiu uma esfolada no sapê do rancho: levantou a cabeça e os olhos encheram-se-lhe de moinha de palha como se o teto se fosse pulverizando. As pancadas sucediam-se em cima no colmado, nas paredes; torrões de barro desprendiam-se. Ela compreendeu: era a molecada que lhe apedrejava a casa. Deixou a criança e, aos trancos, mal se podendo ter nas pernas, saiu à porta vociferando:

– Oia, canaia, cês não bole cum quem tá quieto. – Mas as pedras esfuziavam, batiam no palhiço, frouxas, destorroavam o adobe das paredes, farfalhavam no bananal, e a velha, para não ser alcançada, recolheu-se, fechou a porta, e, na penumbra estriada de sol, junto do jirau onde a criança arquejava, ficou a ouvir o estrondar das pedras e a grita da molecagem que atacava o rancho.

**F**im de tarde estival. Ocaso esplêndido. O sol fúlgido, engastado entre dois cimos, irradiava em leque sobre o redente da serra afogueada. Frondes coruscavam em lumaréus, colinas pareciam cobertas de velocinos. Lampejavam relumes na planície: placas rútilas de poças, discos, estrias d'água; um remanso liso do rio cintilava vítreo espelhando fulgurantemente o fogo vivo das nuvens. Tênuê poeira solar esfumava em purpurina e ouro os longes da paisagem.

Cigarras cantavam assíduas, e, dentre as macegas esturricadas, subia o estrépito dos grilos. Trescalava acre um cheiro quente de terra seca e de ervaçais queimados. Névoas de fumo diáfano rolavam lentas, evoluindo acima das cabanas.

A noite subia vagarosa, serena, empalidecendo o céu onde apareciam, piscando, pequeninas estrelas. As saracuras cantavam nos banhados. Vago, misterioso murmúrio tremia no silêncio como surdina de reza. A espaços, alvoroçadamente, levantava-se o grasnar dos gansos.

Turmas de escravos desciam em filas lentas, coleando pelos caminhos sossegados onde já era escuro e bacuraus piavam.

Chegavam carros. Carneiros arrebanhados descendo resvaladamente as rampas, muito unidos, como que rolavam, dando a impressão de surdos esbarrondamentos. Pontas de gado abeiravam-se das cercas. Por vezes um grito alegre repercutia.



Esbatia-se em violeta o cariz do horizonte, onde as nuvens como que se dissolviam e o perfil da serra e do arvoredo desenhava-se duro, em negror, no fundo do céu macio.

Começava, aqui, ali, o lúgubre coaxar dos sapos. Rolas gemiam quérulas; acendiam-se indecisos pirilampos.

Alumiou-se uma das janelas da casa. A sineta tiniu no quadrado. Ave-marias.

Justamente nesse instante a porteira guinchou estrídula no alto e logo uma récuva sôfrega precipitou-se atropeladamente, ladeira abaixo, sacolejando seirões e fardos. Por último, lerdo, solavancando, um carretão com toldo de esteira.

Tropeiros, arremetendo aos gritos, lançavam os cavalos pelos barrocais ou riba acima procurando cortar a frente ao lote desabrido. Os animais, reconhecendo a “querência”, desembestavam desinsofridos, e era um aturdido tumulto como de comboio em destroço: gritos, pragas, galopes arrancados: um macho que tresmalhara espantado cabritando pela encosta; outro, empacado, de orelhas fitas, mirando, a medo, o valo; vários em magote espremendo-se aos apertões. Era a tropa de Macambira que regressava da Corte.

A fazenda alvoroçou-se com a tumultuosa entrada. Saiu gente ao terreiro; as mucamas afluíram à varanda em grazinada alegre, e no jardim estrondava a algazarra dos moleques.

Manuel Gandra apareceu à porta do escritório, a própria D. Clara, sempre ofegante, enorme no amplo roupão de chita, reboiou curiosa até a cadeira de verga. Era uma festa na monotonia banzeira da fazenda. Por fim Macambira assomou no alto, firme no macho árdego. Esteve um momento parado, destacando-se, a prumo, sobre o fundo do céu ainda claro, com a imobilidade de uma estátua. Vagarosamente, a passo cauteloso, o animal veio descendo, sondando o piso no caminho escalavrado, e o negro sempre direito, como uma figura de bronze, inflexível.

Um molecote, agachado entre os bambus, bradou-lhe: “Lúcia morreu, Macambira.” O negro passou indiferente e, abandonando as rédeas ao macho, olhava ao longe, a fito, como procurando na colina, entre as árvores escuras, a casa do seu enlevo.

A tropa ajuntou-se no terreiro e foi logo uma barafunda dos que haviam feito encomendas – crioulos, negras, mucamas em falario. E os tropeiros azafamados resmungavam repelindo os insofridos e iam desatando as cangalhas, soltando a mulada. Os animais, aliviados, sacudiam-se, deitavam-se espojando-se e, um a um, a passo, ou investindo aos pinotes, cabeça baixa, orelhas murchas, partiam em direção ao pasto.

Acenderam-se candeias, e, enquanto uma turma recolhia ao paiol seirões e fardos, Macambira, com a bolsa a tiracolo, adaga à ilharga e a garrucha no cinturão, subiu a prestar contas.

• • •

O negro caminhava de cabeça baixa, vergado, vencendo lentamente o aclave. Entrou na escuridão das casuarinas, atravessou a cerca de espinheiros e chegou ao caminho liso do jardim, que o luar parecia cobrir de areia, quando um vulto, que descia estabonado, estacou de golpe. Um muxoxo de nojo explodiu e o negro ficou firme, em atitude hostil, reconhecendo Vaca-Brava. A cabrocha desviou-se, atirou de repelão o xale aos ombros e, com uma rabanada, para evitar o encontro, meteu-se pelo gramado, resmungando por entre casquinadas irritantes. Macambira estremeceu e, ainda que tentasse prosseguir, não pôde: o sangue feria-lhe em furor frenético. Voltou-se de ímpeto e, em voz surda, interpelou Donária.

– Qu’ê qu’ocê tá rindo, sua vagabunda? – Uma gargalhada cascalhou.

– Quem não pode co’tempo não inventa moda. Pai di fio... ocê?! Pois sim!... – O negro atirou-lhe uma injúria e ela, já longe, esganiçou: – Tico-tico! Capão! Ocê vai achá a marca, muxiba. – E

ria estridentemente. Ainda que não compreendesse a alusão da cabrocha, Macambira emperrou desconfiado. Instintivamente levou a mão à coronha da garrucha, voltou-se e ficou a olhar, airado, com os músculos da face em crispações de cólera.

– Cá! – rangeu na garganta, meneando com a cabeça. – Inquanto eu não dé uma lição nessa bicha ela não se disengana cumigo. – E ocorreu-lhe, súbita, uma ideia. Cravou os olhos no chão claro conjecturando. – S’eu duvido! Um diabo desses é capaz di tudo. – Pensava na morte de Lúcia, cuja notícia tivera logo ao chegar à Barra. Apertou as mandíbulas rilhando os dentes. “Ah! peste!...” E, caminhando devagar, parando de instante a instante, revia a cena daquela tarde.

O armazém do Narciso regurgitava como uma feira. Fora, a mulada junta e, presos aos esteios, machos de sela, cavalos, burros de cangalha; carretas com os bois amodorrados, uns de pé, imóveis, como adormecidos sob a canga, outros deitados, ruminando; porcos fossando o lodo, cabras, sujos carneiros abadalhocados de grumos imundos, galinhas ciscando em estrumeiras e uma moscaria zoante azucrinando os animais, que não cessavam de espanar as ancas com a cauda, de bater as orelhas, de patejar no enxurdo.

Ele entrou alegre, saudando o povaréu gárrulo: tropeiros, careiros, trabalhadores da linha e o mulherio frascário que andava à gandaia, tudo bebericando, chasqueando num ambiente estonteante de fumo e álcool.

Uma sanfona zagunchava fanhosa. Abeirando-se do balcão, pediu um capilé e o pequeno trasfegava a beberagem em dois copázios quando Narciso, pondo-lhe a mão no ombro, disse, olhando-o de frente, com ar compungido:

– Então lá se foi a coitada, hein?

Ele voltou-se arrebatado:

– Qui coitada?

– Tua mulher. Pois então? Aquilo foi descuido ou, quem sabe lá!, maluquice. Essas raparigas não têm juízo, aí com a barriga à boca e abusam. Eu não me canso de dizer. O resultado é esse.

A fisionomia do negro assombrea-se.

– Mas qu’ê qu’ocê tá parolando aí? Fala duma vez. Qui é?

– Pois que há de ser. – E olhou-o a fito. – Então não sabes? Não sabes que Lúcia morreu? – Macambira estremeceu dos pés à cabeça, baqueando, e, como se o negociante o houvesse ofendido, atirou-lhe pesadamente as mãos aos ombros e, falando-lhe no rosto, em voz arquejada e soturna, com os olhos esbugalhados, chispantes como brasas:

– Cumu é? Qu’ê qu’ocê tá dizendo? Lúcia!? Você tá sonhando, Narciso?

O negociante apelou para um carreiro:

– Pergunta a Romão. – O nomeado, um mulataço bexigoso e vesgo, mal-encarado, virou o codório e, caramunhando, depois de passar o braço pelos beiços e cuspir de esguicho, acenou de cabeça, resmungando: “Hum! Hum!” Outros confirmaram acercando-se de Macambira, que ficou num círculo, relanceando em torno o olhar atônito, como animal acuado.

– Cês qué tomá pagode cumigo – disse com um risinho trágico.

– Pagode?! Uai! Morte é cosa di pagode?

Um velhote acrescentou:

– Lesbão tá í fora. Prigunta.

Macambira rompeu de arranque o ajuntamento e saiu ao alpendre. Efetivamente lá estava o coveiro sentado, pitando com enlevada pachorra. Aquilo, fora, tresandava nauseantemente a lama e a esterco, e o mosqueiro zoava enxameando o ar.

– Tio Lesbão, é verdade memo qu’ocê interrô Lúcia?

O coveiro, um cabra seco, ossudo, levantou a cabeça refoufinhada, tirou o cachimbo da boca e, ruminando um momento com as gengivas sem dentes, depois de olhar Macambira, encolheu

molemente os ombros e, descaindo de busto, com os cotovelos nos joelhos, quedou alheado. “Fala!” intimou Macabira. “Ocê interrô Lúcia?” O velho respondeu de mau humor:

– Havia di dexá à toa, qui nem carniça, não é? Tá lá! – e atirou o braço num gesto vago. Macambira estarreceu-se hebetado, de boca aberta, os olhos lânguidos, mole. As pernas bambeavam-lhe frouxas, e o beíço penso, flácido, descobria-lhe os dentes claros. Esteve um momento a olhar o coveiro, mudo, numa idiotia pungente. Por fim, insistindo, perguntou:

– Morreu? – O outro arregaçou lentamente a calça e pôs-se a coçar a perna magra, escalavrando-a a unhas.

– Morreu di quê, tio Lesbão? Di quê?

– A mode quê foi di parto.

– I criança? Ocê interrô criança tamém?

– Só si veiu junto. – E, acendendo o cachimbo, pôs-se a pintar tranquilo. Macambira tornou ao armazém, encostou-se ao balcão.

– Antonce? – perguntaram. Ele não respondeu, arvoado. De instante a instante arrancava-se-lhe um suspiro do peito. O coração crescia-lhe como uma esponja que se fosse encharcando, faltava-lhe o ar. Tomou um gole d’água, saiu, reuniu a tropa e pôs-se a caminho. Pensou em dar uma chegada ao cemitério, ver a cova, mas era tarde. E ele tão longe, sem saber... Se estivesse ali ela não teria morrido, mas só com a preta velha, coitada! O senhor... não vê que ele ia pagar médico para uma escrava...! nem para a mulher, quanto mais...?

Um raio de luz, batendo-lhe nos olhos, encandeou-o: estava diante da casa-grande. Caminhara sem sentir, distraído na lembrança daquela tarde magoada. As mucamas conversavam no alpendre aos cochichos, aos risinhos. Ele seguiu lento, cansado, até a porta do escritório. Gandra embalava-se na rede:

– Suns Cristo?

– Entra. – Olharam-se em silêncio, a fito. Macambira abriu a bolsa atochada e retirou a correspondência do senhor: cartas, notas de venda, faturas e um maço de dinheiro. Gandra levantou-se preguiçosamente, procurou os óculos, e, abancando-se, pôs-se a conferir o recebido. Contou o dinheiro, examinou as notas de compra e venda e, guardando os valores no cofre, espetou num gancho o resto da papelada. Então, tornando à rede, pediu notícias de Julinho: “Se estivera com ele? Como o deixara? E os correspondentes? Se trouxera todas as encomendas? Que novidades havia na Corte?” O negro respondia em termos breves, cerce, e a angústia crescia-lhe no peito, que arfava. De repente, ajuntando as mãos em súplica, avançou um passo e, curvando as pernas, em menção de ajoelhar-se, exclamou em voz surda e trêmula:

– I Lúcia, sinhô! – O fazendeiro encarou-o um momento interdito; deu de ombros e, pondo o charuto à beira da mesa, suspirou:

– É verdade! Quando Balbina procurou-me já ela estava morta. Uma pena! Rapariga moça, cheia de vida!... Também tu... Se me houvesse dito que ela estava a termo eu não te teria mandado à Corte, tinha aí o Tibúrcio. – Calou-se, logo, porém, olhando-o: – Mas queres saber? isso quando tem de acontecer... só Deus! – O negro mantinha-se cabisbaixo, imóvel. – Agora é ter coragem. A vida é assim mesmo. Que se há de fazer? – Deixou a rede, pôs-se a andar pelo escritório, a esmo, mascando o charuto. – É assim – continuou em solilóquio – umas têm os filhos por aí, no mato, como animais, tomam-nos ao colo, descem com eles e três, quatro dias depois estão frescas, puxando enxada. Outras... é assim.

– E criança, sinhô?

– Nasceu morta.

– I sinhô viu? – perguntou o negro, como desconfiado. Gandra levantou a cabeça de golpe, encarou-o severo, afirmando em tom enérgico:

– Sim, vi! Como não!? Por quê? – O escravo deu de ombros; e houve um pesado, molesto silêncio. O fazendeiro pôs-se a caminhar pensativo. De repente lembrou: – É melhor ficares cá embaixo. A casa, lá, tem estado fechada.

– Tia Balbina saiu?

– Isso com certeza. Ninguém gosta de ficar onde houve defunto. Arranja-te hoje por aqui e amanhã... – O negro interrompeu-o:

– Não, sinhô, eu vou. Tô co'a roupa suada e quero vê aquilo lá im cima.

– E não comes?

– Não tenho vontade. Sinhô não qué mais nada?

– Não. Amanhã.

– Então vancê dê licença. Bênção?

– Vai com Deus.

Macambira saiu lentamente, como vergado a um grande peso, e foi-se, preferindo a escuridão dos caminhos onde o arvoredado interceptava o luar.

As mucamas, no alpendre, chalravam às gargalhadas. Um cão latiu na escada. Sapos saltavam. Vaga-lumes, cruzando-se, acendiam brasas na espessura das moitas.

Chegando às casuarinas, pareceu-lhe que uma mulher de branco estava parada junto à cerca de espinheiros. Olhou a fito, pensando na morta, com a pávida certeza de que era ela que ali o esperava. Mas avançou e logo a aparição resolveu-se no que era: claridade do luar nos ramos.

Insensivelmente, foi apressando o andar. Os passos alargavam-se, aligeiravam-se-lhe a mais e mais, e, no frescor da folhagem, o seu hálito ofegante lufava.

Por vezes, num ramalhado mais denso, abaixava-se, e os galhos sacudidos, abrindo raros, deixavam passar filtrados clarões de lua. Uma cigarra cantou.

O negro começava a sentir a casa, reconhecia certas árvores, certos socalcos e depressões da ladeira. Para atalhar a subida, meteu sofregamente pelo mato agarrando-se a ervas rijas, a troncos, guindou-se por um barrocal a pique, entrando no pomar que rebrilhava no silêncio frio.

Sombras esgueiravam-se ariscas com um farfalho trépido de versas, um voo surdo estuou, houve um frolar de ramas e logo chirrio de ave. E a casa apareceu alva, fechada, alargando uma sombra negra pelo terreiro silente e alumiado. Ele saiu no limpo, parou relanceando o olhar em torno – a terra, embaixo, estendia-se clara, numa solidão melancólica, e a serra longínqua, escura, agarrada ao céu, tinha estrelas nos cimos. O negro esteve olhando, a recordar miudamente, numa espalhada saudade que abrangia céus e terras, o tempo e, em tudo, a morta. Lá estava a acácia do noivado, a árvore das confidências, toldo dos amores felizes. Um banquinho tosco jazia atirado junto à cancela do pomar. Era nele que Lúcia costumava sentar-se, à noite, à porta da casa, olhando, calada e triste, as estrelas do céu, como se pressentisse o seu acabamento trágico. Apanhou-o, pô-lo de pé devagarinho, carinhosamente, como apiedado de o ver em abandono. Caminhou direito à casa, bateu à porta, empurrou-a; bateu de novo, chamando: – Tia Balbina! Silêncio! Deu volta forçando as janelas, a porta do fundo. – Tia Balbina! – Ninguém! Quedou roendo as unhas. A sombra do galinheiro atraíu-o como um ser vivo. Foi até lá, encostou-se às ripas, olhando. Deserto! E o cão? E o porco? Tudo que era vida sumira. As árvores frondejavam com a respiração da noite, subiam ruídos trêmulos dos matos, e o aroma dos lírios pairava suavíssimo. Por vezes uma estrela corria esfiada no ar.

O negro caminhou até a barreira, parou merencório. Uma voz humana, doce, falou docemente entre as árvores, chamou com meiguice: “Psiu!” Ele ficou hirto, à escuta, com o coração aos ímpetos. Era Lúcia! Olhou, certo de vê-la. Como que o luar alumiou



mais claro, em palidez mortal; súbito cerrou-se em luto, mas logo branqueou, mais triste. Quem andaria assim abrindo e fechando a lua? E se a casa se abrisse de repente, iluminada, e Lúcia aparecesse à porta, com o filho nos braços, chamando-o? Teve medo. Um frio gélido arrepiou-o, entrou-lhe no sangue. Os cabelos aspavam-lhe o crânio, a pele arrufava-se-lhe. Coisas saltavam-lhe diante dos olhos: eram pontos negros revolteando, discos de fogo. As ervas ondulavam estranhamente, árvores moviam-se como desenraizadas. Um penedo inclinou-se a pique ameaçando cair, logo, porém, apareceu a prumo, fixo. Houve um riso estrídulo. Ele olhava, e os olhos ardiam-lhe como a um vivo calor de chama. Instantaneamente uma cachoeira atoaçou o pendor da montanha. Foi um momento, e as árvores reassumiram o seu torrão; de novo, porém, a precipitosa alvura d'águas rebrilhou, escachou para desaparecer subitânea sob o negro do arvoredo.

Que seria aquilo? aquelas fantasmagorias? aquelas vozes vagas? aquelas iterações de claridade e sombra, aqueles movimentos de terra e d'águas inexistentes?

Quedou-se atento, relanceando em volta olhares de assombrado, mas dominou-se, enérgico, e, vagarosamente, caminhou para o terreiro. Sentiu como a presença de seres invisíveis, que o rondavam aereamente roçando por ele brandas, finas plumas de asas. Diante da casa estacou, a olhar airado. No silêncio funéreo por vezes trepidava um estralejo. De longe, das águas adormecidas, das úmidas ervagens, lá embaixo, subia crebro, monótono o coxo lúgubre dos sapos, e pelas sombras, incessantemente, era um tremeluzir de lumes que faiscavam e morriam.

O negro continha-se, mas o peito enchia-se-lhe de angústia, oprimia-o, abafava-o; a garganta apertava-se-lhe como em estrangulamento, e o coração, inchando, parecia prestes a rebentar. Parou diante da porta.



Era ali que os dois costumavam ficar, à tarde, ele fumando, ela sempre triste, suspirando presságios. Viu-a como em um relâmpago. De repente, rebentaram-lhe as lágrimas dos olhos, e de pé, hirto, impassível, deixou correr o pranto e, enrolando um cigarro, acendeu-o chupando-o aos haustos. De ímpeto, atirou longe o cigarro, ainda olhou saudosamente a casa, toda branca, o alumiado arredor, a acácia, o pomar reluzindo em brilho metálico aos reflexos da lua, e partiu resolutamente, a passos largos, até a vereda íngreme, esboroadada em escaleiras e carcavões, entre silvas ásperas, deixando-se escorregar de resvalo em rastolhada estuante pela folharia.

Embaixo resfolegou cansado, limpou o rosto e atufou-se até a cintura no alto maçambará, atravessando a pinguela, oscilante sobre a água rasa do córrego, lenta e cintilando em tremulina argêntea.

Pegando o rumo da covanca, seguiu direito ao rancho de Balbina. Entrou no bananal chapinhando no esponjoso rebalço de lodo e folhas podres, que ressumavam. Desceu a barranca onde a calha gargarejava entre as pedras e, saindo no terreiro, viu luz através das fendas do rancho entaliscado.

Chegou à porta sem ruído, empurrou-a de leve e, sentindo-a ceder, passou de esquelha. Balbina, sentada de costas para a entrada, à beira de um lume de gravetos, cujo clarão alumiava bruxuleantemente os muros, tinha tão pendida a cabeça sobre o peito que, vista assim, por trás, parecia um busto de decapitada.

O negro ficou um momento parado, olhando a baiuca colgada de falripas de sapê, com os caibros negros de tisne luzindo como envernizados. Trapos fraldejavam em cordas; pelo chão espalhavam-se em cascalhada, entre burundangas, palhas, folhas secas, bagaços de cana. Fedia, e o fumo acre da lenha tornava o ambiente estético, irritante.



Adiantava-se sutil, rente do catre, quando ouviu um rascar serrilhado. Parou atento, olhando; inclinou-se para ver de perto e distinguiu uma forma viva na trapalhagem sórdida. Afastou os molambos e descobriu o corpinho esquálido do infante, inerte, agitando-se, de longe em longe, em vibrações de espasmo. A espaços saíam-lhe da garganta, em gasnitos, borborigos de dispneia.

Os olhos do negro abriam-se desmesuradamente, pasmados, relumbrando, fitos naquela miséria humana que ia tristemente acabando. Teve um pressentimento. O coração bateu-lhe de golpe num afluxo de sangue, atordoou. As pernas afrouxaram-se-lhe, sentia-se como esvaído. Riscou um fósforo, debruçou-se sobre o jirau e, com a luz bem no rosto do pequenito, em halo, via-lhe a cor pálida, os olhos cerrados, a boca entreaberta e lívida, todo o corpinho frágil, o peito ripado de magreza, o ventre túmido, às upas. Tornou com a luz ao rosto e só via a cor, a cor branca. Aprumou-se ereto, sorvendo a haustos o ar, numa sufocação angusta. A criança nem abria os olhos, um como gemido humilde saía-lhe, a instantes, do peito.

– Véia! – bradou Macambira. A negra estremeceu, voltou-se estremunhada e, dando com o negro, sem reconhecê-lo de pronto, pôs-se de pé.

– Cê quem é?

– Macambira. – Ela estatelou estarecida, com um olhar idiota, a boca aberta. Súbito soprou a candeia que ardia em cima do caixote. Fios de luar zebraram os muros, e o clarão da fogueirinha fez-se ainda mais vermelho.

– Cê apagô a candeia mod’eu?

– Foi vento...

– Vento!?...

– I pra quê luz? Fica assim memo. Lua tá í. Cê quando chegô?

– Que criança é essa? – perguntou o negro de improviso.



Aturdida, a velha não deu resposta, enrolando a trunfa sem atrever-se a levantar os olhos para Macambira, que se conservava imóvel, encarado nela, com o braço duramente estendido, apontando a criança, que agonizava.

– Esse é fio di Lúcia, não é? Fala verdade! Esse é fio di Lúcia? – A velha regougou atônita. Macambira bateu com o pé, rugindo: – Fala verdade?

– Uai! Cê inda qué zangá cumigo? – Tomou a candeia, acendeu-a ao lume dos gravetos e, colocando-a, de novo, sobre o caixote, falou serena: – Dexa, fio: dexa. Morte tá í. Cê não tá vendo? Morte tá í.

Macambira acompanhava com olhar sobrececho a velha que remancheava tomando e logo deixando objetos.

– Esse é fio di Lúcia, não é? – A criança abriu a boca com um estalido seco de descolamento. Balbina cobriu-a, traçou-lhe sobre o corpo o sinal da cruz. O chirrio da coruja arrepiou asperamente o silêncio. – Oia – disse a velha –, morte tá passando.

– Fala! – insistiu o negro, e ela, sempre macia:

– Dexa, rapaz. Noss'Sinhô tá lá im cima oiando. Má qu'a genti faz é aqui memo qui paga. Dexa. Qué qu'ocê vai fazê agora? – Bateu as mãos uma no outra como a alijar culpa e, esticando o pescoço, com o queixo apontado em esporão, disse: – Qui vai fazê? Tá nu céu, penô di mais. Cê lembra tristeza dela? tá í. Senta, Macambira. Não teve curpa, não. Foi nhô Julinho... – O negro vibrou eletrizado, sapateou de furor, e um urro rouco trovejou-lhe na garganta. A velha prosseguiu mansamente:

– Nhô Julinho rondava ela... moça, bonita... Ela sempre de cara fechada, dando pra trás. Mas uma vez, di tardinha, quasi na véspera du casamentu, ali junto da figuera, nu caminho do açude, ele armô ispera. Lugá deserto, ela só, cumu vai fazê? Ele garrô ela, fez u qui quis i foi s'imbora. Ela podia contá sinhô, mas pra quê? Cê não lembra Lucinda? Sinhá ficô qui nem jararaca, inda mandô





surrá rapariga, largô dipois à toa até Mangalô fazê u qui fez. Quexá pra quê? A ocê sim, a ocê ela divia tê contado, ma ocê sabe: medo, vergonha. Escravidão é assim memo. Genti não vali nada, anda nu mundu à toa, qui nem foia n'água. Qui vai fazê? Sinhô manda. Cê memo, cê vira contra sinhô? Ele manda, ocê faz; cê memo, fio di Munza. Cê não tá í, cativo, quanto mais ela coitada! – O negro resfolegou alto. – Lúcia era boa di coração, Macambira; quiria bem ocê; rapariga séria. Eu vi. Foi mardadi di nhô Julinho. Cê não magina quand'ela mi contô – tava já nas úrtima: sangui correndo, ela sem sinti, chorando e falando, chorando e falando; i jurou. Tamém não disse mais nada, foi qui nem cunfissão.

O negro abateu à beira do jirau, sentado, inclinou-se com os cotovelos nos joelhos, a cabeça nas mãos, e ficou imóvel, apenas as pontas dos pés batiam nervosamente.

– Dexa, Macambira, Noss'Sinhô tá oiando. – Chegou com a candeia ao rosto da criança, viu-lhe os olhos entreabertos, encostou-lhe a mão ao peito, apalpou-lhe as faces, roçou os dedos pela frente onde os fios penugentos de cabelo punham um reflexo dourado e afastou-se vagarosa. – Oia, Macambira, sai d'aí, criança cabô. – O negro levantou-se, lançou um olhar ao pequenino cadáver e foi sentar-se perto da fogueirinha.

Aproximando o caixote do jirau, Balbina pôs-lhe em cima a candeia para alumiar o defunto, e suspirou como aliviada. Macambira raspava lentamente a frente com a mão espalmada, os olhos pasmados no lume. As mandíbulas, duramente aperradas, esmoíam cólera; por vezes, fechando os punhos, metia-os pela barba, a finco. A sua respiração era lenta, espaçada, e lufava. De repente, pôs-se de pé, dobrou-se para trás, retesando os braços, e, sem uma palavra, paulatino, seguiu para a porta. Abriu-a largamente fazendo-a estalejar, e todo o rancho estremeceu, frágil, como a um abalo da terra.

– Ond'ocê vai?





Saiu sem responder. Fora, o ar da noite, puro e frio, envolveu-o como em umidade. Levantou os olhos para o céu e ficou como enlevado no luar. A água da calha cantava na sombra, e tudo mais era quiete. Raro, de longe em longe, um soído na erva e trépido, como um latir longínquo, que era o grasnar das rãs e das pererecas nos aguaçais. Relanceou a vista em torno como à procura de um ser vivo naquela imensa inércia que o luar alvo amortalhava. Caminhou.

– Ond’ocê vai, fio di Deus? – perguntou Balbina aparecendo à porta do rancho. Mas o negro já ia longe. Entrou no capinzal, surgiu adiante, num chão liso, desapareceu por fim no coqueiral cujo palmar, muito unido, rebrilhava cintilantemente como um aqueduto abundante corrido sobre colunas.

• • •

Sentado no patamar do escritório, ainda lerdo de sono, um moleque segurava as rédeas do Pampa quando Macambira apareceu em tal desalinho, tão demudado de feições que parecia ter vindo de esforçado trabalho ou de luta renhida. O pequeno levantou estremunhadamente os olhos ramelosos e, estendendo a mão engelhada, murmurou: “Bênção!”

O negro não deu resposta e entrou. Uma mulatinha, que arrumava a secretária, suspendeu o serviço espantada da arrogância do parceiro que olhava do alto, carrancudo, relanceando a sala:

– Quedê sinhô?

– Tá lá dentro. – No mesmo instante, porém, houve um tinir de esporas e Gandra assomou à porta interior, de branco, botas de couro cru, relho ao punho e o largo chapéu de palha com que saía à roça. Dando com o escravo, parou, vagarosamente acendeu o charuto, e, lento, mirando o negro de olhos cerrados, perguntou secamente:

– Que há?





Macambira encarou-o altivo, e o fazendeiro, sentindo o furor que lhe acendia chamas no olhar, logo o atribuiu ao caso de Lúcia. Despedindo a mucama: – Vai-te embora! – Encostou-se à secretária, cruzou a perna e encarou o negro. – Que há? – Macambira não tinha sossego, virando, revirando a cabeça, retorcendo as mãos, mordendo os braços, mascando como animal árdego que tasca de-sensofridamente o freio, Gandra, impassível, esperava a explosão. De golpe, num jato, em voz surda, o negro perguntou:

– Sinhô viu fio di Lúcia? – Gandra franziu o sobrolho, trincou o charuto sem, contudo, denunciar irritação e serena, pausadamente, respondeu:

– Vi.

– I antonce? – Cruzou violentamente os braços, com um ruído cavo de peito largo. E encararam-se mudos. Gandra tirou o charuto da boca, sacudiu-lhe a cinza e disse em tom macio:

– Olha, eu podia responder-te como costume... – Fez uma pausa, olhando do alto, a fito, e ordenou em tom seco: – Tira o chapéu. – Só então Macambira se apercebeu da falta de respeito e, humildemente, vexado, descobriu-se. – Eu podia mandar-te embora – continuou o fazendeiro –, não o faço porque vejo que não estás em ti e porque, até hoje, tens sido um bom rapaz. Se eu soubesse do que tinha havido com Julinho, teria sido o primeiro a prevenir-te. Quis que te casasses com a rapariga porque sempre a tive em boa conta: quieta, direita, trabalhadora, a mulher que te convinha. Mas eu não ando aí pelos matos, não me meto com essa súcia, e isso de mulheres quando se desencaminham nem Deus as guarda.

– Mas foi nhô Julinho, sinhô.

– Qual nhô Julinho! Quando a mulher não quer não há homem que a vença. Metem-se na calaçaria e, se apanham barriga, aqui d’El-Rei, botam a boca no mundo! que fulano fez e aconteceu.



Ninguém força mulheres. Ou vão por gosto ou ninguém as leva. Esta é que é a verdade, e tu sabes.

– Ela contô tudo a Balbina, antes di morrê, sinhô. Foi nhô Julinho. Sinhô sabe: nhô Julinho não gosta di mim, vive sempre cum pirraça, inticando. Não foi tanto por ela, foi mais mode mi fazê má, tanto qu’ele esperô u pedido di casamento i só depois dela noiva foi que ele abusô.

– E ela? Por que não te disse? Quer dizer que, se não houvesse ficado grávida, teria abafado a pouca-vergonha, não é? Quem a denunciou?

– Noss’Sinhô... – murmurou o negro.

– Qual história! Enganou-te, pagou. Está morta, que mais?

– E eu, meu sinhô? Nhô Julinho não gosta di mim, tem ojiriza cumigo, vancê sabe. Ele fez isso só pra mi fazê má. Tanta muié aí à toa i havia di sê Lúcia, depois di noiva? Vancê não tá vendo tenção? Mode quê?

– E ela! – explodiu Gandra. – E ela, por que não te disse antes? Então a desonra foi o filho, não a patifaria? História: são todas da mesma laia. Uma canalha! Só mesmo a chicote. – E, lembrando-se da ordem que dera a Balbina, e que não fora cumprida, rugiu entre dentes: – Aquela burra vai ver! Vai ver! – O negro removeu fulo, meteu a mão pelos cabelos, repuxou a barba em estuo de cólera. Gandra passeava: – Tudo uma corja! Piores que porcas!

– É, meu sinhô, é assim memo. Branco é branco, eu já sabia; negro não tem nada, muié di negro é di tudu mundo. Nhô Julinho fez bem. – Ficou cabisbaixo, ruminando. De repente, em voz decidida, impôs: – Então vancê vê minha carta, diz quanto é, eu pago e vou-me embora.

Gandra aprumou a cabeça e, de ímpeto, o olhar faiscante, os lábios lívidos, atirando uma relhada à secretária, rugiu, batendo as palavras entre os dentes cerrados:



– Vais-te embora! – e avançava contra o negro encolhido, ameaçando investida. – Vais-te embora! Então isto aqui é rancho ou que é? Eu estou aqui para ouvir intimações ou para dar ordens? Com quem estás falando?

– Eu não tô intimando, meu sinhô... Mas meu sinhô sabe... – tartamudeou o negro. Gandra ainda repetiu no estuo da cólera:

– Com quem estás falando?

O negro explicou-se humilhado:

– Meu sinhô sabe... essa gente toda não gosta di mim porque meu sinhô mi trata bem, tem confiança im mim. Agora, com isso, meu sinhô vai vê: toda a gente vai tomá pagode, i um homem tem sangue. Eu não quero fazê uma desgraça, respeito meu sinhô i a casa, mas a gente tem sangue.

– Quem é que te falta com o respeito? Quem é? Se alguém te disser ou fizer alguma coisa, eu estou aqui. E acabemos com isso. O que passou passou. – De novo lembrou-lhe a velha Balbina, culpada de tudo, por não haver enjeitado a criança, como lhe fora ordenado. Aquela burra! Voltou-se para Macambira: – E onde está a criança? Onde a viste?

– Criança morreu. Tá lá nu rancho di Balbina.

– Está lá, hein?

– Tá sim, sinhô.

– Pois sim. – Rilhou os dentes. – Pois está tudo acabado. Vai tomar conta do serviço e, se alguém bulir contigo, vem dizer-me. – Macambira retirou-se de cabeça baixa, e Gandra pôs-se a medir o escritório a lentas passadas, sacudindo nervosamente o relho. Súbito, numa resolução, saiu, montou a cavalo partindo a galope direito às casuarinas.

• • •

Macambira caminhava a passo, abstraído, deixava-se ir como um sonâmbulo, seguindo instintivamente os volteados caminhos, por entre ramos que gotejavam. A manhã reluzia, fresca e

balsâmica, e pelo ar luminoso, de uma transparência de espelho, eram voos felizes e sons de trabalho: rinchos de carros, rangidos ásperos de serra, marteladas e soturno, monótono o bater de um pilão sob o telheiro, na aba da cozinha.

O negro descia resmoneando, gesticulando. Por vezes parava cabisbaixo repuxando um galho de árvore, arrancava folhas e ficava a enrolá-las sorrindo ou de cenho fechado.

Vozes, risos partindo do bambual tiraram-no do pensamento ferrenho. Levantou a cabeça – era um rancho de mucamas, toalha às costas, cabelos soltos ou refoufinhados, brilhando d'água. Vinham em pagode, aos empurrões, à risota. Sentindo-se, porém, observadas, retraíram-se, sérias, cochichando, às cotoveladas umas às outras. Mas uma voz rouquejou entre elas:

– Ah! Já ocês começa co'medo. Medo di quê? Antonce a gente não podi ri? Uai! Quem mandô? Cês já viram cajuro dá banana? Antonce? – E um muxoxo explodiu. Macambira estacou reconhecendo Vaca-Brava. Era a cabrocha que fanfarronava no meio das mucamas.

Como para afrontar o negro, adiantou-se ao bando, apanhou no chão um galho seco e, agachando-se, de mãos nos joelhos, desatou a rir. As outras não se contiveram e espocaram à gargalhada, correndo, ladeira acima, com as toalhas palpitando ao vento que nem asas. Vaca-Brava ficou isolada e, vendo as companheiras longe, bradou-lhes:

– Cês fugiu pra ri? Uai! Sinhô não se importa qu'a gente ria quanto mais... – O negro arfava seguindo, com o olhar em fogo, os movimentos da cabrocha. De repente, arrancando-se de onde estava, a passo largo e decidido, enfrentou-a interpelando-a com desabrimento:

– Cê qué tomá pagode cumigo? Qué? Cê tá mangando? Diz! Cê não s'imenda memo, sua porquera? Qué qu'ocê tem di ri?



A negra encarou-o, mediu-o dos pés à cabeça retorcendo os beijos com desprezo:

– Qui é? Qu'é qu'ocê tem qu'a gente ria? É da tua conta? Ora...!  
– e deu de ombros.

– Cê tá rindo di mim, cê i essas biraias da tua iguala. Diz: é di mim?

– Sá gente ri é purqui tem di quê.

– Cumu é? – indagou em tom de fúria, corcoveado e, sem mais, abotoando-a pela camisa, sacudiu-a aos sacalões, rasgando-a, e a cabrocha, aos boléus, injuriava-o, cuspia-o, mas, atingida por uma bofetada, atordoou, perdeu o equilíbrio, rolando sobre um canteiro. Macambira levantou o pé, e tê-la-ia açacanhado se ela, coleando com ligeireza de cobra, não escapasse ágil insinuando-se no bambual. Então, acovardada diante da cólera, cada vez mais incendiada, do parceiro, ameaçou-o:

– Cê bati eu grito sinhô. Cê não bati... – E encolhia-se, escudando o rosto com o braço, a recuar de rasto. O negro mirou-a com desprezo e, chegando-se-lhe muito perto, curvou-se e disse-lhe com a voz em silvo, um dedo hirto, quase a espetar-lhe a cara:

– Oia, cê vai inchendo, vai inchendo até um dia. Tanto faz cadeia cumu senzala, tá uvindo? Assunta bem no qu'eu tô dizendo. Eu t'estripo! Eu t'acabo c'a raça! Vai rindo! Porquera!

A cabrocha levantou-se e, compondo a roupa estraçalhada, meteu-se por entre os bambus. O negro rilhava os dentes vendo-a seguir. E ela resmungava:

– Já viu m'a cosa ansim? Gente vem seu caminho sussegado e um perrengue desses, porque tá di calundu, implica dessa manera. Diabo du tripa murcha! Quem mandô? – E, já longe, voltando-se arremangada: – Cê tá azedo? Pois oia, quem fez cama não fui eu. Qué batê? Bati ni nhô Julinho, ni mim não, que nem tenho nada co' peixe. Diabo do muxiba! Pelanca só i qué fazê di genti.



O negro atirou uma patada ao solo, bramindo, de punhos cerrados:

– Cê cala essa boca, vagabunda. Oia qu’eu ti pego?

– Pega nada! Bati ni nhô Julinho. Quem mandô cumê resto? Cê n’é valentão? Bati ni nhô Julinho. – E foi-se, gingando, a apartar os ramos às braçadas. Ele não se tirou do lugar, olhando, como encandeado. Então pareceu-lhe que tudo, em torno, entrava na assuada aviltante: a aguazinha do rego, serpeando em meandros, estribilhava hflare; as folhas pareciam convulsionadas de riso, tremendo nos ramos à aragem; e eram aves que remontavam, desciam, descrevendo círculos, chilreando como se o apupassem, borboletas em voos zombeteiros roçando-lhe quase o rosto; um beija-flor pairou tão perto, com um ruflo de troça, que ele, instintivamente, desviou a cabeça e enxotou-o; calangos fugiam ágeis, rastolheiros, como se também o houvessem chasqueado e, medrosos da sua fúria, corressem a entaliscar-se; um bem-te-vi troteava no topo de uma palmeira; o próprio sol, lá em cima, rútilo, tinha esgares sarcásticos. Era tudo. Ele relanceava olhares esgazeados, remoendo ideias de vingança, pensamentos de ódio. Sentia o peito tímido, harto, o sangue pulsando a estos; um fogo incendiava-lhe o rosto, queimava-lhe os olhos; os ouvidos atroavam zoeira. Voltou-se para a casa dos senhores, clara ao sol: lá estavam as mucamas na varanda, rindo. Biraias! Meneou com a cabeça e, cruzando os braços, vencido, desceu vagarosamente, pensando:

“Ah! reino d’África, gente negra, guerreiros dos palmares...! Fosse lá! Como aquilo tudo ficaria, numa hora para outra, com os devastadores de aringas! Um mundo de gente desapoderada, arrojando-se aos tropelões pelos caminhos, saindo de ímpeto dos matos, resvalando pela encosta das barreiras, gente de guerra, com cocares na grenha, brandindo armas, mulheres aos ganidos, correndo em fúria, com os filhos enganchados à cinta e azagaias

em punho, feras fremindo e nuvens de frechas silvando; a casa cercada, assaltada, invadida de roldão, com estrondo; portas fendidas a machado, paredes derrubadas, e a turba, em sanha frenética, apinhando-se no delírio do excídio, patejando em sangue e escombros; e o fogo, por fim, labaredas altas, rubras, envolvendo a casa, lambendo o ar, expluindo de rolos de fumo espesso; e a grita triunfal dos negros nus, o som rouco das buzinas, o tripúdio selvagem em volta do incêndio onde estralejavam caibros e estouravam corpos como lenha verde nas fogueiras de S. João. E ele, senhor de tudo, dono da terra, rei! espalhando gente por campo e monte, pondo guardas nas estradas, sentinelas nos coqueiros e arrasando, incendiando, vingando a raça, o seu reino, Munza, o seu ódio e o sofrimento secular d'África.”

Enlevado no sonho sorria transfigurado e o sol punha-lhe no rosto rebrilhos como de bronze. Sacudiu nervosamente os braços acima da cabeça num gesto de triunfo, aclamando o seu povo. Ficou extático; pouco a pouco, porém, reentrando na realidade, deixou pender a cabeça, quedando imóvel. Logo, porém, reagindo, pôs-se firme, com um ricto bravo; cravou os olhos na casa senhorial, depois, numa volta rápida, lançou a vista para a colina. Lá estava a sua casinha deserta, branca como uma nuvem, entre o arvoredo lustroso. Pôs-se a caminho.

Passou pelas casuarinas, entrou no campo. Um cavaleiro apontou ao longe: era Manuel Gandra. Reconhecendo-o, o negro meteu-se no mato acocorado, à espreita, o ouvido atento. O sangue afluiu-lhe à cabeça: teve ímpeto de saltar ao caminho, agarrar o freio do cavalo, derrubar o senhor, estrangulá-lo ali mesmo; mas o animal passou muito faceiro na marcha esquipada, com o fazendeiro direito na sela, segurando o relho fincado na coxa. Levantou-se e saiu e, repuxando lentamente a barba áspera, arrependeu-se de não haver ousado o assalto.

O campo estava deserto e cheirava a calor. Longe, à beira do córrego, um velho boi pastava. Anuns piavam voejando de galho em galho. Seguiu direito à covanca.

O rancho era ainda mais miserável à luz do dia – viam-se-lhe toda a arruinada pobreza e a imundície. A porta estava aberta. Entrou. Dentro, a penumbra tinha rasgões de sol e um cheiro azedo e úmido. Pouco a pouco, os objetos foram ressaindo como se surgissem do escuro, a sombra tornava-se transparente: lá estava tudo; o jirau, o caixote, as prateleiras, panos em cordas, o brasido morto, em cinza. Um ofego, quase gemido, arquejava angustioso. Ele olhou buscando em torno.

– Véia?

– É ocê, fio? – A voz saiu de uma trouxa que jazia a um canto.  
– É ocê, Macambira?

– Qu'é qu'ocê tem? Tá gemendo?

– Foi sinhô. Sinhô veio aqui, bateu eu, pisô. Tá cega, fio. Mode quê vasô vista. – Macambira pôs-se de cócoras perto da negra, toda enrolada em molambos, e, tateando, tocou-a. Ela tomou-lhe a mão, levando-a à frente. O negro teve um arrepio, sentindo uma protuberância úmida.

– Esse é sanguei?

– É.

– Cê não vê?

– Não vê, não. Sinhô rumô modi criança; mandô interrá. Cê foi dizê... – O negro teve pena e, esquecido de si, pela piedade que lhe inspirava a velha, que era a sua raça, a história viva do seu reino, levantou-a e, quase nos braços, foi levando-a devagarinho para o terreiro. À luz do sol, a negra encolheu-se, baixou a cabeça, tapando os olhos com as mãos.

– Dexa vê.

– Dói, fio. – Docemente, porém, ele afastou-lhe as mãos e descobriu-lhe a frente em sangue tumefacta, encalombada e, sobre

os olhos, em pasta, sangue e terra. Guiou-a até a calha, sentou-a em uma pedra:

– Oia, lava aí. – A velha curvou-se e, estendendo à água as mãos em concha, pôs-se a banhar a testa, os olhos. Levantou, por fim, o rosto deformado e, forçando as pálpebras inchadas, entreabriu-as pesadamente.

– Tá vendo?

– Tá. – E voltava a cabeça de um lado para outro, afirmando a vista. – Vê, sim.

Houve um silêncio.

– Criança morreu memo?

– Morrê.

– I antonce?

– Sinhô mandô interrá lá im cima, ni cafezá véio. Cê qué í pra mim, Macambira?

– Vou.

– Antonce junta tudo. Leva já. Sinhô achando ele aí... uhm! – O sangue expluiu de novo, escorrendo para os olhos. Inclinou-se à calha e, lavando a ferida, recomendava: – Imbruvia num pano i vai. – Macambira entrou no rancho, apanhou o cadáver frio, embrulhou-o em trapos e saiu.

– Onde tá inxada?

– Oia aí perto da porta. – Lá estava. Tomou-a, sobraçando o fardo fúnebre, enxada ao ombro, onde recomendou à negra:

– Vai lavando firida i depois botá vum-vum-vum. Foi só na testa. Eu vou indo.

– Vai cum Noss'Sinhô.

– Té logo.

– Té logo.

• • •

O cafezal velho esmarria num lançante de morro de terra seca, exausta, afogada pelas formigas. As árvores excídias, de galhos



avareitados, pareciam raízes invertidas; aqui, ali resistia ainda uma folhagem verde, mas enredada de ervas parasitas; e o mato exuberante alastrava afogando os troncos. Altas gramíneas penachudas esfiavam paina ao vento, e o sapê cerrado, denunciando a anemia do solo fatigado, flexuava crepitando como a um fogo latente.

O negro metia-se pela coivara viva evitando os claros para que o não descobrissem, e procurava um sítio escuso onde fizesse a cova quando, voltando-se, avistou, na colina fronteira, a sua casinha. Ficou a olhar enternecido, com o coração aos embates, recordando o que passara, os dias de ventura na traição.

O sol queimava, e, embaixo, toda a campina rasa como que expirava um fluido trêmulo através do qual tudo vibrava, como em paroxismo.

Árvores, floridas de amarelo e roxo, manchavam alegremente a mata, e, ao longo do córrego cintilante, os lírios lânguidos estendiam duas orlas alvacentas.

Os caminhos reticulavam a campina, subiam pelos outeiros em fitas coleantes, e ele reconhecia-os, sabia-lhes o rumo e entrava por eles em pensamento até ranchinhos de parceiros, tejupares de roça, fontes entre inhames e samambaias, grotas e culturas.

Lá longe, no azulado da distância, era a Barra, e além, alta no horizonte, a serra dos mocambeiros. Subiu mais.

A terra mole, solta, corria-lhe esfarelada sob os passos ou os pés se lhe afundavam em cômodos balofos de onde saíam aos borbotões formigas assanhadas. Bojudas casas de maribondos formavam negros tumores em galhos, ninhos pendiam em corbelhas ou entalavam-se em forquilhas de ramos. Por vezes, fugitivamente, um lagarto restolhava arisco ou era um rápido esfiar de cobra insinuando-se no capinzal. Por fim, num limpo, escondido por um cerco de árvores, pousou o fardo e pôs-se a cavar.

A terra cedia, friável como areia seca, e, em pouco, com esforço fácil, a cova estava aberta, larga e funda bastante para o pequeno corpo.





Então desembalhou o cadáver, descobriu-o e, de cócoras, ficou-se a mirá-lo. Parecia de cera, engelhadinho, com a face manchada de roxo, as mãozinhas enrugadas como de frio. Cheirava a azedo, e da boca entreaberta esputava, em fio, um muco diáfano. O negro lembrou-se de Lúcia e recompôs lascivamente o crime do senhor moço, a infâmia contra a sua honra, a viltá covarde, lá embaixo, na sapopemba da figueira-brava. Assim se fizera aquele corpo que ali estava. E os olhos abriram-se-lhe fitos no cadáver, como à espera de um prodígio.

As formigas chegavam metendo-se pelos trapos úmidos e fétidos, já percorriam o corpo inerte, explorando-o. Ele enxotou-as; voltaram em maior número, entrando pela boca exsudante, pelos ouvidos, fervilhando em volta dos olhos vítreos do defunto. O negro irritou-se e, com um molambo, sacudiu os insetos contumazes. Tomou, então, o cadáver, depô-lo no fundo da cova e, com as mãos, empurrou a terra, cobrindo-o.

Aplainada a cova, bateu-a com a enxada, depois, para que não ficasse vestígio, puxou folhas secas e galhos, espalhou-os em cima e levantou-se. Doía-lhe o dorso, e o sol, dando-lhe em cheio, fazia-lhe reluzir o rosto suado.

Olhou em torno assegurando-se da solidão, depois plantando-se sobre a cova, pôs-se a sapatear em cima, calcando-a, para que os tatus não a profanassem. Concluída a tarefa, raspou o suor da fronte, tomou a enxada e desceu.

A notícia do “filho branco” espalhará-se rapidamente levada pelos negros da Cachoeira, e nas vendas das estradas, nos negócios, desde a Barra até Vassouras, o caso fez rumor. No armazém do Narciso, durante muito tempo, constituiu o assunto das conversas. Uns riam, outros revoltavam-se: “Que se Macambira era negro de vergonha aquilo que não ficava assim. Patifarias tais precisavam de um exemplo que servisse de emenda.” E vinham à baila outros escândalos:

– Mas que é pior? Isso ou o que se deu na Varginha? Lá foi a sinhá moça que tisonou o filho.

– Pois sim, mas o negro acabou no tronco e castrado.

– Ora! Mas comeu do bom... Mais vale um gosto, meu amigo...

E cada qual, sabedor dos segredos daquelas terras, referia um fato de remate trágico: infanticídios, casamentos arranjados à pressa, a peso de ouro, mortes súbitas de senhores e desaparecimentos de pajens, torturas de mulatas, como a Claudina, de Santa Fé, a quem a senhora mandara arrancar todos os dentes a torquês só porque o senhor os achara lindos; a paixão desvairada e cínica de certa fazendeira viúva, já murcha, que se amasiara com o cocheiro, mandando matar a vergalho um chinota por havê-la encontrado em colóquio com o crioulo.

Na fazenda comentava-se o caso à boca cheia: na roça, no quadrado, na cozinha, nos ranchos, de dia e de noite, à risota ou surdamente, com ódio ao branco.

– I criança?

– Uai! Não vê qu’havia di ficá aí! Prugunta Barbina, cumedera di genti.

D. Clara, no meio das mucamas que costuravam, defendia o filho:

– Tudo é Julinho. Julinho é pai de curral. Vão ver que foi algum desses porcarias de mascates que andam por aí e atiram a culpa pra cima de meu filho, coitado! Umas sonsas! Pensam que não sei? Por uma peça de fita à toa ou por um maço de grampos estão aí se metendo com o primeiro carcamano.

– Ah! sinhá... vancê também.

– Ah! o quê!? Pois se foi ele fez muito bem. Agora um negro daqueles casar com uma rapariga que podia ser sua senhora... Onde já se viu isso?! Era mesmo para ela ter nojo – e cuspihava com esgar de enjoo.

– Pra que casô?

– Casou porque Manuel quis. Eu nunca vi Lúcia mostrar inclinação por Macambira, nem por ninguém. Era aqui em casa, metida com as suas costuras, de noite lendo pra gente, brincando. Nunca foi rapariga de pagode.

– Isso é verdade – confirmavam as mucamas.

– Pois então? Mas também obrigarem uma rapariga limpa a emporcalhar-se com um negro era mesmo para uma coisa assim. Não foi por meu gosto que ela casou, isso não foi... Enfim...

Vaca-Brava trazia a negrada em alvoroço espalhando novidades sobre o negro:

– Muxiba anda di crista caída qui nem piru di gogo. Perdeu a proa. Barba, oia, tá ansim – e apinhava os dedos –; cabelo qui nem bassora. Deus não dorme. Tá í nu qui deu impáfia di rei. Eu só quero vê o pimpão quando nhô Julinho chegá. Sinhô memo a mode quê já virô candeia co’ele. Bicho anda jururu i sirviço tá í parado. Tibúrcio agora é qui tá di cima. Eu não jurei à toa, uai! Inda hei di

vê aquele cascão ali nu duro, puxand'inxada nu cafezá. Só si não há Deus no céu. Ora! – E ria com sarcasmo cruel.

Efetivamente Macambira andava arredio, sempre pelos matos, banzando nos caminhos. Raro em raro aparecia em casa para falar ao senhor, ficava à porta do escritório, cabisbaixo, à espera, e, ao ver Manuel Gandra, adiantava-se estendendo a mão, com um murmúrio humilde. O fazendeiro respondia carrancudo e passava deixando-o esquecido.

Uma manhã Tibúrcio, chamado ao escritório, saiu a correr, vestiu-se, encilhou um animal e partiu para a Barra. Logo se soube que o crioulo fora levar cartas e fazer pagamentos. Era a destituição de Macambira. As mucamas, instigadas por Vaca-Brava, interrogaram a senhora: “Se era verdade que Tibúrcio estava em lugar de Macambira?” D. Clara pasmou boquiaberta, as gordas mãos espalmadas no ventre:

– Não sei, gente. Quem disse?

– Uai! Pois quem faz agora os recados de senhor é Tibúrcio.

D. Clara perguntou ao marido, e Gandra deu de ombros, respondeu azedo:

– Sim, o negro anda apatetado, a falar só, não me aparece, sempre metido nos matos, muito relaxado. Deixá-lo! Parece até que deu em beber. São todos assim. Muito bons até certo tempo, de repente desandam e acabou. Se não endireitar, passo-o adiante. Depois, chega de aborrecimentos, não quero histórias aqui em casa: mexem com ele, Donária principalmente, e pode haver alguma coisa. Chega!

À noite toda a fazenda repetia as palavras de Manuel Gandra, e Vaca-Brava exultava com a resolução do senhor.

– Isso memo é qui sinhô devi di fazê. Negro é pra trabaí i não pr'andá malucando pur aí, assombrando a genti di noite.

Deu-se, porém, uma reviravolta na fazenda: as velhas africanas tomaram o partido de Macambira, e uma noite, como a cabrocha

entrasse na cozinha, dizendo que topara com o muxiba perto do engenho, falando só, Joana Benguela, uma gigante, de gênio arrebatado e força de homem, saiu-lhe à frente ameaçadora:

– Cala essa boca! Cê divia tê vergonha i não falá tanto. Cê acha dirêto u qui nhô Julinho fez? Cum'ocê é di tudu mundo pensa qu'us otro é cum'ocê. Aduladera! S'ocê tivesse vergonha na cara nem tocava ni nome di Macambira.

As velhas concordaram, e a cabrocha, surpreendida da reben-tina, relanceava os olhos pela cozinha escura, alumuada ao centro por um fuliginoso lampião de azeite, com o fogão vermelheando ao fundo como uma forja.

– Antonce faz má falá?

– Faz, sim! – rugiu a Benguela. – Cê é negra, dexa d'andá punindo pr'us branco... Não podi falá, cala a boca, faz cumu nós... S'ocê tivesse fia, ocê havia di sabê, mas barriga di burra é ansim memo: ronca só. – A cabrocha voltou-se de safanão, atirando o xale aos ombros, e saiu resmungando; e Joana, dirigindo-se lentamente para o fogão, a escorvar o cachimbo, concluiu: – Negra ruim! – e atitou com a língua no céu da boca.

– É ansim memo – concordaram as outras. – Cê é qui diz verdade.

E assim se foi fazendo, entre os malungos, uma forte corrente de simpatia por Macambira, e os que dantes riam e troçavam o companheiro entraram a lamentá-lo, com ódio aos brancos e às mulatas da “panelinha” deles.

O negro, porém, amazorrado, evitava os parceiros, retraía-se se encontrava algum no seu caminho. Magro, fulo, a grenha inculta, a roupa em desalinho e suja, pouco andava de dia, e os que o descobriam, a distância, logo o perdiam de vista porque ele afundava nos matos ou sumia-se nas grotas, arisco como quilombola.

Às vezes, à noite, aparecia luz na casa da colina, espalhava-se a notícia, saía gente a ver, negros ajuntavam-se no terreiro olhando, conjecturando:

– Macambira tá lá im cima.  
– Não vá ele tá matutando a’guma cosa...  
– Quá nada, coitado! É saudade. Vai oiá seu canto, lembra di Lúcia. Coração... uhm! cê sabi lá! esses memo qui não fala são us qui sente mais. Cê não vê cum’ele ficô? Dex’ele, coitado! Tá penando.

• • •

A mata era o asilo de Macambira. Retraindo-se, a princípio, desconfiando de todos, passava os dias errante, batendo estradas, picando veredas, sempre longe dos ranchos, refugindo à gente. Quando o sol queimava, metia-se à sombra, estirado, fumando para afugentar as mutucas, o olhar perdido, banzeiro. Comia qualquer coisa dissaboridamente, e, com o fresco da tarde, à hora melancólica das cigarras, recolhia-se a um tajupar, na roça de milho, ou punha-se a caminho, direito à Barra, onde chegava à noite.

No armazém do Narciso, ponto de conversa, mangalaça e jogo, era sempre certo o ajuntamento: bebia-se com algazarra, e eram sanfonas e violas no alpendre, sambas de pagode, gandaieiras ébrias aos reboleios entre os madraços, muito obscenas e sórdidas, filando cigarros, pedindo goles, e, lá dentro, o carimbo e o truço, aos berros.

O negro, para não ser visto, entrava pelos fundos, fazia compras descontando no seu pecúlio, e regressava carregado de víveres, chumbo e pólvora, o necessário para viver no mato. Ainda, por vezes, apresentou-se na fazenda, postando-se à porta do escritório, à espera de ordens, mas, diante do desprezo de Manuel Gandra e sabendo que Tibúrcio fora chamado para substituí-lo, nunca mais apareceu.

– Macambira ganhô mundo – diziam na roça.  
– Quá nada. Tá í memo. Sinhô é qui não qué pegá ele, sabe qui tá maluco, i pra quê? Ind’otro dia topei co’ ele ali na baixinha.  
– I antonce?

– Ê! tá memo qui só visto: guenzo, fuvero. Esse memo, coitado! esse memo não vai longe, cês vai vê. Mais hoje, mais amenhã urubu ta í rondando carniça. Cês vai vê. Si sinhô quisesse panhá ele era só fazê uma tucaia lá im cima ou botá gente, di noite, nu rancho di Barbina. Sinhô não qué.

E era verdade. Gandra, convencido de que o negro ensandecera, desistira de persegui-lo, e, se falavam nisso, dava de ombros, resignado com o prejuízo. E Macambira vivia como mocambeiro. Refugiado na mata, varejando profundamente os labirintos da solidão, conhecia-a de ponta a ponta, desde as samambaias da orla até a lagoa taciturna, coberta de taboas, em cujas margens apauladas saracuras e ererês cantavam e lentos jacarés, rastejando no lodo, de vez em vez empinavam-se, engalfinhando-se com um latido rouco.

Afeiçoando-se ao seu homizio vasto, amava enternecidamente as árvores, afagava-as, detinha-se a mirá-las parado diante dos troncos que subiam lisos, eretos, em colunas ou torcicolosos, escavados, derreando-se como ao peso das frondes bastas.

O sol entrava a custo, escasso, as migas de ouro palhetando o chão mole, alfombrado de versas úmidas. Em certos pontos de espessura, sob a ramagem densa e negra, a sombra era noturna e orvalhava a lentejos, sem descontinuar.

O negro atolava-se em águaçais, esparrinhando os pés em lodo. Grossos cipós, retorcidos à maneira de cordoalhas, pendiam dos ramos cabeludos, outros cruzavam-se em redouças, outros coleavam em estiras pelo chão ou enrolados, vincando os troncos, apertavam-nos estrangulando-os. Sapopembas formavam parapeitos verdinhos e eram clareiras alcatifadas de finas relvas e arbustos delicados de folhas rendilhadas, palmeirinhas fléxeis, fetos em para-sóis e refohudos maciços de ervas subindo aos galhos das árvores e despejando-se de cima em colgaduras floridas.

Abafeiras luziam em pútrido rebalço, e um mundo de insetos pululava à flor da vaza, em torno dos caniçais, por entre os ramos encoscorados e penugentos, desde as moscas rebrilhando em cores maravilhosas e as libélulas céleres, de asas vítreas, até negros besouros luzidios, tudo voando em confuso girovagar, crepitando, esfuziando, a zumbir, a zoinar, a uivos súbitos passando rápidos em inpletida de dardos.

Teias de aranhas tremeluziam entre ramas, e, pelo raso, aos corcoveios, eram sevandijas lânguidas, viscosas, expluindo da fermentação umente.

Por vezes, nas grimpas, soava, breve, um pio de ave, ou era uma chalrada hílare que irrompia e logo, marulhoso, o frulhar da abalada de um bando de periquitos; e profundo, soturno, a espaços, surdia, lento e lúgubre, um gemido de rola.

Em contraste com a tristeza que pairava um sagui saltava de um galho a outro, marin hava pelos cipós, ágil e trêfego, ou era então um serelepe arteiro, a cauda alçada que, num pincho, agarrando-se a um ramo, oscilava funambulesco, formava o pulo e, lépido, escalava o tronco, e logo começava uma saraivada de sementes.

Voos surdos ruflavam na altura, e pelo chão pastoso, através de fitas de sol, gordas formigas trilhavam carreando achegas, insetos pernilongos, de um verde tenro de novedio, caminhavam morosos, ou grandes borboletas, de um azul lustroso, saíam das ramas como flores aladas.

O negro, familiarizado com aquela vida fantasmagórica, olhava indiferente. Reminiscências súbitas detinham-no: concentrava-se. Súbito, episódios trágicos ou de ventura atravessavam-lhe a memória, e a solidão animava-se: era uma cena meiga, sob a acácia: Lúcia e ele, juntinhos; era uma manhã em que ele a deixara no alto do caminho rindo de um escorregão em que resvalara; era



a figura antipática de Vaca-Brava ou então o crime, o rebolco dos corpos debaixo da árvore, a nudez de Lúcia, a luta, por fim os dois unidos, colando as bocas estremecidamente, de olhos cerrados, a respiração suspensa.

O peito arfava-lhe oprimido, acendiam-se-lhe os olhos, estralavam-se os dentes.

Mas a selva tirava-o do sofrimento com o seu prestígio – um reclamo de ave, lá em cima, ou o rastolhar arisco de animal rasteiro.

Tinha na mata as suas preferências: uma nascente tão ensombreada de arvoredos que a água, sob os pendidos ramos, emaranhada de filandras, parecia negra. Nascia em grotas toda encrespada de vegetação, entre pedras cobertas de limo espesso, e filtrava-se em fios caindo com cristalino e trebelhado som entre pedras, em torno das quais fervia em espuma até derivar correnteia, saindo viva e alegre na clareira onde rebrilhava límpida sobre um fundo raso de areias claras.

Outra preferência: certa árvore grossa, retorsa, com o tronco avergoado à maneira de um feixe de sarmentos, como um corpo escorchado a que se vissem, em ressaltos, e nus, os músculos e os nervos. Fios dourados desgrenhavam-se-lhe da ramaria versada.

Era debaixo da árvore ou à beira da nascente que o negro gostava de ficar esquecidas horas, raspando a terra, esmagando folhas ou fazendo com a mão comporta à correnteza fria.

Isolado, vivia como em domínio próprio; ali só ele, senhor na solidão. Tendo sempre vivas na mente as descrições que lhe fizera Balbina do reino selvagem de Munza, se ouvia estralejar um galho logo se punha em guarda, adaga em punho, o olhar agudo e atento ao bote de fera imaginária ou à traição de alguém. Relanceava a vista em torno, perscrutando, batia os matos, sacudia os ramos, agachava-se para espiar pelos interstícios dos galhos, por entre os troncos, acuando em desafio. Eôô! Rolavam ecos cavernosos e o silêncio restabelecia-se cortado apenas, de quando em quando, por

um sussurro farfalhante que era como o resfôlego da floresta, e de longe, marulhante, quérula, surdinava a bulha perene d'água.

Então caminhava decidido, afoito, como para afrontar-se com o inimigo, num desejo de lutar, de ferir, de ver sangue. Tudo era cerrado, denso, num intrincamento impenetrável. Para avançar ia talhando a facão as enredanças, abatendo ramagens, detorando cipós, e o mato, úmido e frio, chegava-lhe ao peito, ramos fustigavam-no, raízes, liames embaraçavam-lhe os pés. Sentia insetos ásperos andarem-lhe no pescoço, sacudia-os sem repugnância ou tomava-os entre os dedos devolvendo-os ao mato para que vivessem. E não encontrava sombra hostil.

Quando sentia fome, fazia um foguinho, assava um pedaço de carne-seca, amassava um pirão d'água e comia à beira da nascente ou junto da árvore e ficava em torpor de preguiça, fumando airado; às vezes cochilava com o facão nas pernas, pronto para investir.

À tarde era um rumor confuso no recesso frondoso: aves que se aninhavam, correrias no folheto, fugas precípites pelos galhos, guinchos, silvos, chalreios, trissos, e o uru, com o seu canto funéreo, anunciando a noite.

Um tom cerúleo abrumava a selva resfriada, o solo esponjava, como encharcado, e o aroma silvestre espalhava-se em hálito balsâmico. O ar fino tornava-se mais sensível ao som – ouviam-se o cair lento, esfrolado das folhas, o murmúrio d'água, o papeio dos ninhos adormidos.

Corridinhas sutis rastoalhavam nas folhas. Súbito, estrondando nas copas, uma palma de coqueiro rolava do alto.

Escurecia aos poucos tristemente; aqui, ali um gasnir de perereca, um grasnar de rã, grulhos de cururu, e começavam a aparecer centelhas, a mata enxameava-se de vaga-lumes. Fantástico fogueio punha efervescências no âmbito obscuro: eram pelo

chão, nos troncos, nos ramos, aereamente, luzes efêmeras, indo e vindo, girogirando, lívidas; lagartas acesas golpeando a treva, insinuando-se na folharia, e mariposas pesadas passando em voo lento, fugindo à sombra, na atração magnética do luar.

O negro estirava-se sem sono, a escutar os ruídos vagos, e sonhava, de olhos abertos, o seu sonho augusto, o seu sonho de rei.

A floresta adormecia. No silêncio misterioso as águas circulavam ligeiras, com um som leve, e a brisa, lá em cima, nas copas, fazia um sussurro brando de respiração.

A terra esfervia baixinho em pruir de porejo, e um cheiro forte, seminal, de seiva exalava-se dos vegetais. Crebro, aos estalidos, pingava o estilicídio das folhas róridas; pipilos denunciavam o sonho dos ninhos, e, alumiando a treva ferrugínea, em ronda, os pirilampos multiplicavam-se.

Abriam-se clarões pálidos, escorriam lumieiras como um leite translúcido das árvores e a mata transfigurava-se, povoava-se encantada, acordando para uma vida fantástica: eram vultos afilados, de alvas e longas túnicas, movendo-se em meneios espectrais, por vezes, em alor sereno, como se subissem em ascensão de fumo: eram profundezas merencórias de capelas, com um vasto altar de mármore, nichos, imagens; eram grutas denticuladas de estalactites; eram ruínas colossais, edifícios inacabados de arquitetura estranha e, por ali dentro, através das árvores desfiguradas, construções de um fastígio maravilhoso, estruturas bizarras, formas caprichosas de um mundo de encantamento e, como se a gente sutil que por ali andava surdamente, calada, fosse deixando pegadas pelo chão, palmilhas claras iam aparecendo e brilhavam sobre as folhas mortas.

Ramos reluziam prateados, troncos envolviam-se em faixas argêntas e a claridade brincava luzindo, desaparecendo iterativa, em fantasmagoria deslumbrante.

Era o luar que penetrava o interior da espessura coando-se pelos raros, descendo em cheio pelas abertas, aqui em fita, além alagando a jorros, ou amiudado em nimbos e em estrias que amedalhavam, reticulavam o ândito tenebroso.

Frêmitos voluptuosos agitavam o arvoredos, e o negro, como hipnotizado, ficava a olhar as aparições e, por elas, entrava no delírio da grandeza extinta, na majestade perdida, tomando as visualidades pela representação da própria vida, a selva pelo reino, os aspectos de sombra e luz pelos edifícios da sua corte e os ruídos pelo burburinho do seu povo.

Então lembrava-se de Balbina, desejando-a ali para que lhe fosse explicando tudo, mostrando: o palácio real entre palmeiras, as cubatas dos guerreiros numa caiçara de lanças, o templo dos deuses com as velhas sacrificadoras, e lhe dissesse o nome dos heróis evocando-os da sombra, fazendo-os vir até ele, com as peles dos mantos de rasto, as armas agudas rebrilhando.

E pensava em Lúcia, trazia-a da morte, linda como no tempo do noivado, com o corpo fino, flexível, o boleio gracioso nos quadris, o sorriso meigo, a doçura dos olhos tristes, a tremer de pudor nos seus braços. E aspirava-lhe o aroma sensual do colo, sentia-lhe o hálito suave, afagava-a, ouvia-lhe a voz, baixinho, de improviso, porém, eram os dois que lhe apareciam em espasmo infame, ela e Julinho.

Punha-se de pé, violento, ofegando, com um gosto de sangue na boca, os punhos cerrados, num frenesi de furor. E logo se lhe afigurava o “filho branco”: via-o morto, tal qual o achara no rancho, deitado numa esteira de luz de onde se levantava devagariño, pairando, remontando até desaparecer.

Arrancava o facão da bainha e atirava golpes a esmo combatendo essas e outras alucinações e descia da mata apressado, ora por veredas escuras, esbarrando em toros, barafustando em ervagens, ora em plena claridade, com o céu à vista, a resmungar ameaças.



De todos os vãos vozes sutis diziam, com sarcasmo, o seu nome e o de Lúcia, chamavam-no chasqueando, riam às cascalhadas.

Macambira parava atento, agressivo, à escuta: as vozes calavam-se, mas, ao longe, no trebelho d'água corrente, outra vez a ironia, outra vez a assuada, depois, comunicando-se, era de toda a parte e de tudo, daqui, de alhures, “psius, risos, Macambira! Julinho...” a troça irrisória e, diante dele, as luzes dos pirilampos faiscavam como se lhe fossem alumando o caminho, levando-o para a vingança.

Era em noites dessas que aparecia luz na casa da colina.

– Ê! curumba anda agora trambecando qui nem cobra qui perdeu veneno – dizia Vaca-Brava falando de Balbina.

A velha, com o sumiço de Macambira, tornou-se de uma irritabilidade frenética. Desconfiada de todos, mais retraída que nunca, vivia aos resmungos, em solilóquio arvoado. Se, ao passar por alguém, surpreendia um sorriso, um olhar, estacava assanhada explodindo em injúrias. Mal avistava um moleque, apanhava pedras, ameaçando-o. Parecia bêbeda no andar airado, aos cambaleios, parando estatelada, agachando-se a bater na terra aos murros desesperados.

No chiqueiro espancava os porcos, desalagava do lodo os cevados dorminhocos atirando-lhes pontapés odientos, e, errando pelos caminhos, trombuda, trapejando os molambos enlameados, com um pau na mão e pedras no papo da camisa sórdida, gesticulava, falava às árvores, aos matos ou, postando-se à beira d'água, conversava com a própria sombra, lançando perguntas e respondendo-as, em diálogo singular:

– Antonce cê fugiu memo? Cê fugiu...? Uai! i havia di ficá? Cumu não? I cê tá ni mato, não é? Amenhã sinhô vem aí di calundu i véia é qui paga. É ansim memo. I ocê mode quê não vem? caminho não tá í? Mode quê não vem... mode quê não vem... Quedê perna? cê não tá vendo? – e arregaçava a saia esfrangalhada



expondo os cambitos, que reluziam como envernizados. – É co'es-ses qu'eu vá fugí?

Anuns piavam perto, bambaleando-se em arbustos; lambaris deslizavam n'água. Tinha, então furores: – Qui é? cês tamém qué pagode, sôs porquera? Pera í qu'o já insino ocês. – Ia de pedras sobre as aves, que abalavam em voo raso, aos pios agourentos, apedrejava a água afugentando os peixinhos, e rabeando assustados negros cardumes de girinos desapareciam na madrigueiras ou sob as raízes ribeirinhas.

À noite, no rancho, acocorada diante do lume, interrogava, de olhos fitos na fumaça ardida que subia dos gravetos: “Má ondi é qui tá Macambira!? Ondi! Antonce é ansim?” E enfezada, sacudindo, de repelão, os trapos, com a boca atupida de fumo, resmungava abafas contra o negro que se fora sem preveni-la, abandonando-a, como aos outros. “Quá! Esse é ansim memo. É ansim memo...” Se se encostava no jirau, era para cogitações.

A noite passava vagarosa, e ela ruminava, ora de recovo, ora sentada, cabeceando, sempre com o pensamento no negro, cria do seu amor, seu príncipe. E sofria, irritada, uma saudade pungente e resmungava, arrepelava-se, maldizia-se com as lágrimas correndo em fio pelo rosto escaveirado.

Às vezes, no correr da noite, saía para o terreiro, ficava a olhar os vultos das árvores, os lençóis do luar no campo, as estrelas lá em cima. Sob o bafejo da brisa tépida embalsamada do aroma das açucenas, e contemplando a sombra alta e profunda da serrania, ao longe, dizia tristemente:

– Cê foi. Cê tá í. Mió! Véia é qui vai pagá. – Abria o casaco, arregaçava as mangas e, apalmando-se, apertando, sob a pele encoscorada, as arcas do peito, os braços mirrados, os maxilares, dizia: – É osso só, carne, quedê? – e resignada: – Mió memo: cabá duma vez. Qué qui fica fazendo aqui? Mió memo. – Os morcegos esvoaçavam aos trissos: – Cês tá rondando? Qué eu? Uai! Leva! Qué qui tá



esperando? Leva! – E apelava para a morte, esperava-a, ouvia-lhe o andar sutil nas folhas róridas, via-lhe a sombra esguia e tiritava como de frio. – É mió memo. – A água gorgolejava perene, e, esfriando, apesar de janeiro, as estrelas como que adormeciam e uma quietude grande pairava em sono sobre a terra escura.

As bananeiras preguiçavam com um lento marulho, grilos cantavam estrídulos, às vezes, trágico, um ríspido rascar raspava a altura e um som contínuo, fino, como de tímpanos abafados, subia no silêncio.

A negra deixava-se ficar ao relento, sentada numa pedra, mascarando, e cochilava.

Longe um galo desferia o canto da madrugada, outros amiudavam; o cheiro balsâmico das silvas tornava-se mais forte.

O nascente listrava-se das primeiras barras; clareava baço, e as névoas, como se acordassem, levantavam-se preguiçosas, estremeunhando, indecisas, em finos retalhos que afumavam as moitas, em cúmulos que enchiam os conuales, como pedaços de céu caídos.

Cruzavam-se voos, trilos, arrulhos, pios de reclamo soavam ali por fora. Douravam-se os redentes, acendiam-se os visos e a paisagem ressaía da sombra fresca e álaque, repousada, vívida, luzindo de orvalho.

Mugiam gados, folhas começavam a cintilar. Eram inúmeras e alegres as vozes dos galos por aqueles matos. Aqui, ali, acima das copas, um fumo ralo subia. A espaços, lento, o sino soava despertando a fazenda. O céu ia ficando azul.

Então a negra levantava-se alquebrada, gemendo, arrastava os passos para o rancho, bamba, com as pernas doridas, ainda voltava-se contemplando enlevadamente o céu:

– Hum! Dia tá í. – Persignava-se: – Lovado seja Noss’Sinhô Suns Cristo...! – E, olhando a serra, resplandecente de ouro e prata, sol e névoas, pensava nos que viviam naquelas brenhas, livres



entre escarpas e matos ínvios: Tito, Barnabé, Melquior e tantos mais... E quedava, encarada no remonte, como querendo descobrir o vulto agigantado de Macambira no mais alto da serra, na glória fúlgura do sol, como um rei no seu trono, entre escudos e lanças.

• • •

De manhãzinha, com uma trouxa à cabeça, Joana subia vagarosamente a ladeira, caminho do lavadouro, quando avistou Balbina curvada junto de um cupim, arrancando ervas.

– Ê! tia... – A velha ergueu-se hostil, mas reconhecendo a Benguela serenou, sacudindo as mãos terrosas, e adiantou-se a passo. – Qu'é qu'ocê tá bongando aí?

– Tanchage... – Olharam-se um momento, e Joana interrogou-a sobre Macambira. A velha deu de ombros; a outra sorriu incrédula. “Cê não sabe?” Balbina acenou de cabeça negando. “Ah! dexa di parte cumigo. Tão cê não sabe di Macambira? Cê memo qui tá í? Cê...! Cê não tá co' ele lá im cima?

– Lá im cima, donde?

– Lá! – e Joana mostrou a colina.

A velha exclamou surpresa:

– Lá?

– Antonce? Home, a modi qu'ocê discunfia di mim. Oia qu'o não sou Donária.

– Não é discunfiá, ma ocê tá falando aí cosa di brinquedo.

– Brinquedo?... Antonce cê não sabe qui Macambira parece lá im cima di noite? Cê não vê luz?

A velha pasmava para a malunga:

– Cê tá falando sér'ó?

– Antonce...?

– Pur essa luz qui tá lumiando... dês qui Macambira foi s'imbo-ra nunca mais. I cê vê luz?

– Uai! Tudu vê.

– I sinhô?



– Sinhô diz qu'ele tá gira. Pra quê?

A velha sacudiu a cabeça doída da ingratidão de Gandra.

– Não sabi dele, não, Juana. Jur'ocê. Vivi lá mitida nu meu canto... – E ficou pensando, de olhos no chão. – I qué qu'ele vem fazê?

– Uai! Oiá casa. Cê assunta, vigia di noite qu'ocê vê. Luz vem, luz vai, some. Mode qu'ele corre tudu, oiando. Bom. Té logo, si Deus quisé. – E foi-se.

Balbina ficou atordoada, esquecida do que fazia. Desceu a passo; a meio caminho, porém, lembrando-se, tornou ao cupim, ajuntou a tanchagem em molho e, metendo-se pelos matos, enveredou guiando para a covanca. Parava pensativa, conjecturando: “Mode quê? Sinhô péga i dipoi...?” Quando chegou ao rancho, desabafou: “Esse memo! Tá gira... Gira mode quê? Esse memo. Nego é qui nem cana; mói, mói i bota bagaço fora. Esse memo. Otro já tá í. Vai vê tempo quenti.”

Aludia a Julinho, que chegara da Corte e já andava a rastrear as rapariguinhas, numa ostentação de costumes claros e gravatas esvoaçantes.

Aprovado nos exames, entrara na fazenda como um triunfador.

Quase médico, narrava os labores da vida estudiosa: autópsias no anfiteatro, vigílias nas enfermarias, operações difíceis que praticara com elogios dos mestres e admiração dos colegas e, à mesa, entre o baboso desvanecimento dos pais e a curiosidade basbaque das mucamas que serviam, descrevia os horrores do hospital: mortes agoniadas, epidemias pútridas, amputações, partos e monstruosidades que apareciam: uma Cafarnaum de misérias e aberrações, e ele, abnegado por amor da ciência, verdadeira religião, entre sangue e pus, curando e consolando como o próprio Cristo. E, cortando o bife, fazia-o a capricho, com a perícia atenta com que um operador requintasse num complicado caso de alta cirurgia.



Gandra impava de orgulho, D. Clara escutava-o embevecida, de olhos lânguidos e úmidos, arfando comovida, a imaginar o “pobrezinho” naquele horror, com risco de apanhar uma moléstia daquelas. E os carinhos redobravam solícitos compensando-o do ano de árdua fadiga.

– Bom, agora descansa – dizia Manuel Gandra. – Trata de comer, de passear. – Achavam-no pálido, abatido e enchiam-lhe os bolsos, empurravam-no para a calaçaria. O cavalo, de arreios novos, passeava-o pela redondeza: ia às fazendas onde havia moças, à Barra, então em festivo alvoroço com uma companhia de cavalinhos e por aquelas bibocas da roça. E onde quer que aparecesse era uma alegria barulhenta: “Está aí o Dr. Julinho!”, e eram correrias de moças, barafunda de mucamas.

Negros paravam na estrada para vê-lo passar, pediam-lhe remédios queixando-se de achaques, outros mostravam-lhe úlceras ou pernas monstruosas em refochos de elefantíase. E ele lá ia, pimpão, fariscando mulatas, à caça de colos púberes, num desejo árdego de mulher. A negralhada comentava à surdina: “Agora memo é qu’isso vai pegá fogo. Bicho tá í, zarro!” E riam.

Balbina, alheia aos escândalos da fazenda, sempre solitária no seu antro, só começou a preocupar-se com o senhor moço depois que ouviu Joana: “Cê tá muito ancho! Vai inchendo barriga, vai! Mato tá í, dono di mato tá ispiand’ocê. Vai inchendo barriga, vai!” Mal anoitecia, deixava o rancho, girovagando inquieta, aflita, de olhos na colina, à espreita. Era aqui, era ali nos matos rasteiros ou trepada numa pedra, a olhar a fito enfezando-se com tudo: com o crepitar dos ramos, com o estrídulo dos grilos, com o coaxo dos sapos, com o murmúrio d’água. Duvidava de Joana: “Esse memo... Vai vê qu’é mintira. Onde tá luz? Onde?”

Amanhécia ao tempo, tiritando, com os úmidos farrapos apegados ao corpo, e, quando o sol luzia, fazendo brilhar a mata





florida, às manchas roxas e amarelas das quaresmas e dos ipês, e a campina cintilante de orvalho picada de boninas de ouro, a negra recolhia-se desanimada, tomava um gole de café, metia o fumo na boca e, saindo para o chiqueiro, a cuidar dos porcos, resmungava contra a Benguela: “Dex’ocê... Você tomô pagode cumigo? Cê há d’achá, buzumuca. Cê há d’achá.”

Às vezes vaga-lumes iludiam-na. Punha-se alerta, de olhos esgazeados, trêmula: “Mode qu’ê luz...” Mas desenganava-se. Uma noite, tarde – a lua brilhava no meio do céu, límpida –, a negra, que estava de ronda, estremeceu vendo luz na casa da colina: toda uma janela iluminada, como dantes.

– Ê! ê! – exclamou. – Esse é memo. – E riu esganiçadamente em alvoroçada alegria. – Esse é memo. – Convencida, atirou-se pelos matos, às tontas, sem sentir as aspas dos gravetos que se lhe agarravam aos molambos, arranhando-a. Corria a trechos, de arremetida. Atravessou a pinguela, ganhou a ladeira.

A trilha estava encoivarada: mato, ramos enredados em tapigo. Foi subindo esbaforida, afundando em caldeirões, escorregando em lisuras úmidas. Agarrava-se a ramos, a troncos, crava as unhas na terra, e, quando chegou acima, sôfrega, tudo era maninho.

A terra, abandonada, explodira em vassoural bravio. A casa estava sitiada de ervagem, e a cerca do pomar era uma sebe folhuda: o aboboral, alastrando livre, espalhara rama sobre tudo, acima da macega, pelos troncos das árvores até a copa, numa exuberância assoladora. “Ê! ê! Mato tá cumendu tudu.”

Pela janela aberta, despejando luz na braveza triste, via-se a sala, outrora alegre. A negra estacou indecisa. Havia gente, mas seria mesmo Macambira? Quis chamar. Hesitou. Foi avançando no ervaçal sorrateira e atenta, contendo o hálito. Uma sombra apareceu na parede interior da casa, e, logo em seguida, o vulto do



negro. A velha levantou-se de golpe, a tremer; um grito escapou-se-lhe do peito: – Fio! – Escureceu súbito. – Macambira! Fio! Oia eu! – e rompia o matto.

– Véia! – bradou o negro.

– É eu, fio?

– É ocê?

– É eu! – E Macambira surgiu à janela. – É eu! Oia! – E estendia-lhe duramente os braços. – Ocê, Macambira... Cê? – E chorava, nervosa, forcejando no peitoril para galgar a janela na ânsia daquele desejado encontro. Mas a porta abriu-se rangendo, raspando emperradamente o soalho terroso, e a velha precipitou-se atirando-se de joelhos e abraçando-se às pernas do negro. – É ocê memo, fio! É memo! É memo!... – e beijava-lhe os joelhos, afagando-o carinhosamente. – É memo! É memo! Cende luz! Dexa vê ocê. Cende! – E volubilizava num falario tartareado, rindo por entre arranques de soluços.

O negro riscou um fósforo, acendeu o lampião, e a velha, pondo-se-lhe à frente, estarreceu comovida, mirando-o, de olhos apertados, mãos postas: – Ah! Fio... cê...! – E o pranto despejava-se-lhe pelo rosto, a jorros.

Magro, com os ossos à flor da pele fula, a grenha alta, revolta, hispida como piaçava, a barba arrepiada e dura, olhos no fundo, em brasas, Macambira parecia mais alto e envelhecido.

Um capote de baeta descia-lhe enrugado dos ombros, e, abrindo-se-lhe as abas, aparecia o cinto de couro com uma garrucha atravessada ao meio e adaga ao flanco.

– Cê cumu sobe? – perguntou Macambira.

– Quê?

– Qu'eu tava aqui?

– Foi Juana qui disse. Tudu mundo sabi qu'ocê vem, sinhô, tudu sabi. Cê acendi luz, zêri vê.

– Sinhô sabi?



– Cumu não? – O negro sorriu tristemente, medindo a sala a lentas passadas.

– I ond'ê qu'ocê vivi, fio? Ond'ê?

Macambira deu de ombros.

– Cê não come – disse com piedosa ternura. – Magrém ansim é di não cumê. Cê tá duente, Macambira, cê tá s'acabando mod'us otro, pra quê? Oia, cê tá ansim, nhô Julinho... nem cumu cosa.

– Tá í!? – exclamou o negro pondo-se, de um salto, diante da velha.

– Chegô faz dia. Tá í. Cê não magina: mema cosa di sempre: rapariguinha anda qui nem caça qui senti cachorro.

O negro arquejava de olhos fuzilantes.

– Cê viu ele?

– Uai! Tá lá memo... Di dia anda pur aí sapecando criança, pegando muié. Diz qui tá rondando fia di Coroné Moreira, du Areá. Otros diz qui anda cuma moça dos cavalinho, vai di noite pra Barra.

– Sozinho? – perguntou o negro.

– Antonce! Munta cavalo di tardinha i vais'imbora.

– Ê! – rosnou Macabira com um sorriso sinistro, apertando nervosamente os punhos, rilhando estalejadamente os dentes. Retesou os braços, a tremer de ira, e, avançando, como de assalto, curvou-se diante de Balbina, falando-lhe em rosto, de olhos fitos:

– Cê qué fazê uma cosa? Qué? Vida cabô pra mim. Cê tá vendo magrém? Tá vendo? – E com uma voz surda, que a cólera fatigava:

– Cê qué vê? Oia! – abriu, de ímpeto, o capote, esbagachou a camisa, mostrando o peito largo, ripado pelas costelas. – Tá ansim.

Vida pra quê? – Fez uma pausa triste. Súbito, agarrando-a por um braço: – Cê qué fazê uma cosa? Qué? – Baixou a voz, em segredo:

– Oia, eu fico aqui di noite, cê, lá imbaxo, bota tenção ni nhô Julinho, vê ele. Quando ele fô na Barra, mode muié, tá uvindu?, cê acende fogo im cima da pedra, perto di bananera, mod'eu vê.



– Pra quê, fio?

– Cê qué u não? Diz! Fala! – A velha, hesitante, coçava arrepeadamente a cabeça. – Cê acende fogo...

– I ocê?

– Dexa eu. Qué? – Irritou-se frenético: – Ê! Cê tá mole...! – Deu uma volta pela sala torcendo a barba dura.

– Bamo. Fala. Diz qu'ê qu'ocê qué.

– Cê acende fogo na pedra.

– Cê qué pegá nhô Julinho...?

O negro atitou com a língua, e ríspido:

– Cê qué u não?

– Qué. Fala. Mas oia lá! Cê vê bem, Macambira; lembra di Marcelino...

– Dexa! Vida, pra quê? Cê não tá vendo mata? Quem vai lá? Tito não tá siguro? Quem vai lá? – E explodiu arremessando inteiriçadamente os braços num impulso de força vingativa, com um ricto que o desfigurava: – Ê! véia... – Caminhou rugindo; sentou-se cabisbaixo, pensando. De repente, pondo-se de pé, enérgico, falou pausado: – Oia, véia, cabeça and'ansim – e descrevia círculos no ar com o indicador. – Sangui tá fervendo, sangui di Munza. – Os olhos da velha relumbraram, passou-lhe um arrepio pelo corpo. – Não tá dirêto, não. Di noite vê genti, iscuta falá, mata fic'ansim – e apinhou os dedos. – Não tá dirêto, não. Sangui tá fervendo. – E os dois, compreendendo-se, encararam-se mudos, em convivência sinistra. E a velha aconselhou em voz prudente:

– Paga essa luz, Macambira. Paga! Genti tá lá imbaxo, oiando. N'abusa, não; paga. – Ela própria soprou o lampião. O luar rastreou a sala escura e os dois caminharam. A velha saiu. Macambira fechou a porta e, saltando a janela, puxou-a a si.

A noite resplandecia. Estiveram, um instante, parados no meio da macega. Macambira adiantou-se até a acácia, sentou-se no

banco. A árvore vergava ao peso dos corimbos de ouro, como no tempo do noivado. E era tudo que restava da felicidade antiga, o mais era miséria e devastação.

A própria casa fendia-se, brechas zebravam os muros, a erva crescia em tufos no telhado, ramos trepavam pelas paredes, os cortiços, desmantelados, pensos, ermavam sob o telheiro.

No pomar acendiam-se lumes prófugos. Por entre as árvores, lá embaixo, viam-se muros alvos, terreiros claros, como de mármore, e a campina enfarinhada de luar. Os dois contemplavam a solidão em silêncio.

– Antonce... – disse, por fim, Macambira, levantando-se e estendendo a mão à velha.

– Cê já vai?

– É hora.

– Adeu! I oia lá cum'ocê faz...?

– Dexa! Não tem medo. Oia, véia – anunciou, em tom misterioso, apontando o céu límpido e estrelado: – Zêri tá lá im cima oiando. Cê memo não fala? Zêri tá lá im cima. – A velha acenou de cabeça e ficou em êxtase religioso, relanceando um olhar medroso à lua e às estrelas brilhantes.

– Tá bom, fio! Vai! Adeu! Noss'Sinhô cumpanh'ocê. – Apertaram-se demoradamente as mãos. Balbina foi-se pelo vassoural intonso, ganhou a vereda matejada. Agarrando-se a um tronco vagarosa, cuidadosa, resvalou ao primeiro socalco. Firmada, então, voltou-se olhando enternecida: Macambira lá estava, alto, a prumo, no meio do matagal.

– Adeu, fio.

– Adeu?

– Vai cum Noss'Sinhora.

– Oia lá! Não isquece?

– Adeu! – E perderam-se de vista.

• • •



De volta à mata, logo a penetrá-la, no obscuro das folhas densas, começou para Macambira um lento, aflitivo suplício. Apesar de cansado, bocejando em quebreira, não conseguiu pregar olho, azoado por acusma bárbara, ouvindo gritos que atroavam a profundez, estrondos de esbarrondamentos. Olhava em torno, adiantando-se tripetreppe para examinar de perto albores estranhos; punha-se à escuta distinguindo palavras, vozes várias em conversa. Achou-se entre os juncaís, à beira da lagoa, sem consciência de haver caminhado tanto.

Trabalhado pela ideia fixa esperava, com ânsia, a madrugada, e mal clareou, com o barulho da vida, pôs-se a imaginar a vingança, com requintes de ferocidade que ensaiava talhando troncos a golpes vivos de adaga, detorando ramos, escorchando caules, esfuracando estipes de coqueiros.

Errava à toa abrindo veredas nas silvas, roçando mato, distraíndo-se em esforço inútil para não sentir o tempo vagaroso. E era na espessura um contínuo farfalho de galharias decepadas.

Encarniçava-se em furores, arremetendo com a adaga a mãos ambas, saltando, agachando-se, aos urros, em arremedo de luta, injuriando os vegetais aos palavrões, lembrando-lhes o crime infame, e a folhagem caía, acumulava-se, exalando um cheiro acre de resina e seiva.

Saía de tais cenas exausto, alagado em suor, e contemplava, orgulhoso, a destruição tripudiando sobre a ramaria em monte. Limpava ao capote a larga lâmina da adaga, experimentava-lhe o fio na palma da mão e, contente, satisfeito, saciado de excídio, prosseguia embrenhando-se. Adiante, porém, reacendia-se-lhe a ira: parava carrancudo, pé atrás, brandia o ferro e investia aos golpes que estrondavam no silêncio sombrio.

Volta e meia lançava olhares por entre os escassilhos das frondes a ver a altura do sol e arrevelava-se frenético, revoltado contra a morosidade do astro.





Sentia o vagar em tudo: a brisa arfava lânguida, mal balançando as folhas, as águas, sempre ligeiras, desciam preguiçosas, remansando-se em rebalsos; os próprios animais como que se ressentiam da marcha das horas tardas. Acompanhava-os no voo lerdo, no andar negligente: falava-lhes irritado: “Cês a mode qui tá drumindo...” E o sol a coar-se vivido pelos raros das franças.

Deitou-se recostado a um tronco, estirou as pernas, fechou os olhos provocando o sono.

Uma cigarra chiou. Era a tarde. Pôs-se de pé, rápido, reuniu, à pressa, os apetrechos: uma corda de linho, que enrolou à cinta, a adaga, a garrucha, e atirou-se a caminho, com alegria selvagem.

Saiu numa clareira. Lá estava, em cima o céu azul, ainda radio-so e quente, as copas das árvores luzindo em pleno sol e, no esplendor, o voo numeroso e alegre de aves e de borboletas. “Mode qu’esse dia não caba mais!...”

Enfizado, encantoou-se encolhido, tirou da bolsa um pedaço de carne-seca e, crua, desfibrando-a, pôs-se a comer distraído, atirando, de vez em vez, à boca punhados de farinha.

Mal, porém, começou a empalidecer a tarde, a ânsia tornou-se-lhe em delírio: pôs-se a andar inquieto, resmungando, exercitava os braços vergando ramos, atirando golpes, arrancando arbustos com as raízes. E sorria, contente de si, dos músculos que lhe rete-savam ampolados, rijos como de ferro: “Cê vai vê logo mais...!”

Por voltas desviadas seguiu, aberrando-se, a prolongar o cami-nho para chegar com a noite à orla da floresta.

De olhos afeitos à treva, caminhava no labirinto com a segu-rança fácil de animal notívago. Descia rampas, subia alcandores, ladeava marnotas, seguro, firme no piso, indiferente ao rumorejo noturno vago, sutil no ambiente misterioso.

Quando sentiu perto a saída, o coração bateu-lhe sôfrego, res-secou-se-lhe asperamente a boca, e os cabelos eriçavam-se-lhe com uma sensação evulsiva, como se lhos fossem arrancando do couro.

Passou as últimas árvores, chegando ao mato ralo na vertente do monte, onde começava a lavoura.

Foram-se-lhe os olhos na direção da covanca. Escuro. Cerrou os punhos de ódio e ficou olhando, a ranger os dentes. Lá estava a casa-grande iluminada, lá estava o quadrado com a lanterna no poste, e, por ali fora, entre o mato denso, luzinhas piscavam.

Sentou-se. Era cedo, talvez. Falavam, lá embaixo. Cães latiam. Pancadas regulares caíam túmidas no silêncio. Por vezes era um grito como de vaqueiro aboiando.

À claridade amarela da varanda distinguiu vultos. “Ê!” Os olhos fitos enchiam-se-lhe de visões: umas que passavam perto, fluindo serenamente no ar, em alor de brumas; cavaleiros ao longe, formas translúcidas, esguias, colubreando na sombra, lumes.

E Balbina? Estaria doente? Teria o senhor sabido de seu encontro com ele na colina? Lembrou-se de Vaca-Brava e estremeceu de cólera: “Ah! negra...!” Procurou, com o olhar, a casa do tronco, perto do moinho. Podia ser. Mas não: estava escura. Que haveria? Teve ímpetos de gritar, de descer à covanca.

Levantou-se, pôs-se a andar desesperado. Entrou no mato, acendeu o cigarro e ficou lá dentro, pensando. De novo saiu à orilha, desceu por entre o cafezal, à espreita. Nada! E ali passou a noite em vigília, com sede sicária, uma vontade frenética de retalhar carne, espostejar, deventrar, revolver entranhas moles, atolando-se em sangueira, ouvindo o rouquejo gargarejado do estertor e respondendo, a rir, com afrontas e golpes fundos.

Amanhecia. Os campos alongavam-se, verdes, com estriados brilhos d’água na claridade brumosa. A serra recortava-se muito azul estampada no céu onde estendiam-se, em laivos fulvos, os primeiros estratos de ouro e púrpura. O sino tiniu lento.

Macambira ainda relanceou o olhar em volta como à procura de alguma coisa e ficou abstraído, encarado no além. Por fim,

abarroado, estremeçando em frêmito de raiva, atirou um murro ao espaço e remergulhou na mata.

• • •

No ar cerúleo da tarde, sob o voo errático dos morcegos, aqui, ali, esgarçando-se das moitas, fluíam fumos diáfanos fundindo-se no espaço enevoadado. Já o céu tinha estrelas, lumes piscavam entre as árvores e, junto à sebe, na orla escura das casuarinas, branqueava um trecho de muro, solitário, funéreo como um túmulo.

Longo estendal níveo marcava com açucenas os meandros do córrego, o aroma enchia o ar e, perene, tristonha, começava em ressoo a surdina noturna.

Embaixo, na pedra da covanca, perto do bananal, crescia um fogacho, resplandecendo em chamas, que abriam em volta largo clarão dourado.

A instantes um vulto esgueirava-se sorrateiro, lançava ao fogo ramos secos, folhas. A claridade apagava-se afogada em grossa e negra fumarada, que rolava, alastrava aos bulções, subia, ondulando em nuvem. Súbito explodiam labaredas altas, com salpicos de faíscas, relumbrando, cada vez mais vivas, à medida que a noite escurecia.

Lá em cima, à beira da mata, espiando entre as ramas, dois olhos cervais luziam fitos na fogueira de pedra.

Súbito Macambira surgiu no roçado, desceu ligeiro até as primeiras árvores do cafezal, onde estacou, olhando, a certificar-se se era mesmo na pedra da covanca que ardia a fogueira. Era lá?

No clarão trêmulo das chamas o rancho vermelhejava, oscilando como abalado; as folhas largas das bananeiras fulguravam, e na poça, sob a calha, a água incendiava-se radiosa aos reflexos do relume.

O negro sorriu e, sem desviar a vista da mira resplandecente, correu a mão pela cintura onde trazia enrolada a corda de linho, apalpou a adaga, tateou a garrucha.

Os nervos vibravam-lhe a choques súbitos, o sangue fervia-lhe a estos, esturricava-se-lhe a boca em febre, a pele arrepiava-se-lhe em crispações irritadas. Por vezes como que lhe faltavam as pernas, amolecia frouxo.

A “casa-grande” iluminou-se, luziu solitário o lampião do quadrado.

– Bom! – disse o negro; – cê agora vai vê. – E lentamente, curvado, com o dorso a doer-lhe como ao peso de um fardo insuportável, regressou à mata.

Já havia escolhido o ponto para a tocaia: lá embaixo, na porteira do sino, raleiro de aspereza agreste, lúrido, escavacado, pedrento, apertado entre rochas e barrancas a pique. Tinham-no por mal-assombrado: que, em noites de sexta-feira, às tantas, um sino dobrava às badaladas lúgubres e almas surdiam voejando ou correndo, sem ruído, pela terra seca e nua, atrás de gados esqueléticos que galopavam com um chocalhar sinistro.

Dali nem estrondo de arma de fogo chegaria à casa, quanto mais voz de gente. E que chegasse! Quem ousaria descer a tal paragem antes do cantar do galo! Ali, sim!

E era o caminho do moço, por ser atalho breve que evitava os alagadiços da baixada. A mata, nessa noite sem lua, parecia mais enxameada de vaga-lumes: era um fagulhar contínuo na escuridão, e, através do negrume faiscante, Macambira seguia cansado, aborrido, suando, a tresandar catinga como fera ao cio.

Os olhos ardiam-lhe cinzados das longas vigílias, e flácido, extenuado, a cabeça oca, uma zoadá enfezante nos ouvidos, como de mosqueiro em lixo, arfava a haustos, apoiando-se aos troncos. Às súbitas, porém, assomos de ira revigoravam-no: partia desabrido, a correr, apartando furiosamente os ramos entravados, e, com farfalho estrondoso, abalsava-se aos galões tigrinos, quebrando galhos, arrancando da ramaria, a empuxões raivosos, longos, emaranhados fios de cipós. Fez alto à escuta, como se ouvisse algo.



Um barulho atroava soturnamente a brenha. Batuque ao longe... Seria? E logo lembrou-lhe o reino bárbaro.

Era a sua gente que chegava em som de guerra, prestes para a vingança longamente esperada. Vinham todos: os sobas, os feiticeiros, a horda ferina, o mulhero frenético, toda a cabilda em tumulto.

Estremeceu espavorido. Firmando-se a uma árvore, sentiu o tronco mover-se, pulsar como corpo humano. Retirou a mão amedrontado.

As ervas ziniam. Um estampido estrondou na espessura trevo-  
sa, asas estalaram; houve um instantâneo esfuziar na altura das copas.

Ê! E o negro, de olhos esbugalhados, o coração aos baques, desembainhou a adaga, pondo-se em guarda. O silêncio caiu, mais  
atra tornou-se a escuridão, apenas, de quando em quando, sibilava um ziado, acendia-se um halo na treva, um galho estralejava.

Pôs-se a caminho sarapantado, e, na incerteza das horas, receoso de perder aquela ocasião, precipitou-se por veredas tortuosas, saltando buraras, varando mataria cerrada, vadeando águas, descendo resvaladouros e corcovas eriçadas da macega ríspida.

Saiu no claro. A lua, tórpida, em unha, cortava o céu profundo.

Embaixo era o negro; pouco a pouco, porém, seus olhos conhecidos foram desvendando o caminho engasgado entre barrancas e penhas, como o leito seco de uma torrente, sinuoso, ondulado, subindo, precipitando-se em íngremes declives beirado de mato, para remontar adiante e, no alto, como uma cerca, a porteira do sino.

Desceu cauteloso o lançante do morro firmando-se em arestas, agarrando-se a raízes: a terra corria-lhe sob os pés, rolava atorroada em blocos, refervilhando e batendo embaixo, balofa. Quando pôs pé no caminho, respirou largo, a peito cheio. Uma coruja abalou



em voo surdo. O negro teve um arrepio de pavor esconjurando a ave, que se entranhou na mata com um chirrio de agouro.

Parado, a pensar, de olhos muito abertos, viu aspas hirtas em feixe, um tufo eriçado de puas – era uma touça de piteiras altas formando como uma sebe acúlea. Bom lugar! Ali sim?

Olhava atento o abrigo alanceado quando lhe ocorreu uma ideia. Estacou imóvel, o olhar alto. E sorriu. “Quero vê! Tem di pará memo. Quero vê!” Desenrolou a corda que o cingia e, levando-a de rasto, meteu-se a caminho, ladeira acima, ao longo das piteiras híspidas.

Chegando à porteira escancarada, empurrou-a de leve, lento, para que não rinchasse, fechou-a, passou-lhe a corda, amarrou-a ao mourão a fortes, retesadas voltas, e, assim como fazia uma rija laçada, resmungava contente, antegozando a vingança traiçoeira. “Cê topa aqui i para memo... Oh! si para! Quero vê só!” E arfava aos ahns! repuxando a corda aos sacalões e descaindo no esforço. “Para memo!” Deu mais uma laçada e, firmando aos mãos na porteira, puxou-a a si, de arranque. “Agora sim, tá dirêto. Agora sim... bamo vê. Cê é home, passa.”

Resfolegou satisfeito, correu o braço pela frente limpando o suor e dirigiu-se vagarosamente para o piteiral.

Ia sentar-se quando ouviu estropeada, como de galope próximo. O sangue fugiu-lhe, ficou suspenso, sem fôlego. Agachou-se e, de quatro, espiando por entre as espatas, esperou em ânsia.

O ruído morreu no silêncio apenas interrompido pela algazarra estrídula dos sapos no açude. Sentou-se com a adaga sobre as pernas, pronta. Tirou um cigarro do bolso, logo o esmagou, estralhou nervoso. E ficou pensando, revendo tudo: os dias de outra, a sua doce vida, a casa feliz e, linda, lânguida, cheirando a flor, a que morrera traindo-o. Aperrou duramente as mandíbulas estalejando os dentes, vergou uma das folhas das piteiras quebrando-a,

rasgando-a a fibras, e pôs-se, de ímpeto, de pé, sôfrego, desejando desesperadamente o moço.

Longe era a escuridão silente, e largo, luzindo lôbrego, com um talho de lua ao meio, o açude morto.

Pensava: Ter-se-ia enganado tomando um foguinho de campo pela fogueira combinada? Mas não, vira bem.

Olhou o céu. Devia ser tarde. Com certeza Julinho ficara na Barra, de pagode com a moça dos cavalinhos. Impaciente, imaginando hipóteses absurdas, escarapelava-se irritado e mais lhe acirravam o ódio à imobilidade, o silêncio daquele imenso vazio.

Tudo dormia calmo – a terra escura e as estrelas, lá em cima. Leve, a instantes, ao sopro lento da aragem, corria um frêmito nos ramos.

O ouvido fino e atento não perdia o ruído mais brando; os olhos alongados devassavam profundamente – nada mais que o negrume, e rasos, coriscando no açude, arrepiados lampejos fuscos.

De repente o coração pôs-se-lhe a bater, crebro. Firmou-se a prumo, hirto, erguendo-se nas pontas dos pés, avisado por um pressentimento.

Seria?! Águas não as havia ali que escachoassem, o ar estava parado, não bulia folha, entretanto um rumor aproximava-se, ora surdo, frouxo, ora trépido, como de galope. Estatelou-se, de borco, as mãos espalmadas, o ouvido no chão, à escuta. O coração batia-lhe tão forte que ressoava. Soerguendo-se, e, de cabeça alta, sorveu um largo fôlego como se farejasse gulosamente e, de novo, estirou-se imóvel. Não havia dúvida.

Com alegria canibal, raivando, a rilhar os dentes, ria surdo, aos bufidos. Ergueu-se lesto, de um salto achou-se junto da porteira, e, agarrando-a a mãos ambas, sacudiu-a de sacalão, assegurando-se da resistência. Serenando, olhou o terreno em volta, arregaçando lentamente as mangas da camisa e, de ímpeto, curvando os braços

em rija flexão, oprimiu-os duramente ao peito; súbito esticou-os de arremesso forcejando, a estalar os dentes, com um meneio feroz da cabeça e rugindo. Bufou cansado. Despiu o capote, lançou-o na touceira e, arrancando a adaga, mirou-a, repassou-a no bíceps, brandiu-a nervosamente.

O ruído ressoava perto, cascalhando nas pedras. Houve um resfôlego e, no mesmo instante, na volta do caminho, branqueou um vulto neblinando a sombra. Era Julinho, no ruço, marchador garboso, mas passarinho como ele só.

O negro acorrou-se contendo o fôlego, encolheu-se entre as espadas, a um passo da porteira. Fosse por sentir a casa perto ou porque o moço o estugasse, o animal arrancou a galope esperto, ladeira acima, com um ranger de correame novo.

O negro via-o chegar e agachava-se renteando com a terra, a tremer nas pernas, o coração aos baques, falta de ar, a vista airada.

O ruço fincava as patas, investia aos galões vencendo o aclave. Passou por ele, arfando. Junto à porteira cabeou árdego, ladeou de flanco, a sacudir a cabeça com um tinir fino de metais.

Julinho descaiu no estribo, agarrou a porteira, puxou-a e, com a inesperada resistência, desequilibrou-se, pendeu, quase tombou da sela. Firmou-se, puxou de novo, e sacudia-a frenético quando descobriu a corda cruzando-se entre as travessas e o grosso mourão de braúna. “Que estupidez! Quem será a besta que amarrou isto?!” Lentamente apeou com as rédeas no braço, remexeu nos bolsos, resmungando. Mas o animal arrifou arisco, recuou escorregando na rampa. O moço voltou-se para contê-lo e estacou assombrado, tremendo, a boca em hiato, os olhos muito abertos: o negro estava diante dele, impassível. A voz gargarejou-lhe rouca em constrição de terror.

– Quem é!?

Macambira encarava-o quieto.





– Cê não cunhece? Oia bem. Tamo aqui. – Julinho recuava estarecido, com um choro trêmulo, agitando as mãos túbias. O negro deixava-o ir gozando-lhe o terror misérrimo. Onde qu'ocê vai? Quando o viu encostado à porteira, que rangia abalada, avançou decidido, lançou-lhe a mão à garganta, e houve um rebrilho pálido, um grito longo de angústia, e o sangue jorrou a golfos. De novo o ferro fuzilou, embebeu-se no corpo, fundo, ainda saiu, tornou a esmo.

O corpo pendeu flácido, resvalou, descaiu, e o negro, atirando-se-lhe em cima, crivou-o a pontações. Ajoelhou-se-lhe sobre o peito sentindo-o escabujar e, empunhando a adaga a mãos ambas, pôs-se a atirar golpes de talho num furor de chacina, aos ahns esfalfados, como um lenhador a fender tronco. Depois ergueu-se, contemplou o cadáver, ainda o picou nas pernas, alanhou-lhe o rosto e, espetando-lhe a adaga no peito, pesou com todo o corpo sobre o punho da arma, a rugir.

Pôs-se, então, de pé, orgulhoso, levantou os olhos para o céu. Uma estria lívida coriscou na escuridão, a mata densa, ferrugínea, sacudia-se desabaladamente, desarreigava-se como se descesse do morro em massa; vozes roucas, lúgubres, barbarizavam na espessura, retiniam sons de guerra, e o negro, alucinado, brandindo a adaga sangrenta, regougou heroico proclamando a vitória, a vingança da cabilda, o feito maior na raça.

Pôs-se a girogirar tonto, sapateou em tripúdio, bradando para a fazenda adormecida, ao longe: “Ê! véia... vem vê!” E atirou-se, ladeira abaixo, em desapoderada corrida. Os matos rastolharam estrepitosos, e o ruço irrompeu desabrido, passou em fuga diante do negro, desaparecendo no macegal. Macambira estacou atônito, olhou em torno, sarapantado, e, numa dúvida, subiu a barranca até a porteira, acocorou-se junto ao cadáver, riscou um fósforo, alumiou-lhe o rosto e, vendo-o desfigurado a talhos, mascarrado a sangue, rugiu surdo, com a face contraída em ricto:



– Ehn! Ehn! I agora?! Agora tá í. Vai vê lá im cima s'ocê topa co'ela. Vai vê... – E sacudiu o cadáver, que rebolou molemente.

• • •

Barras sanguíneas broslavam o horizonte, a paisagem emergia, úmida, da sombra, e começava alegremente o ruído do ressurgimento diurno.

O negro sentou-se na barranca e, escarvando a terra, olhava ao longe, perdidamente, murmurando palavras vagas, acenando gestos de frenesi. De improviso, a uma ideia, levantou-se, apanhou à pressa o capote, ganhou a vereda íngreme e subiu a correr.

Do alto, entre as árvores, espalhou um lento olhar de devassa. De repente, com um grito, levantou a adaga, que alumiou fúlgura, brandiu-a desfolhando ramos.

O céu encardia-se, os cimos clareavam, fina moinha de ouro polvilhava os cerros. Voltou-se encarado na serrania dos quilombolas e esteve a olhar longamente, imóvel como uma estátua. Estrondos atroaram a mata: alarido, grita bárbara, sons estranhos, ululos. As ervas ondulavam como a um grande vento, e a luz era purpúrea: céus e terras vermelhejavam sangrentos.

O negro respirava forte, olhando, maravilhado, o espetáculo grandioso: era a carnificina anunciada, a guerra alta dos deuses e a guerra dos mártires que ressurgiam da terra, Munza à frente, glorioso. Era nas nuvens, era na montanha e no raso – sangue e fogo por tudo.

Lá vinham, em manadas, os cirros e os estratos, e pelos campos, pelos morros corriam sobas, guerreiros ferozes, velhas, crianças; plumejavam cocares, reluziam ferros, troavam buzinas; era a devastação, a vingança dos ídolos e dos negros, a vitória da religião e da raça.

E Macambira, vibrando de entusiasmo heroico, agitou a adaga, que rebrilhava ao sol, e, rápido, como investindo em assalto, galgou os escalões do morro desaparecendo na brenha, aos brados, no delírio do sangue, na alucinação do excídio.







© 2012, Fundação Darcy Ribeiro  
 Direitos desta edição pertencentes à Fundação Darcy Ribeiro  
 Rua Almirante Alexandrino, 1991  
 20241-263 - Rio de Janeiro – RJ  
 www.fundar.org.br

1ª Edição. 1ª Impressão. 2014.

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA – CULTIVE UM LIVRO

**Curadoria**

*Paulo de F. Ribeiro – Coordenação Geral*  
*Godofredo de Oliveira Neto*  
*Antonio Edmilson Martins Rodrigues*

**Comitê Editorial**

*Eric Nepomuceno – Fundação Darcy Ribeiro*  
*Oscar Gonçalves – Fundação Biblioteca Nacional*  
*Norberto Abreu e Silva Neto – Editora Universidade de Brasília*  
*Anibal Bragança – Fundação Biblioteca Nacional*  
*Lucia Pulino – Editora Universidade de Brasília*

**Produção**

*Editora Batel*

**Coordenação editorial**

*Carlos Barbosa*

**Projeto gráfico**

*Solange Trevisan zc*

**Diagramação**

*Solange Trevisan zc*

*Ilustrarte Design e Produção Editorial*

**Tratamento de textos da coleção**

*Clara Diamant*

*Edmilson Carneiro*

*Cerise Gurgel C. da Silveira*

*Carina Lessa*

*Léia Elias Coelho*

*Maria Edite Freire Rocha*

**Projeto de capa**

*Leonardo Viana*

**Assessoria de Comunicação Fundar**

*Laura Murta*

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C672r

Coelho Neto, 1864-1934

Rei negro / Coelho Neto. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 226 p.; 21 cm.  
 – (Coleção biblioteca básica brasileira; 10)

ISBN 978-85-635-7456-5

1. Ficção brasileira. I. Fundação Darcy Ribeiro II. Título. III. Série.

CDD-B869.3

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587



**Patrocínio:**



**Realização:**

Ministério da  
Cultura



**Impressão e acabamento :**





## **FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO**

### **Instituidor**

*Darcy Ribeiro*

### **Conselho Curador**

*Alberto Venancio Filho*

*Antonio Risério*

*Daniel Corrêa Homem de Carvalho*

*Elizabeth Versiani Formaggini*

*Eric Nepomuceno*

*Fernando Otávio de Freitas Peregrino*

*Gisele Jacon de Araujo Moreira*

*Haroldo Costa*

*Haydée Ribeiro Coelho*

*Irene Figueira Ferraz*

*Isa Grinspum Ferraz*

*Lauro Mário Perdigão Schuch*

*Leonel Kaz*

*Lucia Velloso Maurício*

*Luzia de Maria Rodrigues Reis*

*Maria de Nazareth Gama e Silva*

*Maria Elizabeth Brêa Monteiro*

*Maria José Latgé Kwamme*

*Maria Stella Faria de Amorim*

*Maria Vera Teixeira Brant*

*Paulo de F. Ribeiro*

*Paulo Sergio Duarte*

*Sergio Pereira da Silva*

*Wilson Mirza*

*Yolanda Lima Lobo*

### **Conselho Fiscal**

*Eduardo Chuahy*

*Mauro Justino da Costa*

*Trajano Ricardo Monteiro Ribeiro*

*Alexandre Gomes Nordskog – Suplente*

### **Diretoria Executiva**

*Paulo de F. Ribeiro – Presidente*

*Haroldo Costa – Vice-Presidente*

*Maria José Latgé Kwamme – Diretora Administrativo-Financeira*

*Isa Grinspum Ferraz – Diretora Cultural*

*Maria Stella Faria de Amorim – Diretora Técnica*

